



ANTOLOGIA

PORTUGUEZA

Trechos selectos coordenados
sob a classificação dos generos litterarios e precedidos de uma

POETICA HISTORICA PORTUGUEZA

PARTE COMPLEMENTAR DO

MANUAL DE LITTERATURA

APPROVADO PELA JUNTA CONSULTIVA DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

POR

THEOPHILO BBAGA

Professor de Litteraturas modernas no Curso Superior de Lettras

PORTO
LIVRARIA UNIVERSAL
DE
MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES
12—Largo dos Loyos—14

1876



CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA

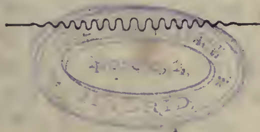
ANTOLOGIA PORTUGUEZA

Trechos selectos coordenados
sob a classificacão dos generos litterarios e precedidos de uma

POETICA HISTORICA PORTUGUEZA

POR

THEOPHILO BRAGA
Professor de Litteraturas modernas no Curso Superior de Lettras





PORTO
LIVRARIA UNIVERSAL
DE
MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES
12—Largo dos Loyos—14

1876



PORTO
IMPRENSA COMMERCIAL
Rua dos Lavadouros—16

1876

POETICA HISTORICA PORTUGUEZA

PARTE I

DA METRIFICAÇÃO

1. O rythmo de uma lingua estabelecido por um dado numero de palavras, dentro das quaes se distribue um numero certo de pés, ou de accentos, chama-se *metro*. (Do grego *metron,* medida)

2. O estudo prosodico de uma lingua, sob o ponto de vista da *quantidade* ou dos *accentos*, chama-se *Metrificação.*—Este estudo não forma os poetas, mas ensina a criticar as obras que constituem a riqueza poetica de um povo, filiando a sua origem, ou provando a sua authenticidade.

3. Como os principaes documentos da historia da humanidade são obras poeticas, muitas vezes restituidas á sua integridade por processos criticos, d'aqui a importancia do estudo da metrificacão. Applicado este estudo ao ponto de vista particular do nosso povo, forma-se assim uma *Poetica historica portugueza.*

I—Da Accentuação

4. Na poetica das linguas romanicas perdeu-se a noção da *quantidade;* a duração ou a rapidez da phrase, combinando syllabas longas e breves, em grupos chama-

dos *pés,* constitue a metrificação das linguas flexionaes, como no sanskirito, no grego, no latim, e no allemão.

5. Quando se perde o sentido ideologico das flexões, e as palavras são derivadas de outras mais antigas por abreviação, dá-se a revolução phonetica da decadencia das vogaes mudas e consoantes mediaes, permanecendo sempre inalteravel *a vogal accentuada.* Ex.: *Quadragésima, Quarésma, Carème,* em que desappareceram as consoantes mediaes *d, g, s,* e as vogaes mudas *u, a, i* e *a,* conservando-se inalteravel a vogal accentuada *é.*

6. A acção da *vogal accentuada* nos dialectos romanicos, explica-nos o modo como a metrificação moderna, produzida pelo povo, estabeleceu a *accentuação* como base da metrificação litteraria.

7. As alterações phoneticas provocadas pelas proprias necessidades poeticas, como o augmento ou diminuição de syllaba, a mudança de letra, são um meio artificial para harmonisar a *accentuação* dentro do metro. O uso d'estas licenças repugna á espontaneidade da concepção poetica.

8. Conforme o numero de syllabas *accentuadas* que se incluem no metro, assim se caracterisa o *verso,* em *Redondilha, Endecasyllabo* ou *Alexandrino.* Chama-se pausa metrica o ultimo accento que cabe no metro. A syllaba grammatical não se conta.

II—Do Verso

9. Ao grupo de *accentos* distribuidos dentro de qualquer metro chama-se *Verso.* (Do latim *versus,* de *verto,* voltar para traz.) Pode caracterisar-se: *a)* segundo o numero de syllabas que contém; *b)* segundo a disposição dos accentos, ou syllabas metricas.

10. O *verso* é susceptivel de dividir-se em partes, chamadas *hemistychios,* que se ligam á cadencia da ac-

centuação total; esta propriedade tira ao verso a monotonia e facilita a variedade das estrophes.

a) Segundo o numero de Syllabas

11. Em geral os versos de uma syllaba, de duas, trez ou mesmo quatro, por isso que difficilmente servem para exprimir o pensamento, são empregados como hemistychios, e como estribilhos da estrophe.

12. O verso de cinco syllabas, com accento na primeira e quinta, ou tambem na segunda e quinta, de origem popular e nacional, chama-se *Redondilha menor;* ou segundo a designação historica provençal *Arte menor,* como lhe chamava Santillana. (Vid. n.os 59, 91 etc.) (1) Este verso é hemistychio do verso tambem nacional composto de dez syllabas *(em decas) Endexa.*

13. A' mesma designação de *Redondilha menor* pertence o verso de seis syllabas, tambem empregado como hemistychio de *Endecasyllabo.* (Vid. n.º 7.)

14. O verso mais natural e espontaneo tanto no hespanhol como no portuguez é o de sete syllabas, que se falla e cadenceia inconscientemente tanto nos improvisos como na prosa dos escriptores. Chama-se *Redondilha maior*, mas pertence ainda á categoria provençal da *Arte menor.* (Vid. n.os 9, 95, etc.) O uso quasi exclusivo d'este verso, provocou no principio do seculo XVI, tanto em Portugal como em Hespanha, a imitação dos Endecasyllabos italianos; por este motivo chamou-se-lhe *medida velha,* e nunca foi abandonado na poesia palaciana.

15. O verso de outo syllabas não é do genio prosodico da lingua portugueza; ha comtudo exemplos produzidos por um esforço não louvavel. Tanto nos versos de *Redondilha menor* como *maior,* a disposição dos accentos

(1) Os numeros citados entre parenthesis referem-se á sigla marginal de cada composição da Antologia.

é arbitraria, comtanto que se sinta uma certa regularidade.

16. O verso de nove syllabas, com accentos rigorosamente na terceira, sexta e nona, é de uso moderno; pode-se caracterisar com o epitheto de *Marcial,* posto que seja tambem elegiaco. (N.º 243.)

17. O verso de dez syllabas apparece na antiga poesia portugueza, proveniente da imitação provençal da Eschola de Limoges; chamou-se no seculo XV *limosino;* quando era formado por hemistychios de Redondilha menor chamava-se-lhe *Endexa.* Proveiu da imitação da metrificação por *quantidade.* Tambem se lhe chama *Endecasyllabo heroico,* e é o unico metro que dispensa completamente a *rima.* A disposição das syllabas é sempre variavel, e é n'isto que está a sua aproximação da harmonia da quantidade latina. (Vid. n.ºs 26, 42, 48. Forma moderna, n.º 149.)

18. Existe outro verso heroico, com accentos na segunda, quinta, outava e undecima syllabas; bastante usado na antiga poesia nacional, e renovado na eschola ramantica portugueza. (Vid. n.ºs 12, 28, 112.)

19. Chama-se verso *alexandrino,* o que consta de doze syllabas, com accentos rigorosamente na sexta, decima e duodecima. Este verso é formado por dois hemistychios da redondilha menor de seis syllabas, e em geral a sua rima é em parelhas. Chama-se *alexandrino,* por ter sido empregado pelo troveiro Alexandre de Paris, no seculo XII, no poema de *Alexandre.* As formas antigas são imperfeitas. (Vid. n.ºs 1 e 39.) Foi renovado na eschola romantica. Alem de doze syllabas a metrificação torna-se prosa rythmica.

b) Segundo a disposição da Syllaba metrica

20. A *syllaba metrica* é aquella que termina o metro, e chama-se assim para a distinguir das syllabas não accentuadas, que excedem o metro e são grammaticaes.

21. Se o verso termina rigorosamente na syllaba metrica, chama-se *agudo;* é empregado nas pausas estrophicas, e deve ser sempre evitado no verso solto endecasyllabo. Se além da syllaba metrica, existe uma outra syllaba grammatical, o verso é *grave;* usa-se exclusivamente no verso solto, e nos versos de redondilha é combinado com o *agudo.* Se a syllaba metrica coincide na antepenultima da palavra com que o metro termina, o verso chama-se *exdruxulo.*

22. O hemistychio de qualquer metro tambem se considera como um verso completo, e chama-se *verso quebrado.*

III—Da Estrophe

23. A reunião de dois ou mais versos, ligados entre si pela rima, constitue uma *estancia,* ou *estrophe.* Esta designação não tem já o sentido primitivo, derivado do seu uso religioso nos templos gregos.

a) Segundo o numero de Versos

24. Um verso só pode considerar-se como *Divisa* ou *Mote,* ou mesmo um aphorismo, como se vê nos anexins populares.

25. Dois versos, rimando conjunctamente formam a estrophe de *Parelhas;* usa-se de preferencia no verso *alexandrino.* Muitas vezes as parelhas alternam a rima, quando são separadas por um *estribilho.* (Vid. n.º 10.)

26. Trez versos, rimando o primeiro com o terceiro, e o segundo encadeando-se com a rima do seguinte, formam a estrophe chamada *Terceto.* Deriva-se da poetica italiana, e foi introduzida em Portugal no seculo XVI; era empregada esta estrophe nas *Elegias* ou *Capitolos,* nas *Cartas* e *Eclogas.* Nas imitações provençaes era usado

como *Cabo,* no fim das Tenções; e na eschola italiana termina sempre os Sonetos. (Vid. n.os 184 e 185.)

27. Quatro versos formam a estrophe mais natural da poetica das linguas romanicas. Tal é a *quadra* popular, rimando o segundo com o quarto verso. (Vid. n.º 7, 20.) Ou a quadra litteraria, rimando o primeiro verso com o terceiro, e o segundo com o quarto. (Vid. n.º 41.) Ou rimando o primeiro com o quarto, e o segundo com o terceiro. (Vid. n.º 45.) Ou rimando o primeiro, segundo e terceiro, ficando o quarto verso rimando com todos os quartos das estrophes seguintes. (Vid. n.º 103.) A quadra em endecasyllabos ou alexandrinos já era conhecida na antiga poesia da Peninsula pelo nome de *quaderna via.*

28. A *quintilha* compõe-se de cinco versos, rimando na seguinte ordem: primeiro com o quarto e quinto, e segundo com o terceiro verso. (Vid. n.º 37.) Ou o primeiro com o terceiro e quinto, e segundo com o quarto. (Vid. n.º 38.) Ou o primeiro com segundo e quarto, e terceiro com o quinto. (Vid. n.º 60.) Ou o primeiro com o terceiro e quarto, e segundo com o quinto. (Vid. n.º 115.) Esta ultima forma da *quintilha* é a mais usual, renovada de Sá de Miranda no seculo XVIII por Tolentino. Ha outras variedades. (Vid. n.º 30.)

29. A *sextilha* ou *sextina,* é uma estrophe composta de seis versos; rimando o segundo, quarto e sexto. (Vid. n.º 3.) Ha muitas combinações de rima, a mais notavel é a da *maneira italiana;* na primeira estrophe não ha rima, porém na seguinte estrophe cada verso irá repetindo na primeira a palavra do ultimo, no seguinte a palavra do primeiro. (Vid. n.º 136.) Sá de Miranda e Camões usaram este artificio. (Vid. n.º 49 e 64.)

30. A *septilha,* compõe-se de sete versos, rimando o primeiro com o quarto e septimo, e o segundo com o terceiro, quinto e sexto. (Vid. n.º 26.) Ou o primeiro com o terceiro e septimo, o segundo com o quarto, e o quinto

emparelhado com o sexto. (Vid. n.os 27, 48.) Ou o primeiro com o quarto e septimo; o segundo emparelhado com o terceiro, e o quinto com o sexto. (Vid. n.º 62.) Ou o primeiro com o quarto e quinto, o segundo emparelhado com o terceiro; e o sexto emparelhado com o septimo. (Vid. n.º 87.) Ou o primeiro verso rimando com o terceiro; o segundo com o quarto e quinto, e o sexto emparelhado com o septimo. (Vid. n.º 91.)

31. A *outava,* apresenta duas construcções distinctas, uma anterior á imitação italiana, propriamente hespanhola empregada por Affonso o Sabio; e outra usada na eschola quinhentista, tal como a formou Boccacio e a vulgarisou Ariosto. Na outava castelhana, rima o primeiro verso com o quarto, quinto e outavo; e o segundo emparelhando com o terceiro, e o sexto com o septimo. (Vid. n.º 69.) Era mais usual na forma lyrica. Esta outra disposição: o primeiro verso rimando com o quarto, quinto e septimo; o segundo emparelhando com o terceiro, e o sexto rimando com o outavo, (Vid. n.º 71) era mais propria da poesia heroica. Ou o primeiro rimando com o terceiro; o segundo com o quarto, quinto e outavo, o sexto emparelhando com o septimo. (Vid. n.º 112.)—Na *outava* italiana, como a introduziu Sá de Miranda, e a aperfeiçôou Camões, rima o primeiro com o terceiro e quinto; o segundo com o quarto e sexto; o septimo verso emparelha com o outavo. (Vid. n.º 149.) Esta é uma das estrophes de maior belleza.

32. A *decima,* é sempre em verso de redondilhas; ou formada de duas quintilhas independentes. (Vid. n.º 143.) Ou rimando o primeiro verso com o terceiro, sexto e septimo; o segundo, com o quarto e quinto; e o outavo, nono e decimo entre si. (Vid. n.º 57.) Ou o primeiro com o quarto e quinto; o segundo emparelhando com o terceiro; o sexto com o septimo e decimo, e o outavo emparelhando com o nono. Todas estas combinações são a capricho.

33. No verso sôlto não ha estrophe definida.

b) Segundo a disposição metrica.

34. Segundo a disposição metrica a estrophe apresenta muitas variedades, sobretudo pela combinação dos versos quebrados, (Vid. n.os 79 e 82) ou pela repetição dos estribilhos, (Vid. n.os 19, 20, etc.) ou de um *Mote* obrigado. (Vid. n.os 98 e 99.)

35. As divisões de *Antistrophe* e *Epodo,* introduzidas por Diniz nas odes pindaricas da Arcadia, são alheias á poesia moderna. Apenas existe o *Côro,* em que a multidão responde á voz que vae cantando. (Vid. n.º 74, 75 e 76.)

IV — Da Rima

36. A palavra *hrima,* na poesia do norte, significava verso e composição metrica. N'este sentido usaram-na os nossos poetas, como *Rimas* de Camões, etc. Deu-se especialmente o nome de *rima,* ou *consoante,* á correspondencia de sons da ultima syllaba metrica de um verso com a de outro ou outros versos, formando assim um todo harmonico ou estrophe. Segundo esta correspondencia de sons, a rima apresenta muitissimas variedades:

a) Em quanto á repetição de uma mesma letra.

37. A fórma mais rudimentar da rima, é a *Aliteração,* a qual consiste na repetição intencional de uma dada letra, que provoca o ouvido a buscar a accentuação da phrase. E' muito frequente na tradição popular, sobretudo nos anexins:

Domar protros, porém poucos.

Tambem nos apparece com fórma litteraria na poetica do seculo XV. (Vid. n.º 89.)

38. Depois da aliteração, a *Tautologia* é o rudimento da relação entre o rythmo e o metro; é a repetição da mesma ideia por palavras differentes, e quasi sempre aliteradas. A *tautologia* pode ser simples; ex.: *Dito e feito;* ou aliterada; ex.: S*ão e* s*alvo*. Este vestigio da poesia primitiva raras vezes se encontra na poesia individual. (Vid. n.os 138 e 139.)

39. Quando a estrophe tem uma só rima por effeito da repetição da mesma palavra, ou por effeito da correspondencia de um mesmo som, chama-se *Monorrimo*. E' tambem um caracteristico da poesia primitiva. Do primeiro genero, temos imitações provençaes. (Vid. n.º 56.) Do segundo genero temos monumentos populares (Vid. n.º 1,) e imitações das Gestas francezas. (Vid. n.º 39.) N'este ultimo caso as estrophes conhecem-se pela mudança de rima, terminando com uma *Neuma,* ou grito interjecional.

b) Emquanto á a proximação de uma letra

40. A forma mais simples e espontanea da rima é a *Assonancia;* consiste na correspondencia da vogal accentuada da ultima syllaba metrica, abandonando a egualdade de sons das outras letras restantes. E' sobretudo empregada na poesia popular, especialmente nos Romances. (Vid. 66, 106.) A esta fórma de rima tambem se lhe chama *Toante.*

41. A *Consoante* é a rima perfeita, quando a vogal final e as letras restantes são identicas nos differentes versos. A rima é *pobre,* se a rima se estabelece entre suffixos de adjectivo, ou entre suffixos verbaes; *rica,* se a cadencia e harmonia se procura conjunctamente entre substantivos, adjectivos, verbos e adverbios.

c) Formas estrophicas derivadas da disposição da Rima

42. As letras obrigadas no principio ou no fim de cado verso, chamam-se *Acrostico;* (Vid. n.os 85 e 86) ou *Telestichio.* (Vid. n.º 88.) Estes artificios pertencem ás epocas de decadencia.—Os *Labyrintos,* em que cada estrophe póde ser lida de muitos modos; os *Eccos,* (Vid. n.º 140) em que a syllaba metrica final se repete com um sentido novo, e mil outros artificios, acham-se na poetica portugueza, mas não devem ser imitados. Citaremos o *Centão,* no qual a estrophe é formada com versos escolhidos de um poeta celebre, formando um novo sentido. (Vid. n.º 203.)

43. A rima pode *encadear-se* do fim do verso para o meio do que se lhe segue, como usaram Sá de Miranda e Camões; a repetição do verso tambem dá origem a varias formas estrophicas, como a *Canção redonda* e a *lexaprem,* dos artificios provençaes. Porem estes caracteristicos só podem ser melhor definidos, ao tratar dos generos poeticos.

PARTE II

DA TAXONOMIA POETICA

44. A classificação dos generos poeticos assenta hoje sobre bases positivas, do mesmo modo que a classificação da linguagem; o estudo comparativo das litteraturas leva a determinar nas concepções poeticas da humanidade trez formas fundamentaes, *Epicas, Lyricas* e *Dramaticas*.

45. A *Epopêa* é uma degeneração de mythos religiosos, em que os nomes dos deuses se tornaram os nomes de heroes nacionaes, impondo-se com realidade historica. E' esta a epopêa natural, formada de grupos de differentes poemetos locaes, como as *Ityasas,* na India, as *Rhapsodias,* na Grecia, as *Cantilenas,* na edade media, ou os *Episodios* na epopêa individual de Virgilio ou dos poetas modernos.

A concepção epica corresponde á epoca da constituição nacional, da qual ella é como a unificação. Em quanto ao estado de espirito representa os factos de um modo objectivo, e sempre narrativo.

46. O *Lyrismo* corresponde a um estudo de espirito costumado á especulação subjectiva, e ao habito de exprimir a passividade psychologica. Pertence ás epocas de cultura litteraria, e é sempre representado por altas individualidades. E' descriptivo.

47. O *Drama*, corresponde a uma phase social em que existem idêas moraes definidas, entre as quaes se estabelece a collisão ou *situação*, e quando existe um certo desenvolvimento de vida burgueza que se manifesta por um poder novo ou opinião publica. Este genero é digressivo.

Todas as creações litterarias se reduzem completamente a estas trez categorias.

48. Na Poesia portugueza, não havendo um forte elemento *tradicional* para ser elaborado segundo as necessidades do sentimento nacional, prevaleceu a *imitação* desde a edade media até hoje. Sigamos essas varias correntes.

I—Eschola provençal

a) Genero epico

49. Na poesia da edade media, a fórma epica designa-se pelo nome de *Gesta*, ou *Canção*, e é composta de diversos poemetos cyclicos, chamados *Cantilenas*. Na Poesia portugueza do seculo XIV apenas se encontram estes rudimentos da epopêa, ou Cantilenas, uma só vez com o nome de *Gesta*; (Vid n.º 39) e segundo o uso vulgar com o nome de *Canção*. (Vid. n.º 1.) E' em versos alexandrinos, e monorrimos.

50. A designação popular de *Loenda*, deriva-se da fórma latina da *Legenda*, poesia intermediaria ao povo e aos eruditos, redigida para celebrar as sanctificações locaes da edade media. (Vid. n.º 2.)

51. A fórma epica de *Romance*, apresenta varios sentidos; primeiramente a designação provençal de *Romans*, significava qualquer composição versificada sem separação de estrophes e com caracter narrativo. (Vid. n.º 41.) Antes porém de designar as cantilenas populares, significava qualquer dialecto novo-latino, e extensivamente a

linguagem, e o canto narrativo vulgar; dizia-se *Cantar romance.* Só no seculo XIV veiu a exprimir as tradições epicas peninsulares em verso de redondilha em assonancia. Um dos mais antigos romances do seculo XIV é o de D. Fernando de Castella. (Vid. n.º 3.) Na Eschola quinhentista verêmos as transformações do *Romance.*

52. A *Chacone* era tambem um canto epico, que os cegos, segundo os costumes germanicos, entoavam; d'esta circumstancia lhe adveiu a denominação de *Ciecone;* acha-se nos costumes italianos, francezes e hespanhoes, o que justifica mais esta origem. (Vid. n.º 4.)

b) Genero lyrico—Eschola gallega.

53. A Canção lyrica popular de vigilia de santos e romarias, derivada das *letanias* sacras, como as Prosas e as Salvas, chama-se *Canto de ledino.* (Vid. 5 e 6.) Pertence á tradição galleziana e chegou a ser imitada nos Cancioneiros aristocraticos.

54. A *Serranilha,* ou *Serrana,* como lhe chamava o Marquez de Santillana, é a canção pastoril da tradição galleziana, em redondilha menor e quasi sempre em dialogo. Por ventura na serranilha existe algum elemento arabe, como se pode inferir do arabe *sehra.* Foi esta fórma popular a que mais fecundou o lyrismo portuguez. (Vid. 37, 87, 123, 130, 198.) O genero de composições populares arabes chamado *Zadschal,* foi imitado aqui pelo povo portuguez.

55. O genero da *Serranilha* toma differentes nomes conforme os estribilhos ou tautologias que o distinguem; quando a canção é dirigida a um amigo ou namorado chama-se *Cantiga de Amigo;* el-rei D. Diniz separa sob esta designação a imitação do lyrismo da eschola gallega da imitação provençal. (Vid. 7, 8, 9.)

O *Cantar guayado,* é a serranilha, assim chamada da neuma *Guay* ou *Ai,* com que sempre era começada. (Vid. 14, 15, 16, 17, 18, 19.)

O *Dizer,* é a serranilha quando começa por uma pergunta ou por uma affirmação: *Dizei-me* ou *Disse-me.* (Vid. 20, 21, 22.) O *Dito,* ou *Ditado,* significava linguagem e poesia; ainda no seculo XVI *Dizidor* significava improvisador satyrico.

56. A *Barca* ou *Barcarola* é o idylio maritimo galleziano,—que entrou nos Cancioneiros de imitação provençal. Ainda nos apparece no seculo XVI usado por Gil Vicente na *Náo d'Amores,* e citado por Ayres Telles. (Vid. 31, 32, 33, 34, 35, 36.)

Eschola franceza

57. A *Sirvente* era a canção satyrica e a expressão da opinião publica da edade media; era *politica;* (Vid. n.º 40.) *moral,* (Vid. n.º 49.) Este genero teve entre nós um nome nacional *Cantiga de mal-dizer,* e sob a influencia hespanhola teve o nome de *Apodo.*

58. A *Planh* era uma especie de *Sirvente* elegiaca, á morte de algum grande personagem. (Vid. n.º 42.) Era escripta em endecasyllabos para ser cantada. Ao mesmo genero sirventesco pertencem:

A *Devinalls,* canção lyrica de imitação provençal, a qual, segundo Diez, era baseada sobre um equivoco de palavra, que se adivinha. (Vid. n.º 25.)

A *Noellaire* ou *Novas,* cantava uma acção ficticia, mas com intenção moral. (Vid. 26.)

59. A Canção em que dois contendedores tomam parte, encarecendo cada qual o seu amor, chama-se *Jocx-partitz.* (Vid. 43.) Quando a questão é entre os namorados, chama-se *Jocz enamoratz;* (Vid. 44 e 45) e se é entre varios trovadores é a *Torneamens.*

60. A *Alvorada,* é a canção de vigilia de origem popular sem caracter religioso, destinada a celebrar os pequenos successos da vida do trabalho, feitos ao amanhecer. (Vid. 10, 11, 12 e 13.) Coincíde com a imitação

provençal da *Aubade,* á qual se succedia a *Serena,* ou ou descante nocturno, ainda nos costumes portuguezes.

61. A Canção destinada a acompanhar o baile ou bailia chamava-se a *Baylata.* Isidoro de Sevilha fala das vetustissimas *Balismatias.* Tem um metro adequado ao rythmo da dança; o refrem obrigado varía na collocação das palavras em cada estrophe. (Vid. n.º 28 e 59.) Ainda no seculo XVI se lhe chamava *bailho villão.* Foi introduzido nos Cancioneiros pela influencia artistica provençal.

62. O *Descort* era uma canção discorde já pela variedade do metro, já pela irregularidade da estrophe, já pela confusão dos dialectos misturados na mesma composição. (Vid. 46.) Era um artificio para exprimir o estado de um espirito perturbado por um amor não correspondido.

63. A *Canção franceza,* distingue-se porque a mesma palavra serve de rima na estrophe, e sobretudo o mesmo verbo em diversos tempos. (Vid. 47 e 1.) A este genero pertencem as *Coblas monorrimas,* que em cada strophe tem uma só rima. (Vid. 56.)

64. O artificio da rima produziu muitas outras variedades de canção; taes são o *Mansobre doble,* forma peninsular caracterisada pelo Marquez de Santillana, em que a rima é duplamente encadeada, (Vid. 53.) no meio e no fim do verso; a Canção de *Mansobre menor,* em que se repete a mesma palavra em dois versos como rima, no principio da estrophe. (Vid. 55.) A Canção de *Lexaprem* (deixa e pega) ou segundo a poetica provençal, *Canção redonda,* em que o ultimo verso de uma estrophe serve de primeiro á estrophe seguinte. (Vid. 54.) Tambem se lhe chamava *Encadenada.*

65. A Canção chamada *Refrem* é aquella em que o estribilho não serve só para unir uma estrophe a outra, mas encerra o pensamento total da canção. (Vid. 50, 51 e 53.) A esta classe pertencem as *Lyras,* ou refrens en-

soados, (Vid. 61.) tornados a pôr em moda por Gonzaga no seculo XVIII, tendo sido conservados na tradição brazileira desde o seculo XVI.

66. A *Decima*, assim designada pelo numero de versos de cada estrophe, pelo seu sentido indeterminado conservou-se na poesia até ao presente. (Vid. 57.)

67. A canção amorosa em que o trovador fallava da sua dama mysteriosamente chamando-lhe *Dona*, conservou por isso a designação de *Donaire*. (Vid. 58.) A canção em que o trovador saúda a sua dama, era o *Salutz*, (Vid. n.º 29.) O *Solatz* ou *Soláo*, ou *cantar solariego*, como lhe chamava Quevedo, é a canção elegiaca em que o trovador desabafa em um monologo consolando-se; reaparece no seculo XVI; a elle alludem Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Jorge Ferreira e D. Manoel de Portugal. (Vid. 30, 60.)

68. A *Pastorella, Pastoreta* ou *Vaqueira*, é o idylio provençal em que se celebra uma Pastora que guarda gado e se lamenta do seu amor perdido. Algumas vezes o trovador intercalla no meio das estrophes como retornello ou em jocs-partitz as queixas da pastora. (Vid. 37 e 38.) E' a *Serranilha* com um caracter mais restricto e narrativo.

69. A canção commum aos trovadores e aos jograes, em que se discute satyricamente um dado thema de amor, chamava-se *Tenção*. Termina com uma estrophe, chamada *Cabo*, em que cada trovador improvisa a sua metade, na qual resume a sua opinião. (Vid. 62 e 63.) Era realmente composta por differentes trovadores, improvisada e julgada pelo auditorio; quando era sómente satyrica chamava-se *Tenção de mal-dizer*.

Eschola bretã

70. O *Lai* era uma canção lyrica de amor, cantada no gosto das arias bretans introduzidas na Peninsula no

seculo XIV. Tem apenas de caracteristico a designação; acham-se allusões a este genero de que os Cancioneiros não conservaram o typo. (Vid. n.º 64.) Na poesia hespanhola ainda se conservavam no seculo XV os *Virelay*, genero contraposto ao *Lai*.

II—Eschola hespanhola

Genero epico

71. No seculo XV desapparece a maneira provençal, e o *Romance* nacional continúa quasi desconhecido dos eruditos; no emtanto o povo continúa a celebrar em cantilenas as suas tradições e os factos da historia portugueza. (Vid. 65 e 68.) O *Romance* tem varios generos, segundo os assumptos que celebra; é *cavalheiresco*, quando trata tradições carlingianas ou arthurianas; (Vid. n.º 67) de *aventuras*, quando se não refere a algum cyclo tradicional da edade media; *historico*, quando celebra facto real; (Vid. 68) *sacro*, quando celebra a lenda da paixão; e *entretenido* ou *subjectivo*, quando perde o seu caracter narrativo e serve de expressão do sentimento. Todas estas fórmas foram imitadas pelos eruditos, quando o *Romance* popular se tornou Litterario. (Vid. 109 a 111; 187 e 188; 195 e 196.)

72. A *Glosa* é uma composição em redondilhas, em geral em outavas ou decimas, que terminava com um verso de romance velho. Resende, á maneira hespanhola glosou o Romance de *Tiempo bueno*. Tomou um caracter lyrico subjectivo, e é mais conhecida pelo nome de *Volta*.

A designação popular do Romance tradicional é a de *Aravia*, usada sobretudo nas ilhas dos Açores. A classe popular essencialmente mosarabe, conservou mui-

tas melopêas arabes, ao som das quaes repetiu as suas redondilhas narrativas. D'aqui uma tal designação, derivada d'esta circumstancia accidental e exterior.

73. A fórma epica litteraria do seculo XV, na qual se celebrava os desastres politicos, era em verso endecasyllabo, com a estrophe em outava castelhana; era uma especie de sirventesio a que se dava o nome de *Lamentação*. (Vid. n.º 71.) Esta designação acha-se abonada pelo Marquez de Santillana; tem intima analogia com os *Poemeti* italianos.

Genero lyrico

74. O lyrismo popular apresenta varias formas sem distincção fundamental, como o *Cantarcilho,* em quadras de redondilha menor. (Vid. n.º 72.) A *Tonadilha,* ou quintilha em redondilha menor, cuja tradição por ventura influiu nos *Tonos* da côrte de D. João IV. A *Seguidilha,* nome hespanhol da cantiga em quadras, quando se seguem entre si; (Vid. n.º 74) podia ter mais de quatro versos na estrophe, com retornello, a que se chamava *pé,* quando é de trez versos. Os *Clamores* são a elegia popular. (Vid. n.º 76.)

75. A *Esparsa,* é uma estrophe elegiaca, em fórma epigrammatica, usada na poesia palaciana; é uma especie de *Volta,* independente de Mote. (Vid. n.os 83, 84 e 85.)

76. A *Volta,* é uma especie de glosa, em que se não reproduzem os versos do *Mote,* mas em que se interpreta ou disserta sobre o seu sentido. (Vid. n.os 79 e 80.) A Glosa é que prevaleceu na poesia portugueza até ao principio do seculo XIX. O *Mote* era uma estrophe tomada da tradição ou de qualquer escriptor, e então chamava-se *Mote alheio.* Tambem toma o nome de *Vilancete* (Vid. n.º 90, 91 e 92.)

77. A *Copla* e a *Trova* eram a designação mais geral de qualquer composição poetica em redondilha maior, com estrophes de outavas ou de decimas. (Vid n.os 69, 70, 78.) A *Trova* tambem tinha o sentido de glosa; assim se diz Vilancete *trovado,* (Vid. n.º 87.) Romance *trovado;* e podia ser com redondilhas quebradas. (Vid. n.º 82.) A *Coplilha* era a trova em redondilha menor. (Vid. 92.) As *Trovas aliteradas,* ou em *rimas forçadas,* (Vid. 89 e 88) são restos dos artificios provençalescos, que se reproduziram novamente no principio do seculo XVIII. Este genero offerece differentes variedades, conforme o seu uso palaciano; assim o *Rifão* e o *Apodo,* eram como o mote e voltas das trovas ou coplas satyricas; as *Perguntas,* os *Porquês?* as *Ajudas,* os *Louvores,* as *Respostas,* nada offerecem de caracteristico. (Vid. n.os 96, 97, 100.) A *Volta* tem intimas analogias com o genero arabe *Muvaschaja.*

78. A *Oração farsi* ou *Fursiture,* é a copla com versos latinos intercallados, fórma derivada dos antigos cantos ecclesiasticos, quando o povo tomava parte na liturgia. (Vid. n.º 101.)

Genero dramatico

79. A *Chacota* era um baile dialogado, em que uma pessoa só cantava e servia de *Guia,* e os outros respondiam em côro. (Vid. n.º 75.) Gil Vicente termina muitos dos seus Autos assim. Tambem se chamava *Ratorta,* e á letra cantada, *Breve.* (Vid. 104.) O *Mômo,* era a fórma dramatica rudimentar das festas palacianas; era misturado de prosa e verso e fallavam pelo menos trez figuras. Tinha um caracter allegorico. (Vid. n.º 102.)

III—Eschola quinhentista

A) IMITAÇÃO HISPANO-ITALICA

Genero epico

80. O Romance no seculo XVI é imitado pelos eruditos, que põem em verso a prosa das Chronicas (Vid. 111) ou parodiam no sentido burlesco os romances antigos mais populares. (Vid. 110.) Os Romances de *cativos* (Vid. 107) e *mouriscos* (Vid. 105 e 106) tiveram certo desenvolvimento, e os seus versos tornaram-se proverbiaes nas composições litterarias.

81. A pequena narração historica, em outavas á maneira castelhana, ou em estylo de lamentação, toma um caracter mais geral, como os *Poemetas* italianos. (Vid. 112 e 113.)

82. Ao genero epico, pela sua origem tradicional primitiva, de mythos degenerados, pertence a *Fabula*, conhecida no seculo XVI pela fórma esopica. Quer pela corrente arabe, pela provençal, ou pela erudição da renascença, a *Fabula* acha-se representada na poesia portugueza por Sá de Miranda. (Vid. 114, 115, 116, 117 e 118.) E' a *Fabula* uma ficção, tendente a estabelecer uma dada lei moral da collisão de interesses, tornados mais pittorescos por se passarem entre animaes.

Genero lyrico

83. O lyrismo popular apresenta a fórma pura da Serranilha galleziana na colonia do Brazil. (Vid. 119.) O *Rumor,* a que allude Ayres Telles, especie de conto uzado na edade media á mesa dos principes, reapparece na tradição popular. (Pag. 140.)—A *Salva* era a *Prosa* liturgica tornada popular; especie de benção ou saudação no fim das rezas, e ao terminar do dia. (Vid.

n.º 121.) As *Orações,* (Vid. n.º 125) tantas vezes prohibidas nos Indices Expurgatorios, eram a parte principal da medicina do povo.—Os *Jogos,* ainda appresentam uma fórma rythmica inconsciente, e podem-se considerar como a parte mais antiga da poesia primitiva que ainda hoje se conserva. (Vid. n.º 126.) A *Adivinhação,* tambem conserva a fórma rythmica, e é um dos grandes vestigios da tradição humana. (Vid. 127.)

84. O lyrismo litterario reproduz os genèros principaes da Eschola hespanhola; (Vid. 128 a 135) e ao mesmo tempo os novos artificios da poesia italiana. (Vid. 136.)

85. As *Exclamações em Ecco* são um artificio poetico em que a estrophe termina com uma rima que é uma syllaba da palavra antecedente, mas com sentido completo e como resposta. (Vid. n.º 140.)

86. A *Ecloga,* em verso de redondilha, foi primeiramente imitada da poesia castelhana; e em verso endecasyllabo, da poesia italiana. E' um dialogo pastoril, ao qual corresponde na poesia popular o *Vilancico.* (Vid. 143.)

87. A *Carta,* é uma fórma comum á imitação hespanhola, (Vid. 144) e italiana (Vid. 185.) N'esta ultima phase chamava-se-lhe *Epistola,* e era sempre em tercetos. Sá de Miranda e Falcão de Resende tambem lhe chamaram *Satyra.*

Genero dramatico

88. O *Auto* é a fórma dramatica da edade media usada no theatro portuguez antes da Renascença. Tem o caracter *hieratico,* quando a acção pertencia á liturgia religiosa, como o Natal, os Reis ou a Paschoa; chamam-se *Farças* quando os assumptos se tiram de interesses burguezes; e *Tragicomedias,* quando se referem á vida de heroes ou personagens novellescos. Os persona-

gens eram reaes e allegoricos; fallavam sempre em verso ora de redondilha, ora endecasyllabo. (Vid. 146, 147 e 148.) A eschola italiana substituiu-lhe a *Comedia* em prosa dividida em *scenas* e *actos*.

B) IMITAÇÃO ITALIANA

Forma epica

89 A fórma narrativa litteraria, imitada das antigas concepções poeticas da humanidade, reappareceu na renascença pela imitação de Virgilio, com o mesmo nome de *Epopêa.* As regras da *Epopêa,* deduzidas por Aristoteles dos poemas homericos são incompletas, por que se conhecem hoje as epopêas indianas, persa, germanica, francezas, e finlandeza. A Epopêa celebra um grande *facto,* que resume a vida historica de uma nacionalidade; o *Maravilhoso* é uma reminiscencia inconsciente da relação entre os deuses do mytho obliterado e as heroes em que elles se transformaram por effeito do conflicto das raças; os *Episodios* são as tradições parciaes, analogas aos pequenos poemas cyclicos da epopêa natural, bem como a *invocação* é derivada ainda do modo da sua propagação. (Vid. 149.)

Forma lyrica

90. O *Soneto* é de origem provençal; nos Cancioneiros portuguezes allude-se muitas vezes ao *Son*, mas deve entender-se sempre a parte musical da composição; os italianos é que fixaram a forma actual do *Soneto* desde Dante de Maiano. E' uma das formas lyricas mais perfeitas; consta de quatorze versos em duas quadras e dois tercetos. Offerece mil variedades de structura, de que apenas indicaremos os nomes: Soneto *simples, dobrado,*

terciado, com quebrados, encadeado, retrogrado, com estrambote, (Vid. 166.) e outros artificios que só servem para perverter o gosto. (Vid. 150 a 182.)

91. A *Canção,* da eschola italiana, é mais extensa do que a provençal; tem maior numero de *estancias,* regulares ou irregulares; chamam-se *Canções seguidas,* as que encerram mais de dez ou doze estancias; a ultima estancia é o *Remate,* em que o poeta se dirige á propria canção como uma entidade ideal. (Vid. 183.) Subordinam-se á *Canção* as seguintes formas especiaes: a *Elegia,* expressão de um sentimento melancholico, em tercetos; (Vid. n.º 184.) o *Idylio,* ou pequeno quadro descriptivo mais ou menos elegiaco, ou em monologo. Quando breves, as Canções tomam o nome de *Madrigaes,* e *Balatas.*

92. Muitas das formas da poetica italiana são um artificio erudito, procurando imitar as formas gregas, mas sempre debalde, como succedeu com a *quantidade.* Tal é a *Ode,* que se não distingue da Canção; subdivide-se em *alcaica, epodica, epithalamica, genethliaca, pindarica, saphica,* que se não distinguem, e que nos apparecem póstas em vigor pela Arcadia, no seculo XVIII.

Formas dramaticas

93. A imitação da tragedia grega e romana levou a poesia moderna a procurar as situações patheticas da historia moderna. O desenvolvimento da *Tragedia* moderna foi difficultado pela servil imitação da estructura da tragedia grega, que debalde se procura reconstituir. Consta racionalmente de trez *Actos,* a proposição da acção, a situação ou intriga, e a peripecia ou desenlace; os dos actos *prologo* e *epilogo,* em que se previne a attenção e em que se deduz a moralidade, tambem foram aproveitados.

O *Côro* grego é que não chegou a ser comprehendido. As subtilezas da *unidade de tempo, unidade de acção* e *unidade de logar,* foram uma superstição erudita, que serviu para abafar o genio creador. (Vid. n.º 186.)

IV — Eschola seiscentista

94. A forma narrativa popular tornada litteraria por Quevedo e imitada pelos escriptores do seculo XVII, foi a *Chacara* ou *Xacara,* derivada dos Xaques ou fadictas d'essa epoca, que celebravam em improvisos os seus feitos. E' sempre em quadras assonantadas, ás vezes com o quarto verso em hemistichio e encadeado com a estrophe seguinte. (Vid. n.º 197.) Tem modernamente o nome de *Fado.*

95. A *Sylva* é a fórma culteranesca da Ode italiana.— Predominaram os *Madrigaes* e as *Balatas;* as *Eclogas* e as *Epistolas.* Os *Tonos* eram canções breves, allegoricas, e serviam de pretexto para a musica. As Academias exageraram todos os artificios poeticas.

96. Da fórma dramatica, a mais caracteristica é a *Lôa,* prologo de comedia, que se torna uma especie de entre-acto; o *Vilancico* tornou-se o entremez hieratico dos presepios. (Vid. n.º 205.)

V — Eschola arcádica

97. O lyrismo apenas apresenta com caracter nacional a *Modinha,* (Vid. n.º 220.) renovada na litteratura por influencia dos poetas brazileiros; e as *Lyras.* (Vid. n.º 221.) Tudo o mais é uma imitação dos quinhentistas e dos poetas latinos.

98. Das imitações eruditas, apparecem o *Dythirambo,* especie de ode irregular destinada a celebrar os pra-

zeres do vinho; a *Ode pindarica,* para celebrar os heroes á maneira de Pindaro; a *Cantata,* imitação italiana, especie de poemeto narrativo elegiaco, em endecasyllados e terminando com uma *Aria*, ou pequena anacreontica. (Vid. n.º 222.) O *Romance em endecasyllabos,* em quadras não rimadas, e de um pobre effeito poetico; por ultimo a forma lyrica do *Amphiguri,* conservada dos ridiculos artificios dos cultistas.

99. A falta de liberdade sob o cesarismo deu a decadencia da creação dramatica; a *Opera* era um pequeno drama em redondilha menor, para ser cantado; n'este genero só traduzimos mal.

VI—Eschola romantica

100. Todas estas classificações e subgeneros foram abandonados, e foi-se procurar a poesia não na reproducção material de dadas formas, porém na comprehensão das *tradições* nacionaes.

PRIMEIRA EPOCA

ESCHOLA PROVENÇAL

(SECULOS XIII E XIV)

SECÇÃO 1.ª

ESCHOLA GALEGA OU JOGRALESCA

I GENERO EPICO: a) *Tradicional:* 1. Canção do Figueiral — 2. Loenda de Santa Iria — 3. Romance de D. Fernando de Castella. b) *Litterario:* 4. Chacone de Frei Mendo Vasques.

II GENERO LYRICO: *Tradicional:* 5 — 6. Cantos de ledino — 7—9. Cantares d'amigo — 10 — 13. Alvoradas — 14 — 19. Cantares guayados — 20 — 22. Dizeres — 23 — 24. Pragas — 25. Devinalhs — 26. Noellaire — 27. Sirvente — 28. Baylata — 29. Salutz — 30. Solatz — 31—36. Barcarolas — 37—38. Serranilhas e Pastorellas.

III GENERO DRAMATICO: *Tradicional:* (Arremedilho?)

1 CANÇÃO DO FIGUEIRAL

(LIÇÃO DO CANC. MS. DO CONDE DE MARIALVA)

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrey,
seis ninhas encontrara, seis ninhas encontrei,
para elas andára, para elas andei,
lhorando las achara, lhorando as achei;
logo las percurára, logo las percurei
quem las mal tratara y a tam mala lei?

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei,
uma repricara: «Infançom nom sei,
mal cunusse la terra que teme ó mal rei;
s'eu las armas usara, ya mi fee nom sei,
se hombre a mi levara de tam mala lei;
adios vos vayades, garçom, ca nom sei
se onde me falades mais vos falarei.»

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei,
eu la repricara:—A mi fee nom irey,
ca olhos d'essa cara caros comprarey,
a las longas terras en traz vós me irei,
las compridas vias eu las andarei,
lingua de aravias eu las falarei;
mouros se me visse eu los matarei.—

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei,
mouro que las guarda cerca las achei,
mal las meazara, eu mal me anogey,
troncom desgalhara, troncom desgalhey;
todolos machucara, todolos machuquey,
las ninhas furtara, las ninhas furtei,
la que a mim falara na alma la chantey,
no figueiral figueiredo a no figueiral entrei.

(Vid. Brito, e Miguel Leitão.)

*

2 LOENDA DE SANTA IRIA

Estando eu a coser na minha almofada,
Com agulha de ouro e dedal de prata,
Veiu o cavalleiro pedindo pousada;
Se lh'a meu pae dera, estava bem dada,
Deu-lh'a minha mãe, que mui me custava;
Fui fazer a cama no meio da sala.

Era meia noite, a casa roubada,
De trez que nós eramos só a mim levava.
Eram sete leguas, nem falla me dava,
Lá para as outo é que me perguntava:
—Lá na tua terra como te chamavam?
«La na minha terra eu era morgada,
«Cá n'estas montanhas serei desgraçada.

—Por essa palavra serás degollada.
Ao pé d'um penedo serás enterrada,
Coberta de rama bem enramalhada.—
No fim de sete annos por ali passava,
E a todos que via lhe perguntava:
—Dizei-me pastores que guardaes o gado,
Que ermida é aquella que alem branquejava?

—É de Santa Iria bemaventurada,
Que ao pé d'um penedo morreu degollada.
—Oh minha Santa Iria, meu amor primeiro,
Pordoa-me a morte, serei teu romeiro!
«Não te perdôo, ladrão carniceiro,
«Que me degollaste que nem um carneiro;
«Veste-te de azul, que é côr do céo,
«Se elle te perdoar, perdoar-te quero.

ROMANCEIRO GERAL, pag. 126. (Versão da Covilhã.)

ROMANCE DE D. FERNANDO, REI DE CASTELLA

3 Desfiar enviarom
ora de Tudela
filhos de Dom Fernando
del-rey de Castella;
e disse el-rey logo
—Hide a lá Dom Vella:

Desfiade e mostrade
por mim esta razom,
se quizerem per talho
do reino de Leom,
filhem por en Navarra,
ou o reino de Aragom.

Ainda lhes fazede
outra preitesia,
dar-lhes-hei per cambo
quanto hei em la *Galicia,*
e aquesto lhe fazo
por partir perfia.

E faço grave dito
cá meus sobrinhos som,
se quizerem per talho
do reino de Leom,
filhem por en Navarra
ou o reino de Aragom.

E veede ora, amigos,
se prend'eu engano,
e fazede de guisa
que seja sem meu dano;
se quizerem em tregua
dade-lh'a por um anno.

Outorgo-a por mim
e por elles dom,
e ar tem se quizerem
per talho de Leom,
filhem por en Navarra
ou o reino de Aragom.

Ayres Nunes, clerigo.
Restituido do n.º 466 do CANCIONEIRO PORTUGUEZ, da Vaticana. Ed. Monaci. 1875.

CHACONE

Á MORTE DE SUA MULHER D. XIMENA, CHAMADA A LUCRECIA PORTUGUEZA, PORQUE FINGINDO ASSENTIR AOS DESEJOS DO CAPITÃO MOURO, QUE A FIZERA PRISIONEIRA, ABRAÇOU-SE COM ELLE E SE PRECIPITOU NO MAR, ONDE AMBOS PERECERAM:

4 A juso da querida, Mendo, jases
que nos ceos a tem Deos;
goivos teredes la bentos angeos
a suso em pases.
A roman me semelhas de boa semente
que per ser forçada
estrancinhou pela goela triguosamente
á ponta da espada.
Porém tu basmando ficar luxosa
chimpada no peguo
co Alchoroista da ralé peguajosa
me deixaste ceguo.
Eu fulgoriando ripei pes da terra
a tenho capús,
sou freire per ti onde se nom erra
em chuz nem muz.

Nem vos perlevo em nada, Ximena,
que sendo delguada,
cambaste no laguo a chusma de pena
a sois mui honrada.

Frei Mendo Vasques de Briteiros.
(Ap. HIST. CHRONOLOGICA DA REAL ABBAD. D'ALCOBAÇA, Provas e Addições, p. 64.)

CANTOS DE LEDINO

5 Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo
c'ay Deus, se verrá cedo!
Ondas do mar levado,
se vistes meu amado
c'ay Deus, se verrá cedo!
Se vistes meu amigo,
o por quem eu suspiro,
c'ay Deus, se verrá cedo!
Se vistes meu amado,
o por quem ey gràm cuydado,
c'ay Deus, se verrá cedo!

Martim Codax, *Canzoniere Port.*, n.º 884.

---

6 Mha irmana fremosa,
treydes commigo
a la egreja de Vigo
hu é o mar salido,
e miraremos las ondas!
Mha irmana fremosa,
treydes de grado
a la egreja de Vigo
hu é o mar levado,
e miraremos las ondas!

A la egreja de Vigo
hu é o mar salido,
e verra hy, madre,
o meu amigo,
e miraremos las ondas!
A la egreja de Vigo,
hu é o mar levado,
e verra hy, madre,
o meu amado,
e miraremos las ondas!

Id., *Ibidem*, n.º 886.

CANTARES D'AMIGO

7 Tal vay o meu amigo
com amor que lh'eu dey,
como cervo ferido
de monteiro d'el-rey.
Tal vay o meu amigo,
madre, c'o meu amor,
como cervo ferido
de monteiro-mayor.
E se el vay ferido
hirá morrer al mar,
'si fará meu amigo
se eu d'el nom pensar.
E guardade-vos, filha,
ca já m'eu a tal vi,
que se fez coitado
por guanhaar de mi.
E guardade-vos, filha,
ca já m'eu vi a tal,
que se fez coitado
por de mi guanhar.

Pero Meogo, *Canzoniere Portoghese*, n.º 791.

8 Tres mòças cantavam d'amor
mui fremosinhas pastores,
mui coytadas dos amores,
e diss'ende mha senhor:
«Dized'amigas, commigo
«O cantar do meu amigo!»
Todas tres cantavam mui bem
como moças namoradas
e dos amores coitadas;
e diss' a por que perco o sen:
«Dized'amigas, commigo,
«O cantar do meu amigo.»
Que gram saber eu havya
de as oyr cantar entom,
e prougue-mi de coraçom
quanto mha senhor dizia:
«Dized'amigas commigo
«o cantar do meu amigo.»
E se as mays oysse
a que gram sabor estava,
e que muyto me pagava
de como mha senhor disse:
«Dized'amigas, commigo
o cantar do meu amigo.»

Lourenço Jograr, *Canzoniere Portoghese,* n.º 867.

---

9 Hum cantar novo d'amigo
querrey agora aprender
que fez ora o meu amigo,
e cuydo logo entender
no cantar que diz que fez
por mi, se o por mi fez.

Hum cantar d'amig'ha feyto,
e se m'o disser alguem
deyto como el é feyto,
cuydo-o eu entender mui bem
no cantar que diz que fez
por mi, se o por mi fez.
O cantar est' é mui dito
pero que o eu non sey,
mays pois m'o houveram dito
cuydo eu que entenderey
no cantar que diz que fez
por mi, se o por mi fez.

Pedro Amigo de Sevilha, *Ibid.*, **n.º 819.**

10

ALVORADAS

Levad'amigo, que dormides as manhanas frias,
todalas aves do mundo d'amor diziam:
Leda m'and'eu!

Levad'amigo, que dormidelas frias manhanas,
todaslas aves do mundo d'amor cantavam:
Leda m'and'eu!

Todalas aves do mundo d'amor diziam:
do meu amor e do vosso en mentariam:
Leda m'and'eu!

Todas las aves do mundo d'amor cantavam:
do meu amor e do vosso y en mentavam:
Leda m'and'eu!

Do meu amor e do vosso en mentariam
vós lhi tolhestes os ramos em que siiam;
Leda m'and'eu!

Do meu amor e do vosso en mentavam,
vós lhe tolhestes os ramos em que pousavam;
Leda m'and'eu!

Vós lhes tolhestes os ramos em que siiam,
e lhes secastes as fontes em que beviam;
Leda m'and'eu!

Vós lhes tolhestes os ramos em que pousavam,
e lhis secastes as fontes hu se banhavam;
Leda m'and'eu!

Nuno Fernandes Torneol. *Ibid.*, n.º 242.

---

11 Levantou-se a velida,
levantou-se alva,
e vay lavar camisas
en o alto.
Vay las lavar, alva.

Levantou-se a louçana,
levantou-se alva,
e vay lavar delgades
en o alto.
Vay las lavar, alva.

Vay lavar camisas,
levantou-se alva,
o vento lh'as desvia
en o alto.
Vay las lavar, alva.

E vay lavar delgades,
levantou-se alva;
o vento lh'as levava
en o alto.
Vay las lavar, alva.

O vento lh'as desvia,
levantou-se alva,
meteu-se alva, em ira
en o alto.
Vay las lavar, alva.

O vento lh'as levava;
levantou-se alva,
meteu-se, alva, em sanha,
en o alto.
Vay las lavar, alva.

El-Rey D. Diniz, *(Canc.,* p. 142.)

---

12 Vayamos, irmana, vayamos dormir
nas ribas do lago, hu eu andar vy
a las aves meu amigo!
Vayamos, hirmana, vaiamos folgar
nas ribas do lago, hu eu vi andar
a las aves meu amigo.
En nas ribas do lago, hu eu andar vi
seu arco na mão as aves ferir
a las aves meu amigo.
En nas ribas do lago, hu eu vi andar
seu arco na mão a las aves tirar
a las aves meu amigo.
Seu arco na mano as aves ferir,
a las que cantavam deixal-as guarir,
a las aves meu amigo!
Seu arco na mano a las aves tirar,
e las que cantavam nom nas quer matar
a las aves meu amigo.

Fernam *desquyo.* (CANCIONEIRO da Va ti-
cana, n.º 902. Ed. Menaci.)

---

13 Fui eu, madre, lavar meus cabellos
a la fonte, e paguei-me eu d'elos,
e de mi,
louçana e...
Fui eu, madre, lavar mhas garceras
a la fonte, e paguei-m'eu d'ellas,
e de mi,
louçana, e...
A lá fonte, paguey-m'eu d'elas
a lá achei, madre, o senhor d'ellas
e de mi,
louçana, e...
Ante que m'eu d'ali partisse
fui pagada do que m'el disse
e de mi,
louçana, e...

D. João Soares Coelho, *Ibid.*, n.º 291.

CANTARES GUAYADOS

14

Ay fremosinha, se bem ajades,
longe de vila quem esperades?
Vim atender meu amigo.
Ay fremosinha, se grado avedes,
longe de vila quem atendedes?
Vim atender meu amigo.
Longe de vila quem esperades?
Direy-vol-eu, pois me perguntades,
Vim atender meu amigo.
Longe de vila quem atendedes?
Direy-vol-eu, poyl-o sabedes,
Vim atender meu amigo.

Bernal de Bonaval, *Ibid.*, n.º 728.

---

15 Ay Sanctiago, padron sabido,
vós m'adugades o meu amigo.
Sobre mar vem
quem frores d'amor tem;
mirarey, madre,
as terras de Jaen.
Ay Sanctiago, padron provado,
vós m'adugades o meu amado.
Sobre mar vem
quem frores d'amor tem;
mirarey, madre,
as torres de Jaen

Pay Gomes Charrinho, *Ibid.*, n.º 429.

---

16 Ay flores! ay flores do verde pino!
se sabedes novas do meu amigo?
Ay Deus! E' hu é?

Ay flores! ay flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?
Ay Deus! E hu é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquel que mentiu do que poz commigo?
Ay Deus! E hu é?

Se sabedes novas do meu amado,
aquel que mentiu do que m'a jurado?
Ay Deus! E hu é?

—Vós me perguntades pel-o vosso amado!
e eu ben vos digo que é vivo e sano.—
Ay Deus! E hu é?

E eu bem vos digo que é sano e vivo,
e seerá vosc' ant' o prazo saído.
  Ay Deus! E hu é?

E eu bem vos digo que é vivo e sano
e seerá vosc' ant' o prazo passado.—
  Ay Deus! E hu é?

El-Rei D. Diniz. (Ap. CANTI ANTICHI PORTOGHESI, p. 1; Lopes de Moura Canc., p. 139.

---

17 Non chegou, madre, o meu amigo;
e oj' é o prazo saydo;
  Ay! madre, moiro d'amor.

Non chegou, madre, o meu amado
e oj' é o praso passado.
  Ay! madre, moiro d'amor.

E oj' é o prazo saydo;
porque mentiu o desmentido,
  Ay! madre, moiro d'amor.

E oj' é o praso passado,
porque mentiu o perjurado,
  Ay! madre, moiro d'amor.

E porque mentiu o desmentido
pesa-mi, pois per si é falido,
  Ay! madre, moiro d'amor.

Porque mentiu o perjurado
pesa-mi, pois mentiu per seu grado,
  Ay! madre, moiro d'amor.

El-Rei D. Diniz, (Canc. p. 136.)

18 Rogo-te, ay amor, que queiras migo morar
tod'este tempo em quanto vay andar
a Granada meu amigo!
Rogo-te, ay amor, que queiras migo seer,
tod'este tempo em quanto vay viver
a Granada meu amigo!
Todo este tempo, em quanto vay morar,
lidar con mouros, e muytos matar
a Granada o meu amigo.
Tod'este tempo, em quanto vay viver,
lidar con mouros e muitos prender
a Granada o meu amigo.

Ruy Martins do Casal, *Cancioneiro da Vaticana,* n.º 765.

---

19 Madre passou per aqui hum cavaleyro,
e leixou-me namorad' e marteyro;
Ay madre! os seus amores ey!
se me los ey,
ca m'hos busquey
outros me lhe dey.

Madre passou por aqui hum filho d'algo,
e leixou-me assy penada com' eu ando;
Ay madre! os seus amores ey!
se me los ey,
cá m'hos busquey
outros me lhe dey.

Madre, passou por aqui, que nom passasse;
e leixou-m'assy penada; mays leixasse,
Ay madre! os seus amores ey!
se me los ey,
cá m'hos busquey,
outros me lhe dey.

Fernam Rodrigues de Calheyros, *Ibid,* n.º 233.

DIZERES

20 Disse-m'a mi meu amigo,
quando se ora foy sa via,
que nom lh'estevess'eu triste
e cedo se tornaria.
E soo maravilhada
por que foi esta tardada.

Disse-me a mi meu amigo,
quando s'ora foy d'áquem
que nom lh'estevesse eu triste
e tarda, e mi nom vem.
E soo maravilhada
porque foy esta tardada.

Que nom lh'estevess'eu triste
cedo se tornaria,
e pesa-me de que tarda;
sabe-o santa Maria.
E soo maravilhada
porque foy esta tardada.

Que nom lhe estevess'eu triste,
tarda e nom mi vem,
e pero nom é por cousa
que m'el nom queira gram bem.
E soo maravilhada
porque foy esta tardada.

Idem, *Ibid.*, n.º 234.

---

21 —Digades, filha, mha filha velida,
porque tardastes na fontana fria?
Os amores ey.

Digades, filha, mha filha louçana,
porque tardastes na fria fontana?
Os amores ey.
«Tardei, mha madre, na fontana fria,
cervos do monte a augua volviam.
Os amores ey.
Tardei mha madre na fria fontana,
cervos do monte volviam a augua.
Os amores ey.
—Mentís, mha filha, mentís por amigo,
nunca vi cervo que volvesse o rio.
Os amores ey.
Mentis, mha filha, mentis por amado,
nunca vi cervo que volvesse o alto.
Os amores ey.

Pero Meogo, *Ibid.*, n.º 797.

---

22 Cabelos, los meus cabelos,
el-rey m'envyou por elos;
que lhis farei, madre?
Filha dade-os a el-rey.
Garceras, las mis garceras,
el-rey me mandou por ellas;
que lhes farei madre?
Filha, dade-as a el-rey.

Johan Zorro, *Ibid.*, n.º 756.

PRAGAS

23 A donzela de Biscaya
ainda a ma preito saya
de noyte ao luar;

Poys m'agora assi desdenha,
ainda a ma preito venha
de noite ao luar;
Poys d'ela soom maltreito,
ainda mi venha a preito
de noite ao luar.

Ruy Paes de Ribela, *Ibid.*, n.º 1045.)

---

24 Mala ventura mi venha,
se eu pola de Belenha
d'amores ey mal.
E confunda-me Sam Marcos,
se pola donzela d'Arcos
d'amores ey mal.
Mal me venha cada dia,
se eu por dona Maria
d'amores ey mal.
Fernam d'Escalho me pique
se eu por sevylhan' Anrique
d'amores ey mal

Idem, *Ibid.*, n.º 1026.

DEVINALHS

25 Huã dona (non digu' eu qual)
non agoirou ogano mal,
pelas outavas do Natal
ia per sa missa oir,
e viu corvo carnaçal,
e non quiz da casa sayr.

A dona muy de coraçon
oyra sa missa enton;
e foy por oyr o sermon,
e veedes que lh'o foy partir,
ouve sign'a corv'acaron
e non quiz da casa sayr.

*

A dona disse: que será?
e hi o clerigo está já
revestido, mal dizer-m'-a,
se me na igreja non vir;
e disse o corvo qua-cá,
e non quiz da casa sayr.

Nunca taes agoyros vi
des' aquel dia que naci;
com' aquest'ano ouv'aqui;
e ela quiz provar de s'ir,
e ouvy corvo sobre si,
e non quiz da casa sayr.

João Ayres *(Cancioneiro portuguez da Vaticana,* n.º 1077.)

NOELLAIRE

26 Porque no mundo mengou a verdade,
punhei un dia de a hyr buscar,
e hu per ela fui preguntar
disseram todos—alhur la buscade;
cá de tal guisa se foy a perder
que non podemos em novas aver,
nen já non anda na yrmandade.

Nos moesteyros dos frades regrados
a demandey e disserom-m'assi:
—Non busquedes vós a verdade aqui,
cá muytos annos avemos passados
que non mor' en nosco per boa fé;
. . . .
e d'al avemos maiores coidados.

E em Cistel hu verdade soya
sempre morar, disserom-me que non
morava hy, avia gran sazon;
nen frade hy já nen conhocia,
nen o abade us'y non estar;
sol nen queria que foss' y pousar.
e anda já fóra da abadia.

En Santiago sẽed' albergado,
en mha pousada, chegarom romeos,
preguntei-os e disseran por Deus
muito levade-lo caminh' errado,
cá se verdade quizerdes achar
outro caminho conven a buscar,
cá nen saben aqui della mandado.

Ayres Nunes *(Cancioneiro da Vaticana,* n.º 455.)

SIRVENTE

27 Quem m'-ora quizesse cruzar
bem assy poderia ir,
bem como foy a Ultramar
Pero d'Ambroa Deos servir,
morar tanto quant' el morou
na melhor rua que achou,
e dizer—Venho d'Ultramar.
E tal vila foi el buscar
de que nunca quiso sair,
atá que pôde bem osmar
que podia ir e vir
outr'ome de Jerusalem,
e poss'eu hir se andar bem
hu el foy tod' aquest'osmar.

E poss'en Mompilher morar
bem como el fez por nos mentir
e ante que chegu' ao mar
tornar-me posso de partir
com'el de partir com Deus,
pois mort'em poder dos judeus
e em as tormentas do mar.
E se m'eu quizer enganar,
Deus, bem o posso aqui comprir,
em Burgos, cá se perguntar
por novas, bem no posso oyr
tambem como el em Mompilher,
e dizel-as poys a quem quer
que me por novas perguntar.
E poys end' as novas souber
tambem poss'eu se me quizer
como um gram palmeiro chufar.

Pero Amigo, *Canzoniere Portoghese,* n.º 1195.

BAYLATAS

28 Baylemos já todas, todas, ay amigas,
sô aquestas avelaneyras floridas;
e quem for velida como nós velidas,
se amigo amar,
sô aquestas avelaneyras floridas
verrá baylar.

Baylemos já todas, todas, ay yrmanas,
sô aqueste ramo d'estas avelanas;
e quem for louçana como nós louçanas,
se amigo amar,
sô aqueste ramo d'estas avelanas
verrá baylar.

Por Deus, ay amigas, mentr'al non fazemos,
sô aqueste ramo florido baylemos;
e que ben parecer como nos parecemos
    se amigo amar,
sô aqueste ramo, sol que nos baylemos
    verrá baylar.

Ayres Nunes (*Canti antichi portoghesi*, p. 6. Ms. da Vaticana, fl. 72.)

SALUTZ

29 Bon dia vi, amigo,
sois seu mandad' ey migo
    Louçana.
Bon dia vi, amado,
poys mig' ey seu mandado
    Louçana.
Poys seu mandad' ey migo,
rogo eu a Deos e digo
    Louçana.
Poys migo ey seu mandado
rog' eu a Deos de grado
    Louçana.
Rog' eu a Deos e digo
por aquele meu amigo
    Louçana.
Por aquel meu amigo
que o veja comigo
    Louçana.
Por aquel namorado
que fosse já chegado,
    Louçana.

El-Rey D. Diniz (*Cancioneiro*, p. 135.)

SOLATZ

30 Par deus, coytada vivo,
poys nom vem meu amigo,
poys nom vem, que farey?
meus cabellos com sirgo
eu nom vos liarei.
Poys nom vem de Castella,
nom é viv', ay mesela!
ou m'o detem el-rey;
mhas toucas da Estella
eu nom vos tragerey.
Pero m'eu leda semelho,
nom me sei dar conselho,
amigas, que farei?
em vós, ay meu espelho,
eu nom veerey.
Estas doas muy bellas
el m'as deu, ay donzellas,
nom vol-as uzarey;
mhas cintas das fivelas
eu nom vos cingirei.

Pero Gonçalves de Porto Carrero, *Canc. Vat.*, n.º 505.

BARCAROLAS

31 Per ribeira do rio
vi remar o navio,
e sabor ey da ribeira!
Per ribeira do alto
vy remar o barco;
sabor ey da ribeira!
Vy remar o navyo
hu vay o meu amigo;
e sabor ey da ribeira!

Vi remar o barco
hu vay o meu amado
e sabor ey da ribeira!
Hy vay o meu amigo,
quer-me levar comsigo,
e sabor ey da ribeira
Hu vay o meu amado
quer-me levar de grado,
e sabor ey da ribeira.

Joham Zorro, *Ibid.*, n.º 753.

---

32 Pela ribeira do rio
cantando ia la dona sigo:
D'amor venham-nas barcas
polo rio a sabor;
Pela ribeira do alto
cantando ia la dona d'alto:
D'amor venham-nas barcas
polo rio a sabor!

Id., *Ibid.*, n.º 757.

---

33 Hyrey a lo mar vel o meu amigo,
preguntal-o-ey se querra viver migo,
e vou-m'eu namorado!
Hyrey a lo mar vel-o meu amado,
perguntal-o-ey se fará meu mandado,
e vou-m'eu namorado!
Preguntal-o-ey porque nom vive migo,
e direy-lh'a coyta em que por el vivo,
e vou-m'eu namorado!
Preguntal-o-ey porque m'ha despagado,
e si m'assanhou a torto endoado,
e vou-m'eu namorado.

Nuno Perco, *Ibid.*, n.º 719.

34 As froles do meu amigo
briosas vam no navio;
e vam-se as flores
d'aquel bem com meus amores.
As flores do meu amado
briosas vam no barco;
e vam-se as flores
d'aquel bem com meus amores.
Briosas vam en o navio
pera chegar ao ferido;
e vam-se as frores
d'aquel bem com meus amores.
Briosas vam en o barco
pera chegar ao fossado;
e vam-se as frores
d'aquel bem com meus amores.
Pera chegar ao ferido
servir mi corpo velido;
e vam-se as frores
d'aquel bem com meus amores.
Pera chegar ao fossado
de servir mi corpo loado;
e vam-se as frores
d'aquel bem com meus amores.

Pay Gomes Charrinho, *Ibid.*, n.º 401.

---

35 Quand'eu vejo las ondas
e las muit'altas ribas,
logo mi veem ondas
al cor pol-a velyda...
Maldito sea 'l mare
que mi faz tanto male!

Nunca vejo las ondas
nem as altas rocas,
que mi non venham ondas
al cor por la fremosa...
    Maldito sea 'l mare
    que mi faz tanto male!

Se eu vejo las ondas
e vejo las costeyras,
logo mi veem ondas
al cor per la benfeita...
    Maldito sea 'l mare,
    que mi faz tanto male!

Ruy Fernandes ***(Canti antichi portoghesi,*** **p. 7.**
Ed. da Vaticana, n.º 488.

---

36 Se oj' o meu amigo
soubesse, hiria migo;
    eu al rio me vou banhare!
Se oj' el este dia
soubesse, migo hiria;
    eu al rio me vou banhare!
Quem lhi dissesse a tanto
ca já filhey o manto;
    eu al rio me vou banhare!

Estevam Coelho, ***Ibid.,*** **n.º 322.**

PASTORELLAS

37 Oy oj' eu huã pastor cantar;
eu cavalgava per huã ribeira,
e a pastor estava senlheira;
e ascondi-me pola ascultar
e dizia mui ben este cantar:

«Sol o ramo verde flolido
«vodas fazem a meu amigo,
«choram olhos d'amor.»

E a pastor parecia mui ben,
e chorava e estava cantando:
e eu, mui passo fui-me achegando
pola oyr, e sol nom falei ren;
e dizia este cantar mui ben:

«Ay estorninho do avelanedo,
«cantades vós e moiro eu e peno;
«d'amores ei mal.»

e eu oya suspirar enton,
e queixava-se estando con amores;
e fazia guirlanda de flores,
des y chorava mui de coraçon;
e dizia este cantar enton:

«Que coita ei tam grande de soffrer!
«amar amig' e não ousar veer;
«e pousarei sol-o avelanal!»

Pois que a guirlanda fez a pastor,
foi-se cantando, indo-s'en manselinho;

e irei-me eu logo a meu caminho,
ca de a nojar non ouve sabor.
e dizia este cantar bem a pastor:

«Pola ribeira do rio cantando
«iá la virgo d'amor, quem amores
«ha, como dorm'or' aí, bela frol.»

Ayres Nunes. *(Cancioneiro da Vaticana*, n.º 454.)

---

38 Huã pastor se queixava
muyt'estando n'outro dia,
e sigo medes falava,
e chorava e dizia
com amor que a forçava:

«Par Deos, vi-te em grave dia,
ay amor!

Ella s'estava queixando
como molher com gram coita,
e que a pesar des quando
nascera, non fora doyta;
poren dizia chorando:

«Tu non es senon vãa coyta.
ay amor!

Coytas lhe davan amores,
que non lh'eram senon morte,
e deitou-se antre uãs flores
e disse con coyta forte:

«Mal te venga per hu fores,
ca non és senon minha morte.
ay amor!

El-Rei D. Diniz. *(Canc.*, p. 34.)

SECÇÃO 2.ª

CYCLO DIONISIO, DE IMITAÇÃO FRANCEZA

I GENERO EPICO: *Litterario:* 39. Gesta de mal dizer—40. Sirvente—41. Fragmento do Romance da Batalha do Salado.

II GENERO LYRICO: a) *Tradicional:* (Vid. secção 1.ª—Eschola jogralesca. b)—*Litterario:* 42. Planh—43. Jocs-Partis—44, 45. Jocs-Enamorats—46. Descorts—47. Canção franceza—48-49. Sirventes ou Cantigas de mal dizer—50-52. Refrens—53. Mansobre-doble—54. Canção redonda ou lexaprem—55. Mansobre menor—56. Coblas monorrimas—57. Decimas—58. Donaires—59. Balatas—60-61. Soláos e Liras—62-63. Tenções.

III GENERO DRAMATICO: *Litterario:* (Corte d'amor?)

AQUI SE COMEÇA A GESTA QUE FEZ DOM AFFONSO LOPES DE BAIAM A DOM MEENDO E A SEUS VASSALOS, DE MAL-DIZER:

39 Seria-xi Dom Velpelho en hunha sa mayson
que chamam Longos, ond'eles todos som;
per porta lh'entra Martin de Farazon,
escud' a colo en que serv' um capon,
que foy já pol' eyr' en outra sazon;
caval'agudo que semelha forom;
em cima d'el um velho selegom,
sem estribeiras e com roto bardon;
nem porta loriga, nem porta lorigom,
nem geolheiras quaes de ferro som,
mays trax perponto roto sem algodom,
e coberturas d'um velho zarelhom,
lança de pinho e de bragal o pendom,
e chapel de ferro que xe lhi mui mal pom,
e sobraçad'um velho espadarrom,
cuytel a cachas, cintas sem farcilhom,
duas esporas destras, ca sestras nam som,
maça de fusto que lhi pende do alçom;
a Dom Velpelho moveu esta razom:
—«Ay, meu senhor, assi Deos vos perdon,
«o vosso alferes que vos tem o pendom,
«se é aqui, saia d'esta maysom
«cá já os outros todos em Basto som.»
Eoy!

Estas horas chega Joham de Froyam,
cavallo velho cuçurr' e alazam,
sinaes porta em o arçom d'avam,
campo verde u inquyreu cam,
e no escud' a taes lh'acharám
cerame, cinta e calças de Roam

sa catadura semelha d'um sayam;
ante Dom Velpelho se vay aparelhan'
e diz: — «Senhor nom valredes um pam,
«se os que son em Basto se xi vos assy vam,
«mays hid'a eles, cá xe vos nom iram
«achalos-edes e scarmentaram,
«vyngad'a casa em que vos mesa dam,
«que digam todos quantos pós vós verram
«que tal conselho deu Joham de Froyam.»
Eoy!

Esto per dito, chegou Pero Ferreira,
cavallo branco, vermelho na pereyra
escud'a colo, que foy d'uma masseira,
ca lanç' ha torta d'um ramo de cerdeira,
capelo de ferro, o anasal na trincheyra,
e fura de rua da moleyra,
traguam ousa e huma geolheyra,
estrebeyrando vay de mui gram maneyra,
e achou Velpelho estand'em huma eyra;
e diz: — «Aqui estades, ay Belpelho de matreyra,
«venha Pachacho e dono Cabreyra
«para dar a mi a deanteyra,
«ca já vos tarda essa gente da Beyra,
«e mordom'é o sobrinho de Cheyra
«e Meem Sapo, e Dom Martim de Meyra,
«e Lopo Gato, esse filho da freyra,
«que nom ha ante nos melhor lança por peydeyra.»
Eoy!

D. Affonso Lopes Bayam, *Canc. portuguez*, n.º 1080.

SIRVENTE

(CANTIGA DE MAL DIZER, DOS QUE DERAM OS CASTELLOS, COMO NOM DEVIAM AL REY DOM AFFONSO)

Nom tem Sueyro Bezerra
qu'é torto em vender Monsanto,
cá diz que nunca Deos dess'
a Sam Pedro mais de tanto:
quem tu ligares en terra
erit ligatum in cœlo;
porem diz, cá nom é torto
de vender hom'o castello.
E por en diz que nom fez torto
o que vendeu Marialva,
cá lhe diss'o Arcebispo
hum verso per que se salva:
estote fortes in bello
et pugnate cum sponte;
por en diz que nom ha torto
quem faz trayçom ao Conde.
O que vendeu Leyria
muyto tem que fez dereyto,
cá fez mandado do Papa,
e confirmou-lh'o o eleyto:
super istud caput meum,
et super ista mea capa,
dade o castello ao Conde
pois vol-o manda o Papa.
O que vendeu Faria
per remiir seus peccados,
se mays tevesse mais daria,
e disserom dous prelados:
tu autem domine dimite
aquelle que se confonde,
bem esmollou em sa vida,
quem deu Santarem ao Conde.

Offereceu Martim Dias
a a cruz que os confonde
Covylham; e Pero Dias,
Sortelha; e diss'o Conde:
centuplum accipiatis
da mão do Padre Santo;
diz Fernam Dias bem est
porque o serv'i Monsanto.
Offereceu Trancoso
ao Conde Roy Bezerro;
falou entam Dom Soeyro,
p'ra sacar os filhos d'erro:
non potest filios meos facere
sine patre suo quiquam,
salvos som os traedores
poys bem hysopados ficam.
O que offereceu Cintra
fez como bom cavalleiro,
e disse-lh'y o legado
logo um verso do Salteiro:
surgent potentis acute,
e foy hy bem acordado,
melhor é de seer traedor
ca morrer escomungado.
E quando o Conde ao Castello
chegou de Celorico
Pachequ'entom o cuytelo
tirou et disse-lhe um (rico):
mite gladium in vagina,
com el nom nos empeescas;
diz Pacheco: alhur Conde
poede hu vos digam crescas.
Mal disse Dom Ayras Soga
a huã velha n'outro dia,
disse-lhe hi Pero Soares
um verso per heresia:

non vetula bonbatricon
scandis confusio ficum,
nom foy Soeiro Bezerra
alcayde de Celorico.
Salvos san os traedores
quantos os castellos derom,
mostraram-lhis em escrito
super ignem eternum
et duplicatis opem,
salvo é quem trae Castello
a preyto, que o hysópem.

Canç. 1088. *(Canc. da Vaticana.* Ed. de Monaci.)

FRAGMENTOS DO ROMANCE DA BATALHA DO SALADO

41 Pois que este Rey naceu
a grão viço foi criado,
e deshi como creceu
sempre foi bem ensinado.
Seu padre o criou
e des que foi de entendimento,
de vinte annos lhe justou
um muy rico casamento.
Seu padre Rey Dom Diniz
foi justiçoso e mui santo,
el o casou com Dom Brites
filha do nobre rei Dom Sancho.
E despois que foi casado
com aquella nobre Infante
seu padre lhe deu estado
como ouvireis adiante.
Deu-lhe terras a mandar
de mui nobres cavalleiros,

e muitos portos de mar,
rendas de muitos dinheiros.
Quinze annos compridos viveu
o padre, des que o casou,
deshi quando el morreu
muito d'algo lhe deixou. (1)
. . . .
E fez bem aos criados seus
e grão honra aos privados,
e fez a todos os judeus
trazer signaes divisados.
E os Mouros almexias
que os pudessem conhecer;
todas estas cortezias
este rey mandou fazer. (2)
. . . .
Gonçalo Gomes de Azevedo
alferes de Portugal,
entrava aos Mouros sem medo
como fidalgo leal. (3)

Affonso Giraldes.

PLANH

42 Os namorados que trobam d'amor
todos deviam gram dó fazer
e nom tomar ensin' en haver prazer,
por que perderom tam boo senhor
com' é el-rey dom Denis de Portugal,
de que nom pode dizer nenhum mal
homem, pero seja porfaçador.

(1) Apud Brandão, *Mon. Lusit.*, t. VI, p. 106.
(2) Ap. Bluteau, vb.º *Almexia.*
(3) Ap. *Monarch. Lusit.*, P. V, liv. 26, cap. 13.

Os trobadores que poys ficárom
en no seu regno e no de Leon,
no de Castela e no de Aragon,
nunca poys de sa morte trobárom;
e dos jograes vos quero dizer
nunca cobraram panos nem aver,
e o seu bem muyto desejárom.
Os cavalleyros e cidadaõs
que d'este rey aviam dinheiros,
outrosi donas e escudeiros,
matar-se deviam com sas mãos,
porque perderom a tam boo senhor,
de quem eu posso en bem dizer sem pavor
que nom ficou d'al nos christãos.
E mays vos quero dizer d'este rey
e dos que d'el haviam bem fazer,
deixam-se d'este mundo a perder
quand' el morreu; por quant' eu vi e sey
cá el foy rey á fame muy prestador
et saboroso e d'amor trobador,
tod' o seu bem dizer nom poderei.
Mays tanto me quero confortar
en seu neto, que o vay semelhar
en fazer feitos de muy sabeo rey.

Joham, jograr, morador em Leon.
Canç. n.° 708.

JOCS-PARTIS

43 —Dizen senhor, cá distes per mi
que foi já temp', e que foi ja sazon,
que vos prazia de oyrdes enton
en mi falar, e que non é já si?
«Dizen verdad'amigo, por que non
entendia o que pois entendí.

—E senhor, dizen, pero vos tal ben
quero, que moyro, que ren non me val,
cá vós dizedes d'est'amor a tal
que nunca vos ende se non mal ven:
«Dizen verdad', amigo, e pois é mal,
nen y faledes, ca prol non vos ten.

—Pero cuid'eu, fremosa mia senhor,
des que vos vi que sempre me guardei
de vos fazer pesar, mais que farei
cá por vós moir', e non ei d'al sabor.
«Non vos ha prol, amigo, cá já sei
o porque era todo voss'amor.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 279.)

JOCS-ENAMORATS

44 —Vedes senhor, quero vos eu tal ben
qual mayor posso no meu coraçon,
e non diredes vós por ende non.
«Non amigo; mais direi-me outra ren;
non me queredes vós a mi melhor
do que vos eu quero, amigo e senhor.
—U vos non vejo, *senhor non ei prazer*
se Deus me valha, de ren, nen de mi,
e non diredes que non est assi.
«Non amigo; mas quero-me al dizer;
non me queredes vós a mi melhor
do que vos eu quer', amigo e senhor.
—Amo-vos tanto, que eu ben sei
que non podia mais per boa fé;
nen o diredes que assi non é.
«Non amigo; mas al me vos direi,
non me queredes vós a mi melhor,
do que vos eu quer', amigo e senhor.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 248.)

45 — Senhor, veedes-me morrer
desejando o vosso ben,
e vos non doêdes por en ren,
non vos queredes en doer.
« Meu amig', em quant'eu viver,
nunca vos eu farei amor,
per que faça o meu peor.

— Mia senhor, por Deus que vos fez,
que me non leixedes assi
morrer, e vós faredes y
gran mesura, con muy bon prez.
« Direi-vol'o, amigo, outra vez:
nunca vos eu farei amor,
per que faça o meu peor.

— Mia senhor, que Deus vos perdon,
nembre-vos quant'affan levei
por vós, cá por vós morrerei;
e forçad' esse coraçon.
« Meu amig', ar direi que non;
nunca vos eu farei amor,
per que faça o meu peor.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 238.)

DESCORTS

46 Puñei eu muit' en me quitar
de vós fremosa mia senhor;
e non quis Deus, nem voss'amor,
e poil-o non podi acabar,
dizer-vos quero uã ren,
senhor, que sempre bem quige:
or sachaz veroyamen,
que ie soy votre ome-lige.

De querer ben outra molher
puñei eu ha y gran sazon,
e non quiso meu coraçon;
e pois qu'el, nen Deos non quer,
dizer vos quero uã ren,
senhor, que sempre ben quige:
or sachaz veroyamen,
que ie soy votre ome-lige.
E mia senhor, per boa fé,
puñei eu muito de fazer
o que a vós foron dizer;
e non pud', e pois assi é,
dizer-vos quero uã ren,
senhor, que sempre ben quige:
or sachaz veroyamen,
que ie soy votre ome-lige.

Anonymo, *(Trovas e Cantares,* n.º 140.)

CANÇÃO Á FRANCEZA

47 Se eu podesse desamar
a quen me sempre desamou,
e podess' algum mal buscar
a quen me sempre mal buscou,
assi me vingaria eu,
se eu podesse coita dar
a quen me sempre coita deu.
Mais non poss'eu enganar
meu coraçon que m'enganou;
por quanto me fez desejar,
a quen me nunca desejou;
et por esto non dormo eu;
porque non posso coita dar
a quen me sempre coita deu.

Mais rog' a Deus, que desampare
a quen m'assi desamparou;
u el que podess' end'estorvar
a quen me sempre destorvou;
e logo dormiria eu,
se eu podesse coita dar
a quen me sempre coita deu.
U el que ousass' en perguntar
a quen me nunca perguntou,
porque me fez em si cuidar,
pois ella nunca em mi cuidou;
e por esto lazeiro eu,
porque non poss' eu coita dar
a quem me sempre coita deu.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 113.)

CANTIGAS DE MAL DIZER

48 De quantas cousas en o mundo son,
non vejo en ben qual pod'ensemelhar
al Rey de Castella e de Leon,
se uã, qual vos direi, o mar:
o mar semelha muit'aquest rey,
e d'aqui en deante vos direi
en quales cousas, segundo razon.
O mar dá muit', e creede que non
se pod' o mundo sen el governar;
e pode muit' e a tal coraçon
que o non pode ren apoderar;
desy ar temudo, que non sei
quen o non tema, e contar vos ey
ainda mais; e judga-m'enton.
En o mar cabe quant'y quer caber,
e manten muitos, e outros y a;
quẽ x'ar quebranta e que faz morrer

enxerdados, e outros a que dá
grandes herdades e muit'outro ben;
e tod'esto que vos cunto, aven
al rey, se o souberdes conocer.
E da mansedume vos quero dizer,
do mar non á cont' e nunca será
bravo, nem sanhudo, se lh'o fazer
outro non fezer, e soffrer-vos-a
toda las cousas; mais se en desden
ou por ventura algun loco ten,
con gran tormenta o fará morrer.
Estas mañas, segundo meu sen,
que o mar a, a el-rey. E por en
se semelhan, quen o ben entender.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, canç. n.º 286.)

---

49 Proençaes sóem muy ben trobar,
e dizen elles, qu' é con amor;
mays os que troban no tempo da frol,
e non en outro, sey en ben que non
am tam grã coyta no seu coraçon,
qual m'eu por mha senhor vejo levar.

Pero que troban e sabem loar
sas senhores o mays e o melhor
que elles poden, soõ sabedor,
que os que troban quand' a frol sazon
a, e non ante, se Deos mi perdon,
non am tal coyta qual eu ey sen par.

Ca os que troban, e que s'alegrar
van, en o tempo que tem a calor
a frol comsigu'e, tanto que se for

aquel tempo, logu' en trobar razon
non am, nem vivem en qual perdiçon,
oj' eu vivo, que pois m'ade matar.

El-rey D. Diniz, (*Cancioneiro*, p. 70.)
Vat. n.º 127.

REFRENS

50 A mais fremosa de quantas vejo
en Santaren, e que mais desejo,
e en que sempre cuidando sejo,
non cha direi, mais direi commigo:
Ay sentirigo! ay sentirigo!
al e Alfanx, e al sesserigo.
Ela e outra, amigo, vi-as,
se Deus me valha, non ha dois dias,
e non cha direi eu, cá o dirias
e perder-t'ias por en comigo:
Ay sentirigo! ay sentirigo!
al e Alfanx, e al sesserigo.
Cuydand' ela já ey perdudo
o sen, amigo, e ando mudo,
e non sey ome tan entendudo
que m'oj' entenda o porque digo:
Ay sentirigo! ai sentirigo,
al e Alfanx e al sesserigo.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 119.)

---

51 Pero eu vejo aqui trobadores,
senhor e lume d'estes olhos meus,
que troban d'amor per sas senhores,
non vejo eu aqui trobador, por Deus,
que m'oj' entenda o porque digo:
Al e Alfanx e al sesserigo.

Senhor fremosa mais de quantas son
en Santaren, e que mais desejo;
dizer vos quero, se Deus me perdon,
non vej'ome, de quantos vejo,
que m'oj' entenda o porque digo:
Al e Alfanx e al sesserigo.
Amo-vos tant' e tan de coraçon,
que o dormir já o ey perdudo;
senhor de mi e do meu coraçon,
non vej'eu ome tan entendudo
que m'oj' entenda o porque digo:
Al e Alfanx e al sesserigo.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 120.)

---

52 Amigos, des que me parti
de mia senhor, e a non vi,
nunca fuy ledo, nem dormí,
nem me paguei de nulla ren.
Tod'este mal soffro e soffri
des que me vin de Santarem.
Assi me tem forçad' amor,
par Deos, por ela, que sabor
non ey de min, e se non for
veel-a, perdud'ey o sen.
Tod'este mal soffro e soffri
des que me vin de Santarem.
O seu fremoso parecer
me faz en tal cuita viver,
que mal posso, nem sei dizer;
e moiro querendo-lhe bem;
esto me fez amor soffrer
des que me vim de Santarem.
E ella e o seu ben
desejando, perco meu sen.

Trovas e Cantares, n.º 121.

CANÇÃO DE MANSOBRE-DOBLE

53 Pero m'eu ei amigos, non ei nium amigo
com que falar ousasse a coita que comigo
ei; nem ar ei a quem ous'eu mais dizer e digo:
de muy bon grado querria a un logar ir,
e nunca m'end'ar viir.

Vi eu viver coitados, mas nunca tan coitado
viver com' oj' eu vivo, nen o viu ome nado,
des quando fui ú fui, e a que vol-o recado
de muy bon grado querria a um logar ir,
e nunca m'end'ar viir.

A coita que eu prendo non sei quen a tal prenda,
que me faz fazer sempre dano de mia fazenda;
tod'aquest' eu entendo, e quem mais quizer entenda:
de muy bon grado querria a un logar ir
e nunca m'end'ar viir.

De cousas me non guardo, mas espero guardar
de soffrer a gran coita que soffri del-o dia
des que vi o que vi, e mais non vos eu diria:
de muy bon grado querria a un logar ir
e nunca m'end'ar viir.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.° 4.)

CANÇÃO REDONDA OU LEXAPREN

54 Agora me part'eu muy sen meu grado
de quanto ben oje no mund'avia,
cá assi quer Deus e máo meu pecado.

Ay eu! de mais se me non val Santa Maria
d'aver coita muita teñ'eu guisado,
e rog'a Deus que mais d'oj'este dia
non viva eu, se m'el y non dá conselho.

Non viva, se m'el y non dá conselho,
non viverei, non é cousa guisada,
cá pois non vir meu lum'e meu espelho;
ay eu! já por mia vida non daria nada,
mia senhor, e digo-vos en concelho,
que se eu moir'asi d'esta vegada
que a vol-o demande meu liñage.

Que a vol-o demanda meu liñage,
senhor fremosa, ca vós me matades,
poys voss'amor en tal coyta me trage;
ay eu! e sol non quer Deus que mi o vós creades
e non me val y preito nen menage,
e ides-vos, e me desamparades,
desampare-vos Deus, a quen o eu digo.

Desampare-vos Deus a quen o eu digo,
ca mal perfic'oj'eu desamparado,
de mays non ey parente, nen amigo;
ay eu! que m'aconselho e desaconselhado
fic'eu sen vós, e non ar fic'amigo,
señor, senon gran coita e cuidado,
ay Deus! valed'a omen que d'amor morre.

Anonymo, *(Trovas e Cantares*, n.º 114.*)*

MANSOBRE-MENOR

55 Ja, mia Senhor, ni un prazer
non mi fará gran prazer,
sen vosso ben, cá outro ben

non me fará cuita perder,
mentr'eu viver, e quen viver
a ver-mi-a pois est a creer.
  E que mal conselho filhei
aquel dia en que filhei
vos por senhor; ca mia senhor
sempr'eu mia morte desejei:
meu mal cuidei porque cuidei
d'amar-vos, já mais que farei.
  Que farei eu con tanto mal?
pois vosso ben todo é meu mal,
pois est assi, morrer assi,
com'ome a que senhor non val
a cuita tal, que nunca tal
ouv' outro ome, d'amor nem d'al.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 53.)

COBLAS MONORRIMAS

56 Que guarir non ei per ren
se non vir a que gran ben
quero, cá perco o sen:
poil-a non vejo, me ven
tanto mal, que non sei quen
mi o tolha, pero mi al den
mais Deus mi amostre por en
cedo, que a en poder ten.
  E se eu mia senhor vir,
a que me tolhe o dormir,
se eu ousasse pedir
lhe-ia logo guarir,
me leixass'ú servir
podess'eu; mais consentir
non mi o querrá, nen oyr,
mais leixar-m'a morrer ir.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 48.

DECIMAS

57 Cavalgava n'outro dia
per hun caminho francés,
e huna pastor oía
cantando com outras tres
pastores. E, non vos pés,
eu direi-vos todavia
o que a pastor dizia
a as outras: « En castigo,
nunca molher crea por amigo,
poys o meu foy e non falou migo.»

—Pastor, non dizedes nada»
(diz huna d'elas enton;)
se se foy esta vegada
ar verrá-s'outra sazon.
E dig' a vós porque non
falou vosc'.... Ay ben talhada!
é cousa mays aguisada
de dizerdes com' eu digo:
Deus! ora vehess' o meu amigo,
e averia gran prazer migo.—

D. João de Aboim. (Ap. *Canti antichi portoghesi*, p. 22.—Canc. da Vaticana, fl. 43.)

DONAIRE

58 Eu sei la dona velida,
que a torto foy ferida;
cá non ama.

Eu sei la dona loada,
que a torto foy mallada;
cá non ama.

Cá se oj' amigo amasse
mal aja quem a mallasse,
cá non ama.

Se se d'amigo sentisse
mal aja quem a ferisse,
cá non ama.

Que a torto foy ferida
nunca eu seja guarida,
cá non ama.

Que a torto foy mallada,
nunca eu seja vingada
cá non ama.

Anonymo (*Trovas e Cantares*, n.º 122.)

BALADAS

59 Mha madre é velyda,
vou-me a la baylia
do amor.

Mha madre é loada,
vou-me a la baylada
do amor.

Vou-me a la baylia,
que fazem em vila
do amor.

Que fazem em vila,
do que eu bem queria
do amor.

Que fazem em casa
do que eu muyt'amava
do amor.

Do que eu bem queria
chamar-me-ha garrida
do amor.

Do que eu muyt'amava
chamar-me-ha perjurada
do amor.

El-Rey D. Diniz *(Cancioneiro,* p, 178.)

SOLÁOS E LIRAS

60 Pois que diz meu amigo
que se quer ir comigo
pois que d'el praz,
praz a mi, bem vos digo,
e este é o meu solaz.

Pois que diz que todavia
non imos nossa via,
pois que a el praz,
praz-m' en y bon dia,
este é o meu solaz.

Pois de me levar vejo
que est' é o seu desejo,
pois que a el praz
praz-me muito de sobejo,
este é o meu solaz.

El-Rey D. Diniz *(Canc. de D. Diniz,* p. 189.)

---

61 Fex huã cantiga d'amor
ora meu amigo por mi,
que nunca melhor feyta vi;
mais como x' é muito trobador
fez huãs *Lirias* no som,
que mi sacon o coraçon.

Muito bem se soube buscar
por mi, ali, quando a fez,
en loar-me muit' em meu prez;
mais de pran por xe mi matar,
fez huãs *Lirias* no som
que mi sacon o coraçon.

Per boa fé, bem baratou
de a por mi boa fazer,
e muito lh'o sey gradecer;
mais vedes de que me matou:
fez umas *Lirias* no som,
que mi sacon o coraçon.

Julião Bolseiro. *Canc. Vat,,* n.º 779.

TENÇÃO DE MEM RODRIGUES TENOYRO A JULIÃO BOLSYRO

62 Joyão quiso comtigo fazer
se tu quiseres huma entençom,
e querrey-te na primeyra razom
huma punhada mui grande poer;
em o rostro chamar-te trapaz,
mui mais é o que assy faz
uã entençon que nom quer fazer.

Meem Roiz, muit'em meu prazer
a farey vôsco, assy Deos me perdon',

*

cá vos eu ey de chamar cochon,
poys que eu a punhada receber;
desy trobar-vos-ey muy mal assaz,
et a tal entençon se a vós praz
a farey vosco muyt'em meu prazer.

Juyão, poys tigo começar
fui, dyrei-t'ora o que te farei,
uma hunhada grande te darei,
desy querey-te muytos couces dar
na garganta por te ferir peor
que nunca vylão aia sabor
d'outra tençon comigo começar.

Mem Roiz, quer eu m'emparar,
se Deos me valha, como vos direi;
corujo nojoso vos chamarey
pois qu'en a punhada recadar;
desy direi, poys s' aos couces for
lexade-me ora, por nostro senhor,
ca assy se sol' meu padr'a emparar.

Juyão, poys que t' eu filhar
pelos cabellos, e que t'arrastrar,
aqui dos couces te posso trazer.
Mem Roiz, se m'eu repostar,
ou se me salvo, ou se me quero star,
ay tunador, já vês, nom tens mays a dizer.

Canc. da Vaticana, n.º 14. Ed. Monaci.

---

63 —Vasco Martins, poys vós trabalhades
e trabalhades de trobar d'amor,
do que agora, por nostro senhor,
quero saber de vós, que m'o digades.

E dizede-m'o, cá bem vós estará,
pois vos esta por quem trobastes já
morreu, por Deos, porque trobades?

«Affonso Sanches, vós perguntades,
e quero-vos eu fazer sabedor;
eu troba e trobey pola melhor
das que Deos fez; esto lo *ajades*.
Esta do coraçon nom me salrrá,
e atenderey seu ben, se m'ho fará,
e vós al de mi saber non queirades.

—Vasco Martins, vós non respondedes:
nen er entendo, assi veja prazer,
porque trobades, que ouvi dizer
que aquela por quem trobad'avedes
e que amastes vós mais d'outra ren,
que vos morreu de gram temp'; e por en
pola morta trobar non devedes.

«Affonso Sanches, pois non entendedes
em qual guysa vos eu fui responder,
a mi en culpa non deveis poer,
mais a vós, se o saber non podedes.
Eu trobo pola que m'en poder tem,
e vence todas de parecer bem;
pois hu i nom é, amarey como o vedes.

—Vasco Martins, pois vos morreu por quem
sempre trobastes, maravilho-m'en,
pois vos morreu, porque non morredes?

«Affonso Sanches, vós sabede ben,
quem ama he com perda de sen,
depois que trobeys sabel-o-edes!

D. Affonso Sanches, *Canc. port.* n.º 27.

SECÇÃO 3.ª

INFLUENCIA DAS TRADIÇÕES BRETANS

N. B.—Esta parte não póde ser representada, porque os *Lais* portuguezes occupavam as folhas perdidas do Cancioneiro da Vaticana. Pelo indice do Cancioneiro de Angelo Colocci se conhece o titulo das composições d'este genero:

1 *Lais de Elis o Baço.*

2 *Lais das quatro donzellas.*

3 *Lais de Tristão enamorado.*

4 *Lais de Tristam.*

5 *Lais de Dom Tristam para Genebra.* (Apud Monaci, *Canzoniere portoghese,* p. XIX.) Adiante segue-se uma Cantiga de mal dizer, em que se allude á forma do *Lais:* (64)

64 Dom Pedro est cunhado del-rey
que chegou ora aqui d'Aragon,
com hum espeto grande de latom
e para que vol-o perlongarei
deu por vassalo de si a senhor
faz sempre nojo, nom vistes mayor.
Pera se lhi nom poder aperceber
já el tinha prestes cabo si
aquel espeto que filhou logo hi,
e que compre de vos en mais dizer:
deu por vassalo de si a senhor
faz sempre nojo, nom vistes mayor.
Muy ledo s'ends hu cantára seus *Lays,*
a sa lidice pouco lhi durou
e o espet' em sas mãos filhou
e pera que o perlongarei mays?
deu por vassalo de si a senhor
faz sempre nojo, nom vistes mayor.
E en tal que nom podess'escapar
nem lhi podesse em salvo fogir
filhou o espeto em som d'esgrimir
e para que eyde vol-o perlongar,
deu por vassalo de si a senhor
faz sempre nojo, nom vistes mayor.

Fernan Rodrigues Redondo, *Canc. port.,* n.º 1147.

SEGUNDA EPOCA

ESCHOLA HESPANHOLA

(SECULO XV)

I GENERO EPICO: a) *Tradicional:* 65–68. Romances. b) *Litterario:* 69. Coplas em lamentação.—70. Versão de Barlam et Josaphat. —71. Lamentação em endechas.

II GENERO LYRICO: a) *Tradicional:* 72. Cantarcilho—73. Tonadilha—74. Seguidilha—75. Chacota de terreiro—76. Clamores — 77. Ditado, ou rifão rimado.—b) *Litterario:* 78 Coplas. —79–80. Voltas—81. Quadras—82. Trovas na forma de Recuerd el alma—83–85. Eparsas—86. Acrostico—87. Vilancete trovado—88. Trovas em consoantes forçados—89. Trovas aliteradas—90–91. Vilancetes com ajuda — 92–93. Coplilhas —94. Cantiga—95. Decimas—96–97. Pergunta—98–99. Motos—100. Apodo—101. Farsiture.

III GENERO DRAMATICO: *Litterario:* 102–103. Momos — 104. Mourisca retorta.

ROMANCEDO CONDE NIÑO

(VERSÃO DE TRAZ OS MONTES)

65 Vae o Conde, Conde Ninho,
seu cavallo vae banhar;
emquanto o cavallo bebe
cantou um lindo cantar:
—Bebe, bebe, meu cavallo,
que Deos te hade livrar,
dos trabalhos d'este mundo
e das areias do mar.

=Esperta, oh bella princeza,
ouvide um lindo cantar,
ou são os anjos no céo,
ou as sereias no mar?
«Não são os anjos no céo,
nem as sereias no mar,
é o Conde, Conde Ninho,
que commigo quer casar.
=Se elle quer casar comtigo
eu o mandarei matar.
«Quando lhe deres a morte
mandae-me a mim degolar;
que a mim me enterrem á porta,
a elle ao pé do altar.

Morreu um e morreu outro,
já lá vão a enterrar;
d'um nascera um pinheirinho,
do outro um lindo pinheiral;
cresceu um e cresceu outro,
as pontas foram juntar,
que quando el-rei ia á missa
não o deixavam passar;

pelo que o rei maldito
logo as mandava cortar;
d'um correra leite puro,
e do outro sangue real!
fugira d'um uma pomba
e do outro um pombo trocal,
sentava-se el-rei á meza,
no hombro lhe iam poisar:

=Mal haja tanto querer,
e mal haja tanto amar,
Nem na vida, nem na morte
nunca os pude separar.

Romanceiro geral, colligido da tradição, n.º 14.

ROMANCE DE BRANCA-FLOR

(VERSÃO DA EXTREMADURA)

66 —A' guerra, á guerra, mourinhos,
quero uma christã captiva;
uns, vão pelo mar abaixo,
outros, pela terra acima:
tragam-me a christã captiva
que é pora a nossa rainha.

Uns vão pelo mar abaixo,
outros pela terra acima;
os que foram mar abaixo
não encontraram captiva;
os que foram terra acima
tiveram melhor atina,
deram com o Conde Flores
que que vinha da romaria:
vinha lá de Santhiago,
Santhiago da Galliza.

Mataram o Conde Flores,
a Condessa vae captiva;
mal que o soube a rainha
ao caminho lhe sahia:

«Venha embora a minha escrava,
boa seja a sua vinda!
aqui lhe entrego estas chaves
da dispensa e da cosinha;
que me não fio de moiras
que me dêem bruxaria.
—«Acceito as chaves, senhora,
por grande desdita minha!
hontem, Condessa jurada,
hoje moça de cosinha.

A rainha está pejada,
a escrava tambem o vinha;
quiz a boa ou má fortuna,
que ambas parissem n'um dia.
Filho varão teve a escrava,
e uma filha a rainha;
mas as pérras das comadres
para ganharem alviçaras,
deram á rainha o filho,
e á escrava deram a filha.

—«Filha minha, da minha alma,
com que te batisaria?
as lagrimas dos meus olhos
te sirvam de agua bemdita.
Chamar-te-hei Branca-rosa,
Branca-flor de Alexandria,
que assim me chamava d'antes
uma irmã que eu tinha.

Captivaram-na os Mouros,
dia da Paschoa-florída,
quando andava a apanhar rosas
n'um rosal que meu pae tinha.

Estas lastimas choradas
veis la rainha que ouvia;
e com as lagrimas nos olhos
muito depressa accudia:

«Criadas, minhas criadas,
regalem-me esta captiva
que se eu não fôra de cama,
eu é que a regalaria.

Mal se alevanta a rainha
vae-se ter com a captiva.

«Como estás, oh minha escrava,
como está a tua filha?
—«A filha boa, senhora,
eu como mulher parida.
«Se estiveras em tua terra
que nome lhe chamarias?
—«Chamava-lhe Branca-Rosa,
Branca-flor de Alexandria,
que assim se chamava d'antes
uma irmã que eu tinha:
captivaram-na os Mouros
dia de Paschoa florída,
quando andava a apanhar rosas
n'um rosal que meu pae tinha.

«Se viral-a tua irmã
se tu a conhecerias?
—«Assim eu a vira núa

da cintura para cima;
debaixo do peito esquerdo
um lunar preto ella tinha.
«Ai triste de mim coitada,
ai triste de mim mofina!
mandei buscar nma escrava,
trazem-me uma irmã minha.

Não são passados tres dias
morre a filha da rainha
chorava a Condessa Flores
como quem por sua a tinha;
porem mais chorava a mãe
que o coração lh'o dizia.
Deram á lingua as criadas,
soube-se o que succedia:
a mãe com o filho nos braços
cuidou morrer de alegria.
Não são passadas tres horas
uma á outra se dizia:

«Quem se vira em Portugal,
terra que Deos bem dizia!

Juntaram muita riqueza
d'ouro e de pedraria;
uma noite abençoada
fugiram da mouraria;
foram ter á sua terra,
terra de Santa Maria,
meteram-se n'um mosteiro,
ambas professam n'um dia.

Rom. geral, n.º 38.

ROMANCE DE D. EURIVES (GWENIWAR.)

(VERSÃO DA ILHA DA MADEIRA)

67 Andava D. Eurives
cá e lá em triste andar,
chorando las suas penas,
que devia de chorar.

—O que tendes, Dona Eurives,
que vos não seja de agrado?
«Por Deus vos peço, a vós sogra,
por Deus vós peço, rogado,
que em vosso filho vindo,
nada lhe seja contado:
que eu vou-me alem ao castello
carpir aquelle finado.

A falsa de sua sogra
por ver o filho vingado,
tudo que a nora lhe disse
tudo lhe fôra contado.
Puxou elle suas esporas
tinha o cavallo sellado...

—«Deus vos salue a vós, guardas
d'este castello guardado;
dizei-me que gente é essa
que carpe n'esse finado?
═São senhoras e donzellas,
cousa de grande estado.
Uma carpe marido,
outras carpem cunhado,
e tambem a Dona Eurives
carpe lo seu bem amado.
—«Digam-me a essa senhora

que seu amor é passado;
entre duas facas finas
seu pescoço degollado,
mettido entre dois pratos
a seu pae será mandado.
«Matae-me, já que a meu pae
eu falar lhe não sabia:
que este é que era o meu amor,
que eu a vós não vos queria.
De sete filhos que eu tive
quatro são de vós senhor,
os vossos vestem brilhante
os outros... triste rigor.

Digam todos que aqui estão
digam todos, toda a gente,
se ha peor cousa no mundo,
do que casar mal contente?
Ora adeos, que eu vou-me embora,
com meu amor para sempre.

Ed. das *Saudades da Terra*, p, 768.

ROMANCE Á MORTE DO PRINCIPE D. AFFONSO (1491)

(VERRÃO DA ILHA DE S. JORGE)

68 Casadinha de outo dias,
sentadinha á janella,
vira vir um cavalleiro
com cartinhas a abanar:

«Que trazeis p'ra me contar?
—Senhora, trago-vos novas
muito caras para as dar.

«Quando vós de as dares,
que farei eu de acceitar!
—Vosso marido caiu
no fundo do areial;
rebentou-lhe o fel no corpo,
está em risco de escapar!
se o queres achar vivo,
tratae já de caminhar.

Cobrira-se com o seu manto,
tratara de caminhar;
as servas iam traz ella,
cuidando de a não alcançar.
O pranto que ella fazia
pedras fazia abrandar.
Respondeu-lhe o marido
do logar aonde estava:

=Calae-vos, minha mulher,
não me dobreis o meu mal;
tendes pae e tendes mãe,
podem-vos tornar a levar.
Ficaes menina e moça
podeis tornar a casar.
«Esse conselho, marido
eu não o heide tomar,
heide pegar n'umas contas
não farei fim a resar.
—Abri lá esse portão,
o portão da galhardia,
para a senhora entrar,
senhora D. Maria.
«Chamem-me triste viuva,
apartada de alegria,
que me morreu um cravo,
a quem eu tanto queria.

Elle não morreu na guerra,
nem em batalha vencida;
morreu, morreu cá em terra,
n'um poço de agua fria.

Cantos popul. do Archipelago, n.º 55.

Á MORTE DO INFANTE DOM PEDRO,

QUE MORREU N'ALFARROBEIRA, E VAM EM NOME DO INFANTE

69 Pola morte de mym soo
e d'alguns vossos parentes,
vós outros, que sois presentes,
todos deveys filhar doo.
Os que tinheis em mim noo,
e folguays com minha morte
antre todos lançay sorte,
qual seraa mays cedo poo?

E do mal que me fyzestes
entam sereys lá lembrados,
e d'aquestes meus criados
que matastes e prendestes.
Empero, todos perdestes
em mym huma nobre dôa;
sobre todos fuy corôa
segundo todos soubestes.

Nom foy outro no Oriente
tam perfeito em saber;
ja em mym foy o poder
d'escusar o mal presente.
Nunca usey em meu talente
de fazer cousa errada,
mas esta morte foy fadada
pera mym e minha jente.

Eu cryey em gram alteza
hum soo rey e ṣeu irmão,
sempre lhe beyjey mão,
e resguardey ssa realeza.
Fuy eu frol de gentileza,
e na minha mocidade
usey sempre de verdade,
e amey muyto franqueza.

Quando eu ante vós era,
todos m'assy esguardaveys,
e assy me adoraveys,
como se vos eu fizera.
Aguora já nenhum espera
receber de mym mercês,
antes me avorrecês
como huma besta fera.

Nam ha reynos em Cristãos
que em todos nom andasse
e que sempre nom achasse
nos reis d'elles doces mãos.
Fidalguos e cydadãos
me serviam lealmente,
e aguora cruelmente
me mataram meus irmãos.

Eu andey per muytas partes
e per outras boas terras,
muyta paz e tambem guerras
vy tratar per muytas artes.
Mas aqueste dia-martes
foy infelis para mym;
o meu sangue me deu fim,
e rompeu meus estendartes.

*

Naturays de Portugal
contra mym armas fiylhastes,
certamente muito errastes,
que vos não mereci tal.
Roubastes meu arrayal,
toda minha artelharia;
grande enveja e perfia
ordenou todo este mal.

Mal vos lembram as mercês
que vos fez el-rey meu padre
com a rainha minha madre,
d'u melhores descẽdés.
Eu não sey que ganharês
por minha destruiçam;
se o fezestes sem rezam,
d'este vos nam lavareys.

Muyto trabalho levou
meu padre por vos criar,
muyto mais por vos liurar
e leixar como leyxou.
Se vos elle acrecentou
em mentres qu'ele viveu,
nem por mym nam faleceo
quanto meu tempo durou.

E vós fostes os culpados
causadores de meu dano,
que já passa de hum anno
que andays aconselhados;
e com rostros desvairados
me falaveys cada dia:
mas de vós nam me temya,
porque ereys meus criados.

Natureza nam deerva
consentir-vos tal crueza,
bem mostrara jentileza
algum que me vyda dera.
Mas no anno d'esta era
tays pranetas sam correntes,
que amyguos e parentes
todos andam por derrera.

A morte tenho passada,
e o medo já perdido;
pero levo já sentído
da infante lastimada,
e da rainha muyto amada:
e meus filhos orfãos leyxo,
d'esto todo me aqueyxo,
que da morte nam do nada.

Ora lá vos temperay
o melhor que já poderdes;
pero se syso teverdes
sempre vos bem avysay.
Cada dia esperay
receber por u medistes,
a que ora de mym vistes
quando vos vier, tomay.

Cabo

Todos fostes muy ingratos
e de pouco conhecer;
bem quizestes parecer
os do tempo de Pylatos.

Luiz d'Azevedo, *Cancioneiro geral,* t. I p. 451.

BARLAAM ET JOSAPHAT

FRAGMENTO DE UMA TRADUÇÃO

. . . .
Quando ella assy bremava
todos compeçam de fugir,
e quando chegou o dia
que ela ouve de parir,
pariu um rato pequeno,
bem faz escarnho do ryr,
suas vozes e espanto
em rogo foram salyr.

Bem outrosy acontece
a muitos e a teu amo,
se vêe dar muyto estrago
fugindo com falso engano;
cegam muitos com o vento,
vão-se perder com mal ramo;
vay dis-lhe que me nom queyra,
ca o nom quero nem amo.

O homem que muyto fala
faz muyto menos ás vezes
e põem em muyto espanto
o pouco stroido de mezes;
e as cousas muito caras
outra ora sam rrefeces,
e as astrosas de vil preço
sam para avellas revezes.

Como por pequena cousa
avorrecimento e sanha,
arredou-se logo de my
e fez-me de jogo manha;

assy o diz enganado
o que cuida quem engana,
desto eu fiz uma trova
Ay que tristeza tamanha.

Assi o diz Salamon
e diz grande verdade,
que as cousas d'este mundo
sem dulda sam vaidade;
e sam todas passadoiras
fugem-se com a hydade,
salvante o amor de Deos,
todo o al he neicidade.

Despoys que vy a dona
de mi partida e mudada,
dixe: querer d'u nom me querem
fazia ponto ou nada;
responder d'u me nom chamam
he vaidade provada;
partiu-se de seu preyto
pois de mi he arredada.

Sabe Deos que nem em esta
aa quantas donas nunca vy,
eu sempre quige mandalas
outro sy sempre as servi;
e se servir nom as pudi
certo nunca as deservy,
de dona bem mesurada
sempre dela bem screvy.

Muyto seria eu torpe
a malo vylano pagez,
se eu de la mulher nobre
razoase cousa refez;

ou en na molher louçana,
fremosa, nobre e cortez
todo bem d'aqueste mundo
todo prazer em ela és.

Se Deos quando formou
ao o homem entendera
que era tam mala cousa
a mulher, nom lhe la dera
ao homem por companheira
nem dele a nõ fezera,
e se pera bem nõ fora,
tanto nobre nõ s'avera.

Se ó homem ou á molher
nõ lhe quizesse bem,
nõ teria tantas pressas
no amor quantas lhe tem;
nõ por sanctos nem por sanctas
que seja nom sabe quem
mais ame que su campanha
em este siso se mantem.

Os estrolegos antigos
dize em na sciencia,
eu digo da estrologia
que he muy nobre sabença;
que o homem quando naçe
logo na sua nacença
o sino em que ele nace
aquel o julga por sentença.

Esto disse Tholomeo
e assi o disse Pratõ
e outros grandes maestres
todos n'este acordo som;

qual he o acidente
e a sua costellaçom
daquelle que naçe tal he
seu estado e o seu dom.

A y muytos qne trabalham
muyto pela crelizia,
e aprendẽ grandes tempos,
despendem grande contia;
mas no cabo sabem pouco
ca o fado os guya,
nem o nom podem dos mays
a eŝta estrologia.

Y outros entram em ordem,
por salvarem suas almas,
outros tomam officiaes
em querer usar em armas;
outros servem a senhores
com suas manos autr'ambas,
por muytos de aquestes
dam em terra d'ambas palmas.

Nõ acabam em ordẽ
nem sam grandes cavalleyros,
nẽ em mercê dos senhores
nẽ erdam de seus dinheiros;
porque pode seer esto
querem é ser verdadeiros,
segundo natural curso
os meestres estrolageiros.

Porque tu creas o curso
destes sinales a tales
dizer te hei um juiso
som de a que naturales,

os quaes julgaram um nino
per seur certos sinales
de per juizos muy fortes
forom d'acabades males:

Era hum rey de mouros
alcaras nombre avia;
e naçe-lhe hum fylho
mais que aquel non tenya;
mandou per seus sabedores
ca deles saber queria
o signal e a praneta
do filho que lhe naçia.

Antre aquelles estrologos
que la veerom para veer,
veerom hi cinquo d'eles
que eram de mayor saber;
des que o ponto tomarom
no qual el ouve de naçer,
disse-lhe um dos maestres,
que medrado hade ser.
. . . .

Fol. avulsa do Ms. 785 da Bibl. do Porto.

LAMENTAÇÃO

Á MORTE DEL-REY DOM JOÃO O SEGUNDO QUE HE EM SANTA GRORIA

71 . . . .
Dizer dos antigos, que sam consumidos,
nam quero, em Gregos falar, nem Romãos;
mas nos que nos caem aqui d'antr' as mãos,
vistos de nós e de nós conhecidos.
Despertemos de todo os nossos sintidos,

poys este mundo he tam inconstante:
creamos dos que nam sam perdidos,
mas que sam hydos hum pouco adiante.
. . . .

Antigos exempros a parte deyxados,
sem os alheos querer memorar,
os mortos em canas deyxemos estar
com outros mil contos que sam já passados.
Deyxem de ser aqui relatados;
abaste fallar nos possuidores
d'esta nossa terra, que dela abayxados
foram assy com' a pobres pastores.

Que se fez d'aquele que Ceyta tomou
por força aos Mouros com tanta vitorea,
o intitulado da Boa-Memorea,
que a sy e aos seus tam bem governou?
As cousas tam grandes que vivend' acabou,
afora nas batalhas mostrar-se tam forte,
com outras façanhas em que s'esmerou,
nunca poderam livral-o da morte.

Seu fylho, primeiro bom rey Dom Duarte,
que foy tam perfeito e tam acabado;
reynando muy pouco, da morte levado
foe, como quys quem tudo reparte.
Seus irmãos, os Ifantes, que tanta de parte
na virtude teveram pelo bem que obraram,
tendo nas vidas trabalhos que farte,
com tristes soçessos alguns acabaram.

O sobrinho d'estes, Ifante de grorea,
progenitor de quem nos governa,
que foy de vertudes tam crara lucerna,
tambem ouve d'ele a morte vytorea.

Com todo nom pode tirar-lh'a memorea,
de ser esforçado e forte na fee,
tomou este princepe, dino d'estorea
per força ós Mouros o grand'Anafee.

O quinto Affonso non quero calar,
que assy como teve vytorea crecida,
tantos trabalhos sosteve na vida,
que lhe causaram mais ced' acabar.
Tambem acabou o filho de dar
fim a esta vida de tanta miserea,
no qual determino um pouco falar,
posto qu'emprenda muy alta materia.

Este foy aquele bom rey dom Joham,
o mays eycelente, que ouve no mundo,
rey d'estes reynos, d'este nome segundo,
humano, catolico, sojeyto á razam.
Do qual muy bem creo, sem contradiçam,
julguando sas obras, e como morreo,
que deve bem certo de ter salvaçam,
poys tam justamente sempre viveo.
. . . .

Poys em Castela, ahy n'essa guerra,
se foe esforçado muy bem se mostrou;
depois da batalha no campo ficou,
os mortos n'aquela metendo so terra.
Tambem n'essas pazes, s'a penna nam erra,
foy muy prudente e muy sabedor,
os meos tomando dos vales e serra:
que n'estes consiste vertude mayor.

Nam menos no reyno, por este teor,
no tempo que foe aquela discordia,
usou mays com eles de misericordia

do que n'isso fez com justo rigor.
Era temido dos seus com amor,
e a Deos temya com todo querer;
que quando o rey de Deos tem temor,
emtam o soemos muy mais de temer.

Com animo grande d'esperas reaes,
abrio o caminho de todo Guyné,
mays por crecer a catolica fé
que nam por cobiça dos bens temporaes.
Com ela fez rico os seus naturaes,
os infieis trouxe a ver salvaçam,
poys obras tam justas e tam devynaes,
seram sempre vivas segundo razam.

S'em todo ponente se sente gram grorea,
por serem as Indias a nós descobertas,
ele foe causa de serem tam certas
e tam manifestas por nossa vitorea.
Pois he sua fama a todos notoria,
culpem-me muytos e mais d'uma vez,
se dele nom faço aquella memorea
que justa merecem os feytos que fez.

A fim já chegada de sua partida,
sendo de todas a cousa mais forte,
já muito cerca da hora da morte,
nam se esqueceu das obras da vida.
Tendo a candea já quasi pedida,
a penna na mão tremendo tomava,
e com moderada justiça devida
tenças, mercês, padrões assynava.

Seus males e culpas gemendo com dor,
partyo d'esta vida na fé esforçado;
polo qual creo, que outro reynado

possuy la com Deos muyto melhor.
Fez fim no Algarve, na vila d'Alvor,
no decimo mez, á fim já propinco,
sendo da era de nosso Senhor
quatorze centenas noventa mais cinco.

Com gram cyrimonia a Sylves levado
d'aly foy dos seus, que o muyto sentyam,
quem antes hum pouco as gentes seguyam.
aly ficou soo de todos deyxado.
O' morte, que matas quem é prosperado,
sem de fremoso curar, nem de forte,
e deyxas vyver o mal aventurado
porque vivendo receba mays morte.

D'aly a trez annos nam bem precedentes
foy com gram festa d'aqui trespassado,
e posto no lugar que está deputado
em ser mauseolo dos nossos regentes.
Quer Deos d'aly dar a muytos doentes
comprida saude, tocand' onde jaz;
em serem os anjos com elle contentes
nos he manifesto nas obras que faz.

Fez isto por ele o muy poderoso
rey excelente Manuel o primeyro,
quem ele deyxou successor verdadeiro,
como rey justo e muy vertuoso.
Soube este princepe muy animoso
que oje governa com tanta medyda,
pagar-lhe na morte, como piadoso,
o bem recebido d'aquelle na vida.

Diogo Brandão, *Canc. geral*, t. II, p. 190—200.

CANTARCILHO Á PADEIRA DE ALJUBARROTA

72 Pois que Madanella
remediou meu mal,
viva Portugal,
e morra Castella.

Seja amor testigo
de tamanho bem,
não chege ninguem
a zombar commigo.

Que a espada é rodela,
a forneira sal'
viva Portugal,
e morra Castella!

Romancero general (Rom.: *Un gallardo portuguez.)*

TONADILHA DOS POBRES

Á PORTARIA DO CONVENTO DO CONDESTAVEL

73 O gram Condestabre
em o seu Mosteiro
dá-nos sua sôpa,
mail-a sua rôpa,
mail-o seu dinheiro.

A benção de Deos
cahiu na caldeira
do Nunalves Pereira,
que abondo cresceo
e todolo deu.

Se comer queredes
nom vades além,

d'on menga nam tem,
ahi lo comeredəs
como lo bedes.

Ap. *Chronica dos Carmelitas*, do P. Santa-Anna, t. I, p. 438.

---

74 SEGUIDILHAS

QUE AS MULHERES DE LISBOA CANTAVAM PELA PASCHOA FLORIDA NA SEPULTURA DO CONDESTAVEL:

GUIA, *só; e depois todos:*

Nó me lo digades, none,
Que santo he o Conde.

GUIA, *só:*

O gram Condestabre
Nunalves Pereira,
defendeo Portugale
com sua bandeira,
e com seu pendone.

TODOS:

No me lo digades, none;
que santo he o Conde.

GUIA, *só:*

Na Aljubarrota
levou a vanguarda,
com braçal e cota
os Castelhãos mata,
e toma o pendone.

TODOS:

No me lo digades, none;
que santo he o Conde.

GUIA, *só:*

Com sua chegança
filhou Badalhouce,
sem usar d'avença
entrou sua torre,
e poz seu pendone.

TODOS: No me lo digades, none;
que santo he o Conde.

GUIA, *só:* Dentro no Valverde
venceu os Castelhãos,
matou bons e maos,
so c'o sua hoste
e seu esquadrone.

TODOS: No me lo digades, none;
que santo he o Conde.

Ibid., t. I, P. 3, p. 466.

---

75 CHACOTA DE TERREIRO

QUE OS MORADORES DO RESTELLO CANTAVAM NA SEGUNDA OUTAVA DO ESPIRITO SANTO, NA SEPULTURA DO CONDESTAVEL

VOZ: Santo Condestabre,
bone portugues,
Conde d'Arrayolos,
de Barcellos, d'Orém.

TODOS: Santo Condestabre,
bone portugues.

VOZ: Na campanha somdes
alem d'uma bez;
e mais otra bez,
e mais otra bez.

TODOS: Santo Condestabre,
bone portugues.

VOZ:

Por faison da patria
todo esto lo fez,
mata os Castelhãos
salva a nossa grey.

TODOS:

E mais otra bez,
e mais otra bez.

VOZ:

No me lo digades,
qu' aboudo lo sey,
librou as obelhinhas
do leo de Castel.

TODOS:

E mais otra bez
e mais otra bez..

Ibidem.

---

76 CLAMORES

DOS MORADORES DE SACAVEM NO ANNIVERSARIO DO CONDESTAVEL

VOZ:

Do Restello a Sacavem
nem ningola, nem ninguem
tem semelho ao Condestabre,
que lo prouge, e que lo praze,
ho fazernos tanto bem.

TODOS:

E bem, e bem.

VOZ:

O rapaz das cobreturas
que morre e cahe para traz,
já nom vae á sepultura,
que otra bez vive o rapaz:
e o Conde le fizo bem.

TODOS:

E bem, e bem.

VOZ: Á filha de Joanne Estês
que finou por nom mamar,
ao do Moinho do cubo
que finou por se afogar,
viventa o Conde tambem.

TODOS: E bem, e bem.

VOZ: O mal d'aquella alfayata
a gram dor de Lopo Affonso,
nom les chega aos coraçons,
que o Conde santo los guarda:
y tudo por fager bem.

TODOS: E bem, e bem.

VOZ: E bem, Condestabre santo,
cobri-nos com vosso manto,
e co vosso manto de gales,
defendimento de males,
e faga-nos munto bem.

TODOS: E bem, e bem.

Ibid., extrahido de um Ms. de Azurara.

DITADO OU RIFÃO VULGAR,

A QUE ALLUDE AZURARA

77 «Oh noite má,
para quem te apparelhas?
—Para os pobres soldados
e pastores de ovelhas.
«E os homens do mar
aonde os deixas?
—Esses ficam metidos
até ás orelhas.

*

COPLAS DO INFANTE DOM PEDRO,

FILHO D'EL-REI DOM JOÃO I, EM LOUVOR DE JOÃO DE MENA:

78 Nom vos será gram louvor
por serdes de mym honrado,
que nam sam tam sabedor
em trovar, que vos dey grado.
Mas meu desejo de grado
a mym praz de vos louvar,
e vós o podeys tomar
tal, quejando vos he dado.

Sabedor e bem falante,
gracyoso em dizer,
coronysta abastante
em poesyas trazer.
Ou de novo as fazer,
hu compre, com gram maestrya;
de comparar melhorya
dos outros deveys aver.

D'amor trovador sentydo
coma quem seu mal sentiu,
e o ouve bem servydo
e os seus segredos vio;
e de todo departio
muy fermoso e muy bem,
como poode dizer quem
vossas copras ler ouvyo.

De louvar quem a vos praz
aconselhar lealmente,
d'esto sabeis vós assás,
e fazeyl-o sagesmente;

e assentar-s'oo presente
creo nam terdes ygoal,
de consoar outro tal;
julgue-o quem o bem sente.

Infante D. Pedro, *Canc. geral,* t. II, p. 70.

VOLTAS D'EL-REI DOM PEDRO (CONDESTAVEL DE PORTUGAL) A UMA SENHORA

79 Honde acharaão folguanças
meus amores,
honde meus grandes temores
segurança!

Tristeza nam dá luguar,
menos consente reçeo,
temor me faz sospirar,
mudança faz que nam creo.
D'outra parte esperança
daa favores,
sem averem meus amores
segurança.

Ibid., t. II, p. 67.

OUTRA D'EL-REI DOM PEDRO

80 Ho desejosa folguança,
u fazem pausa meus males!
non es em vano esperança,
se me vales.

Se me vales, tornaraa
todo meu mal em prazer,
a meus trabalhes daraa
gualardam meu merecer.

Mais poderá confyança
que todos meus tristes males;
morrerá desesperança
se me vales.

Ibid., p. 68.

QUADRAS NO FIM DE UMA TRADUCÇÃO DOS EVANGELHOS

81 Nam vos sirvo, nem vos amo,
mas desejo-vos amar,
de sempre vossa me chamo
sem quem nom he repousar.

Oh vida lume e luz,
infindo bem e inteiro,
meu Jesus, Deos verdadeiro,
por mim morto em a cruz.

Se mim mesma nom desamo
nem vos posso bem amar,
a me ajudar vos chamo,
para saber repousar.

D. Filippa, filha do Duque de Coimbra,
(Ap. *Agiolog. Lusit.* t. I, p. 411.)

TROVAS NA FORMA DE *RECUERD EL ALMA ADORMIDA* (DE MANRIQUE.)

82 Poys nacy por vós amar,
e ser vosso ta morrer,
sem me partir,
eu não devo recear
coytas, trabalhos soffrer
por vos servir.

Ca pois sempre vos amey
e vos amo certamente,
dizer posso,
que já nunca poderey
d'outra ser inteiramente,
se nam vosso.

De vos eu aquele ser
que vos sempre fuy e sou
ategora,
vós o deyês firme crêr,
qu'esta fé nam se mudou
de mym, senhora.

Poys que outra liberdade
nunca pude desejar,
nem queria,
se nam soo vossa vontade
sempre cumprir e guardar
como devia.

Eu não creo que nacesse
quem mais males soportasse
nem sentisse;
nem que d'amar me vencesse,
como quer que bem amasse
ou servisse.

E coytas desesperadas
e tantos padecimentos
tenho passados,
que soo de serem lembrados
os meus tristes sentimentos
sam torvados.

Poys leixarey por ventura
de vos sempre ser leal,
sem galardam?
ou fará minha tristura
meu desejo querer al?
por certo, nam!

Ante soportar aquela
vida mal aventurada,
em que nacy,
por vós, sesuda donzella,
mays dina de ser amada
de quantas vy!

Aquelles que bem amaram
e lealmente serviram
no passado,
fama de sy nos leyxaram
pelas penas que sentiram
e cuydado.

A qualquer que bem ama,
de si leixa tal memoria,
em meus dias
eu soo devo ser na fama
em huma ygual gloria
com Mancias.

Fim

Ho vos, minha esperança
todo meu bem e prazer
tam sem medida,
minha grande segurança
em cujas mãos e poder
he minha vida!

Tanto devês ser lembrada
e com tam grande sentido
de meu dano,
quanto soes desejada
e servyda sem partido
nem engano.

Gil Moniz, *Canc. geral*, t. I, p. 486.

ESPARSAS

83 Nam vos enganês, senhora,
nos desenguanos que daes,
porque com elles causaes
que vos queyra muyto mays,
o triste que vos adora.
Devês buscar outro modo
para vos mais descansar;
este nam podês achar,
sem me matardes de todo.

Diogo Brandão, *Canc. ger.*, t. II, p. 220.

OUTRA

84 As cousas d'aquesta vida
todas vem a uma conta,
poys vemos que tanto monta
ser curta como comprida.
Quem d'ella parte mais cedo
he livre de mil cuidados;
quem vive tem-nos dobrados
afora sempre ter medo.

Duarte da Gama, *Ibid.*, t. II, p. 498.

ESPARSA

EM QUE ESTÁ O NOME DE UMA SENHORA NAS PRIMEIRAS LETRAS DE CADA REGRA

85 D e vós, senhora, e de mim
O usarey de m'aqueixar;
N os males, que não tem fim,
A ntes vam em gualarim

I urando de m'acabar.
L astimado com resam,
A mores bem me fizeram
R esistir minha paixam;
I nteyra satisfaçam
A a mester, pois me perderam.

Jorge de Resende, *Canc. geral*, t. III, p. 342.

ACROSTICO

EM QU'ESTÁ O NOME POR QUEM SE FEZ, POLAS PRIMEIRAS LETRAS D'ELLE

86 D o grande mal que causaram
O s olhos, quando vos viram,
N 'estes dias o pagaram,
A fóra quando partiram.

V yda, qu'assy atormenta
I á melhor se perderia,
O penar, que s'accrecenta
L edo morrer me faria.
A s lagrimas que se dobraram,
N o coração se sentyram;
T odas meus olhos choraram
E m vendo que não vos viram.

Dioguo Brandão, *Canc. geral*, t. II, p. 208.

TROVAS A ESTE VILANCETE:

Abayx' esta serra
verey minha terra.

O' montes erguidos,
deyxay-vos caír,
deyxay-vos somyr
e ser destroydos.
Pois males sentidos
me dam tanta guerra,
por vêr minha terra.

Ribeyras do mar,
que tendes mudanças,
as minhas lembranças
deixae-as passar.
Deyxay-m'as tornar
das novas da terra
que dá tanta guerra.

Cabo

O sol escurece,
a noite se vem,
meus olhos, meu bem,
já nam apparece.
Mays cedo anoytece,
áquem d'esta serra,
que na minha terra.

Francisco de Sousa, *Canc. geral*, t. III, p. 562.

TROVAS QUE ACABAM SEMPRE EM *DOS*

88 Que cuydados tam cansados
e tam sentydos,
e sentydos trabalhados

dos cuydados
donde nunca são partidos.
Meus desejos nam çompridos
sam dobrados,
cada dia mais crecidos,
repartidos
em mil modos desvairados.

Os prazeres desvairados,
escondidos,
porque sempre sam lembrados
os passados,
com mais força sam queridos.
Lembranças dos recebidos,
apartados,
sam sospiros e gemidos
nam ouvidos
da parte por quem sam dados.

Os esforços esforçados
promettidos,
de muytas contra cercados
conquistados,
de receos combatidos.
D'outra parte escorridos
e esforçados
nos esforços dos ouvidos
merecydos
em nos ver contrariados.

Muytos dias mal gastados,
padecidos,
sospirades, enfadados,
e mostrados,
mil prazeres infengidos.
O' que dias tam perdidos

e tam mingoados,
de mym mesmo perseguidos
e avorrydos,
qual pior pior contados.

Meus olhos nam sam culpados
mas vencidos,
meus dias foram fadados
e julgados
pera pena já nacydos.
Siguo caminhos seguidos,
despovoados,
em que caem e sam cahidos
e feridos
os presentes e passados.

Cabo

Os *dos*, que vam apartados
sejam lidos,
e nos cabos ajuntados,
concertados,
em cada regra metidos.
Gualantes muy resabidos
e avisados,
nam leyxei-vos esquecidos,
nem partidos
os *dos* dos cabos riscados.

Nuno Pereira, *Canc. geral*, t. I, p. 263.

TROVAS ALITERADAS

A EL-REY DOM FERNANDO, NAS QUAES METEO O SEU NOME, E LEM-SE DE TANTAS MANEYRAS, QUE SE FAZEM SESENTA E QUATRO.

89 Forte, fiel, façanhoso,
fazendo feitos famosos;

florecente, frutuoso,
fundando fiis frotuosos.
Fama, fé fortalezando,
famosamente florece;
fydalguias favorece,
francas franquezas firmando.

Exalçado, excelente,
ensinados estimando,
espritual evidente,
eresias evitando.
Em Espanha esmerado,
espelho esclarecido,
especial escolhido,
estremado em estado.

Rey real, reglorioso,
reforçando receosos,
real rey remuneroso,
refreando revoltosos.
Rycos regnos recobrando,
ricamente resprandece;
redobrado remerece,
realissimo reinando.

Notem notoryamente
n'estes notados notando,
nóto n'estas novamente,
notem-no noteficando.
Notefiquem no notado
necessario nacido,
nobremente, nobrecido,
nobre nome nam negado.

Alto, alto aumentado,
alto autor avondoso,

alto amante amado
alto, auto, anymoso.
Anymo angelical,
altas altezas avendo,
altos, altos abatendo,
Alexandre, Anybal!

Merece maximo mando
manyfico mayoral,
maiores mandos mandando
mauno, modesto, moral.
Mostra-se merecedor,
merece mais melhorias,
merecendo monarchias,
merecente mandador.

De Deos dom deliberado,
domynante dadivoso,
de Deos dino doutrinado,
dominando dereytoso;
De desejo devinal
descompasos defendendo,
diabruras desfazendo
de dominius doutrinal.

Fim

Onores ofecyando
obsoluto ofecial,
ofeciaes ordenando,
curador onyversal.
Ousado ordenador,
onestando ousadias;
orem-lhe oras, omilias
ó onrado onrador.

Alvaro de Brito, *Canc. ger.*, t I 211.

VILANCETE

90 Meu bem, sem vos ver
se vivo hum dia,
viver nam queria.

Calando e soffrendo
meu mal sem medida
mil mortes na vida
synto nam vos vendo;
e pois que vivendo
moyro toda vya,
viver nam queria.

OUTRO

91 A vida, sem ver-vos,
he dor e cuidado,
que sinto dobrado
querendo esquexer-vos;
porque sem querer-vos
já nam poderia
viver um só dia.

Já tanta paixam
valer nam podera,
se vos não tivera
em meu coraçam;
sem tal defensam,
meu bem, um só dia
viver nam queria.

Conde de Vimioso, *Canc. geral,* t. II, p. 153.

AJUDA

Sospiros, cuidados
paixões de querer,
se tornam dobrados,
meu bem, sem vos vêr;
nom sinto prazer,
sem vós um só dia
viver nam queria.

Nam quero, nem posso
nem posso querer
viver sem ser vosso
e vosso morrer;
poys isto hade ser,
por morte averia
nam vos vêr hum dia.

Garcia de Resende, *Ibid.*

VYLANCETE DE D. JOÃO DE MENEZES

A UMA ESCRAVA SUA

91 Catyvo sam da catyva,
servo d'uma servidor,
senhora de seu senhor.

Porque sua fermosura
sua gracia gratis data,
o triste que tarde mata,
he por mór desaventura.
Que mays val a sepultura
de quem he seu servidor
qu' a vida de seu senhor.

Nam me dá catividade
nem vyda pera viver,
nem dita pera morrer,
e comprir sua vontade;
mas paixam sem piadade,
huma dor sobre outra dor,
que faz servo do senhor.

Assy moyro manso e manso,
nunca leixo de penar,
nem desejo mais descanso
que morrer por acabar.
Oh que triste desejar,
para quem com tanta dor
se fez servo de senhor.

D. João de Menezes, *Canc. geral*, t. I, p. 130.

COPLILHAS DE JOÃO GOMES DA ILHA

92 Queria saber
hu vive rasam,
se na entençam,
se em bem fazer.
Se em bem querer
a quem me bem quer,
se a quem me der,
eu correspouder.

Se em bem falar
se em bem servir,
se em commedir
em qualquer obrar.
Em exercitar
o que justo fôr;
se he no senhor,
se mais no vulgar.

Se he aquerida
a fym no proveito,
se soo no dereyto
he constituida.
Se he na medida
do dar galardam,
se na puniçam
da alma perdida.

E por aprender
hu rasam está
a quem se mais dá,
amo conhecer.
Se mais ó poder,
se mais á vertude,
assy na saude
como no doer.

E d'onde procede
razam per effeito,
e se do effeito
razam se despede.
Ou se se desmede
contra desmedido,
ou no arroydo
em parte concede.

Se he cousa viva
em vida sómente,
ou se he vivente
no que vyda priva.
Se he sensitiva
em soom d'animal,
se racional
se vegititiva.

*

Se tem natural
razam seu sogeito
se d'outro respeito
arteficial.
Se he aumental
se demenuyda,
se he per sy vida,
se cousa mortal.

Se reje per si,
ou se é regida
ou que he mais querida
aquy que aly.
Se he mais no *y*
do que he no *g*,
se tem *a b c*
se tem *quis ul qui.*

E quanto s'estende
em sua doutrina,
e quanto s'ensina,
se tudo s'aprende.
Tam bem se reprende
quem d'ela nam usa,
e se sua musa
sua arte defende.

Bem saber queria
em qual d'estas vive,
pera que s'alyve
minha fantesia.
Se na cortezia
da livre vontade,
se pela verdade
tornar melhoria.

Rezam e fadairos
nam sey se resiste,
nem sey se consyste
em doys aversairos.
Ou aos contrayros
s'ordena commuã,
ou tem parte alguã
em alguns desvairos

Porque me parece
segundo que entendo,
que nada comprendo
da rasam falece.
E no que carece
eu me desatino
desejo ser dino
ver hu permanece.

A quem me dissesse
rasam he tal cousa,
e em que repousa
saber me fizesse.
Em quanto podesse
eu ho serviria
por huã tal via
que satisfyzesse.

Pelo qual m'encryno
aos trovadores
espiculadores
que me dem ensino.
No que determino
aprender, se posso,
com graças do nosso
hum so Deos e trino.

Cabo

E mande-me quem
ensino me der,
ca no que queser
sayba que me tem.
Ensyne-me bem
hu vive razam,
por vista visam
segundo convem.

João Gomes da Ilha, *Canc. geral*, t. II, p. 73.

COPLAS DO CAPITÃO DE MACHICO

93 Folguo muyto de vos vêr,
pesa-me quando vos vejo,
como pod'aquisto ser?
que ver-vos he meu desejo?

Isto nam sey que o faz,
nem d'onde tal mal me vem;
sey bem que vos quero bem,
com quanto dano me traz.

Mas ysto é para descrer,
ter, senhora, tam gram pejo,
morrer muyto por vos vêr,
pésa-me quando vos vejo.

Tristão Teixeira, *Canc. geral*, II, 2.

CANTIGA

94 Nam pode triste viver
quem esperanças deixar,
nem ha no mundo prazer
ygual a desesperar.

A esperança cumprida
bem vedes quam pouco dura,
e dura sempre a tristura
antes e depoys da vida.
Quem esperança tomar,
sempre tristeza hade ter;
quem quizer ledo viver
sayba-se desesperar.

D. João Manoel, *Canc. geral*, I, 400.

DECIMAS

95 Que dias tam mal gastados,
que noites tam mal dormidas,
que sonos tam desvelados,
que sospiros e cuidados,
que tristezas tam sentidas!
Que lembranças, que pesar,
que dôr e que sentimento,
que gemer, que sospirar,
que males pera chorar
dentro em meu coraçam sento!

Sento sempre meu desejo
encontra de mim esquivo,
sento tanto mal, que vejo
meu cuidado tam sobejo,
que nam sam morto nem vivo.
Sento certo minha morte
sento nam ser minha fim,
sem ver bem que me conforte;
sento pena de tal sorte,
que nam sey parte de mim.

Vós, meu nojo e meu prazer,
meu pesar e minha groria,
meu desejo e meu querer,
vela de minha memoria,
descanso de meu viver.
Desamor de meu amor,
quem meu bem e mal ordena,
meu prazer e minha dôr,
meu descanso, minha pena,
meu favor e desfavor!

Minha morte, e minha vida,
meu bem e todo meu mal;
minha doença e ferida
de minha chaga mortal.
Meu desejo e saudade,
de meus males galardam,
tormento sem piadade,
doce coyta da vontade
de meu triste coraçam.

A memoria enganada
de meus tristes pensamentos
anda chea, desvelada,
em lagrimas muy banhada,
com gram força de tormentos.
E continua tristura,
com que ando suspirando
com voz chea d'amargura,
s'algum bem me dá ventura,
m'o tiras desesperando.

Fim

Dam a fé de meus gemidos
as lagrimas piadosas,

de que sentem meus sentidos
dos secretos escondidos
de minhas coytas dorosas.
Cada dia, cada hora
assy ando d'esta arte,
de meu sentido tam fóra,
como quem canta e chora,
que nam sabe de sy parte.

Duarte de Brito, *Canc. geral*, t. I, p. 354,

PERGUNTA A ALVARO BARRETO

96 Quem bem sabe, em tudo sabe,
e porem, d'aqui concrudo,
que a vós, que sabês tudo,
a solver as questões cabe.
E porem muy de verdade
peço, que esta respondaes,
pera ver, se concertaes
com minha negra vontade.

Ca eu já me vi partir
e tambem depois chegar,
e senty todo o sentyr
do prazer e do pezar.
Mas com tudo he de saber
qual he vossa concrusam:
se partir dá mays paixam,
ou chegar mayor prazer?

O Coudel-mór. *Ibid.*, I, 166.

RESPOSTA

De m'atrever que vos gabe,
minha openiam mudo,
por nam ser um tam sesudo,

que de vos louvar acabe.
E pois tal extremidade
sobre meu saber mostraes
o nome que vós me daes
vosso gram louvor emade.

Porem sem detremynar
ante quem devo seguir,
ficando meu departyr
a se por vós emendar:
Que chegar tenha poder
d'alegrar um coraçam,
partyr dá mays afriçam,
u ha grande bem quer.

Alvaro Barreto, *Ibid.*

PERGUNTA GERAL

97 A tódolos trovadores,
jentys homens namorados,
mancebos, velhos, casados,
poetas e oradores,
por mercê que me respondam
á pergunta, qu'aqui diguo,
e se mal trago commiguo
este bem, nom m'o escondam.

Desejo muyto saber
dos que sabem, sem mais grosa,
as feyções que ha de ter
a dama pera fermosa;
e seja com condiçam,
que nam toquem na feyçam
d'uma soo, que foy nacida
e escolhida
antre as filhas de Siam.

Porque n'esta nunca toca
sentido pera entendel-a,
item, mays nenhuma bocca
nam merece falar n'ela.
Mas das outras, c'a meu vêr
vemos todas enganosas,
saybamos o qu'am de ter
pera fermosas.

Fernão Brandão, *Canc. geral*, II, 350.

MOTO

O que a ventura tolhe
nam o pode o tempo dar.

98 Quem no tempo se fyar,
senhora, pyor escolhe,
porqu' o que a ventura tolhe
nam o pode o tempo dar.

E por isso o que é melhor,
ysto é o que mais empece,
porqu' o mal sempr' é mayor
e tudo vem ser pior
a quem ventura falece.
Tudo he tamporizar,
e pois nada nam s'escolhe,
o que a ventura tolhe,
nam ho pode o tempo dar.

D. Pedro d'Almeida, *Canc. geral*, t. III, 317.

DOCES ESPERANÇAS TRISTES

99 Com quanto mal sempre vistes
padecermos, coraçam,
tomastes por galardam
doces esperanças tristes.

Que s'esperança nam dereys
a meus crecidos cuydados,
n'eles culpa nam tyvereis,
ó quanto melhor vivêreis,
se foram desesperados!
Mas com quanto sempre vistes
nossas dores e paixam,
tomastes por galardam
doces esperanças tristes.

Jorge de Resende, *Ibid.* III, 337

APODO

ÁS DAMAS, PORQUE FIZERAM UM ROL DOS HOMENS QUE AVIA PARA CASAR, CORTESÃOS, E ACHARAM SETENTA, E ANTE ELES HYAM ALGUNS QUE PASSAVAM DOS SESSENTA:

100 Temos já sabido qua
que pondes la em ementa.
os que passam de sessenta.

Tomastes cuidado certo
poys nam he de muyta dura,
qu'eles tem a morte perto
e vós vida mais segura.
Quem tevera tal ventura,
qu'entrara lá na ementa
e fóra já de setenta!

D. Rodriguo Lobo, *Ibid*, III., 572.

PATER NOSTER GROSADO (FARSI)

101 *Cryeleyson, Cristeleysom,*
tu, senhor, que nos fizeste,
dá-nos, poys que padeceste

por nós outros, salvaçam.
Dos fylhos de maldiçam
a ty praza, que nos veles;
dá-nos senhor, contriçam,
Pater noster, qui es in celes.

Santificetur nomen tuum,
muy temido e adorado,
de toda gente commum,
de sempre tee fim louvado.
Poys que com a devindade
es eterno Deos e hum,
poys tomaste humanidade
adveniat regnum tuum.

Fiat voluntas tua,
Senhor, que nos has livrado
da eternal pena crua,
por teu sêr crucificado.
E poys que da cruel guerra
nos livraste, redentor,
damos-te graças, Senhor,
sicut in cœlo et in terra.

Panem nostrum cotidiano
em o qual per fe te vêmos,
praza-te, pois que te crêmos,
que nos livres de gram dano.
Dá-nos o bem que esperamos
depoys da morte, per fé,
com a qual te confessamos,
tu da nobis hodie.

Demite nobis debita nostra;
poys he mais ta piedade
que toda nossa maldade,

o bom caminho nos mostra.
O' trez em uma pessoa
d'onde nos todo bem vem,
perdôa, Senhor, perdôa
sicut et nos dimitimos, amen.

Et ne nos inducas in tentationem,
dá-nos firme fé sem cabo,
per hu livres do diabo
per tua remissionem.
E se nos magynações
de Satam ou seu vassalo
vyerem, ou tentações,
sed libera nos a malo.

Oração do autor

Tu, que a porta abriste
do laguo do desconforto,
tu, que o mundo remiste,
per ta morte, sem ser morto
dá-me, Senhor, contriçam
no ultemo d'esta vida,
firme fé e salvaçam,
e guarda per ta paixam
minh'alma de ser perdida.

Luys Anriques, *Canc. geral*, t. II, p. 260.

BREVE DE UM MOMO

NO QUAL LEVAVA POR ANTREMEZ HUM ANJO E HUM DIABO, E O ANJO DEU ESTA CANTIGA Á DAMA:

102 O amante *(desavindo.)*

Muyto alta e excellente princeza e poderosa senhora! Por me apartar da fée em que vivo, muytas vezes

fuy tentado d'este diabo, e de todas minha firmeza pode mais que sua sabedoria, porque tam verdadeyro amor, de tam falsas tentações nam podia ser vencido. E conhecendo em seus experimentos a grandeza de minha fée, me tentou na esperança, pondo diante mim a perda de minha vida e de minha liberdade, avendo por empossyvel o remedio de meus males. E com todas estas cousas não me vencera, se mais nom poderam os desenguanos alheos que o seu enguano, com os quaes desesperey e fuy posto em seu poder. Mas este Anjo que me guarda, vendo que minha desesperança nam era por mingua de fée, nem minha pena por minha culpa, se quys lembrar de my e de quem me fez perder, em me trazer aqui, porque com sua vista o diabo me soltasse, e elle vendo meus danos, da parte que tem n'ellas se podesse arrepender.

Cantigua que deu o Anjo

Senhora, no quyere Dios
que seays vos omecida,
em ser elh'alma perdida
de quien se perdio por vos.

Ordenó vuestra crueza
qu'este triste se matasse
en deixar-vos, y negasse
vuestra fée, qu'es su firmeza.

Mas ha permetido Dios
que por mi fuese valida
su alma, y que su vyda
se torna perder por vos.

Conde de Vimioso, *Canc. geral*, t. II, 157.

VILANCETE

QUANDO EL-REI VEO DE SANTIAGO, QUE FEZ O SENGULAR MOMO DE SANTOS, O QUAL VILANCETE HYAM CANTANDO DIANTE DO ENTREMEZ E CARRO EM QUE HYA SANTIAGUO: (1493.)

103 Alta rainha, senhora,
Santyaguo por nós ora!

Partymos de Portugal
catar cura a nosso mal,
se nos ele e vós nam val,
tudo é perdido agora.

Poys que somos seus romeiros
e das damas tam enteyros,
cessem já nossos marteyros
que nunca cessam hum'ora.

Pedimos a vossa alteza
em qu'estaa nossa firmeza,
que nam consinta crueza
n'este seram oos de fóra.

Aquy nos tem já presentes
de nossos males contentes;
poys nam valem aderentes,
oje nos valey, senhora.

Pero de Sousa Ribeiro, *Canc. geral*, t. III, p. 395.

BREVE

DE UMA MOURISCA RATORTA, QUE MANDOU FAZER A SENHORA PRINCEZA QUANDO CASOU (1451.)

104 A min rey de negro estar Serra Lyôa
lonje muyto terra onde viver nós,
andar carabela, tubao de Lixboa,
falar muyto novas casar pera vós.
Querer a mym logo vervos como vay;
leyxar molher meu, partyr muyto 'synha,
porque sempre nós servir vosso pay,
folgar muyto negro estar vós raynha.

Aqueste gente meu taybo terra nossa,
nunca folguar, andar sempre guerra,
nam saber quy que balhar terra vossa,
balhar que saber como nossa terra.
Se logo vos quer, mandar a mym venha,
fazer que saber tomar que achar,
mandar fazer taybo, lugar Dês mantenha
e loguo meu negro, senhora, balhar.

Coudel-Mór, *Canc. geral*, t. I, p. 172.

TERCEIRA EPOCA

ESCHOLA QUINHENTISTA

(SECULO XVI)

SECÇÃO 1.ª

ESCHÒLA HISPANO-ITALICA

I GENERO EPICO: a) *Tradicional:* 105–109. Romances mouriscos, de cativos, sacros e arthurianos. b) *Litterario:* 110–111. Romances brulesco e com forma culta — 122–123. Poemetos — 114–118. Fabulas.

II GENERO LYRICO: a) *Tradicional:* 119. Modinha—120. Alvorada — 121. Salva — 122–125. Orações — 123. Serranilha —124. Cantiga em Chacota—126. Jogo — 127. Adivinhação. b) *Litterario:* 128–130. Cantigas e Vilancetes — 131. Voltas — 132. Vilancete—133–5. Esparsas—136. Sextina á maneira italiana —137. Trovas —138–139. Arrenegos —140. Exclamações em Ecco — 141. Cantar de Soláo — 142. Glosa de Soláo — 143. Ecloga em redondilhas—144–145. Cartas.

III GENERO DRAMATICO: a) *Tradicional:* 146. Vigilia de Santos —. 147. Auto hieratico, ou de devoção—b) *Litterario:* 148. Auto da Paixão.

*

ROMANCE DE *GUAI VALENÇA*

105 Ai Valença, guai Valença,
de fogo sejas queimada,
primeiro foste de Mouros
que de Christianos tomada;
alfaleme na cabeça,
en la mano uma azagaia,
guai Valença, guai Valença,
como estás bem assentada;
antes que sejam tres dias
de Mouros serás cercada.

Rom. geral, n.º 35.

ROMANCE DO MOURO ATRAIÇOADO

(VERSÃO INSULANA)

106 —Vesti-vos vós, minha filha,
vesti-vos d'ouro e prata;
detende-me aquelle Mouro,
de palavra em palavra.
As palavras sejam poucas,
sejam bem arrematadas,
essas poucas que lhe deres
sejam de amores tocadas.

«Bem vindo sejas, bom Mouro,
melhor a vossa chegada,
ha sete annos, oh bom Mouro,
que sou tua namorada.
— «Ha sete annos, vae em outo,
que eu por vós cinjo a espada!
«Se por mim cinjís a espada
com vosco quero ir de casa.
—«Se o fizerdes, senhora

não sereis mal avisada,
sereis rainha de Mouros
em minha terra estimada.
«Se por mim cinjís a espada
não digas que te fui falsa,
que eu vejo vir cavalleiros,
sinto-lhe tocar as armas.
Lá vejo vir uma armada,
n'ella vejo vir um homem
que se parece meu pae.
—«Eu não temo cavalleiros,
nem armas, que elles tragam;
não temo senão Gabello,
filho da minha egua baia,
que o perdi em pequenino
andando n'uma batalha.

Chegados os cavalleiros
elle se foi na desfillada.

—«Valha-me o Deos dos Mouros,
em tam comprida lavrada!
—Essa lavrada, perro mouro,
fora lavrada em *Maio,*
que os bois andavam gordos,
e os mancebinhos em bragas;
eram bois de cinco annos,
mancebos de vinte e quatro.
—«Oh mal haja o barqueiro
que não tem a barca na agua;
que a hora da minha morte
já para mim é chegada.

Cantos popul. do Archipelago açoriano, n.º 47.

ROMANCE DO CATIVO DE ARGEL

(VERSÃO INSULANA)

107 Os Mouros me cativaram
entre a paz e a guerra;
me levaram a vender
para Argelim, que é sua terra.
Não houve perro nem perra,
que o comprar-me quizera;
só o perro de um mouro
a mim só comprar havera.
Dava-me tanta má vida,
tanta má vida me dera!
de noite a moer esparto,
de dia a pizar canella;
punha-me um freio na bocca
para eu não comer d'ella;
mas parabens á ventura
da filha ser minha amiga;
quando o perro ia á caça
commigo se divertia;
dava-me a comer pão branco
do que o perro comia;
deitava-me em catre d'ouro,
junto commigo dormia.

«Christiano, vae a tua terra,
Christiano, eu bem t'o digo.
—Como posso ir a mi terra
se eu sou escravo e cativo?

Um dia pela manhã
mil branquinhas me trouxera:

«Toma lá, meu bom christão,
Resgate para tu terra;

Pelo Deos que tu adoras
tu não digas a meu pae.

Palavras não eram ditas
o patrão era chegado.

—Vem cá, oh meu bom turco,
vem-me agora aqui ouvir;
toma lá este dinheiro
para me eu redimir.
—«Vem-te cá, meu bom christiano,
dize-me aqui a verdade,
quem te deu esse dinheiro
para tua liberdade?
—Meu pae é um pobre velho,
por mim anda desterrado;
as manas que eu tivera
por mim andam assoldadas.
Um irmão que eu tinha
sentou praça de soldado;
me mandaram o dinheiro
para minha liberdade.
—«Oh vem cá, meu christiano,
vem agora aqui ouvir,
eu te faria alferes,
capitão d'este reinado,
dera-te a cara mais linda
que em Argel ha afamado.
—Como posso eu ser alferes,
capitão do teu reinado,
se eu trago a Jesus Christo
no coração retratado?
—«Vem-te cá, Angela, filha,
dize-me aqui a verdade!
se o bom do christiano
a ti deve a liberdade?

—Deixae vós ir o bom christiano,
que elle a mim não deve nada,
se não a flor de mi bocca,
que a dou por bem empregada.
Abre-me aquella janella,
fecha-me aquelle postigo,
Deos que me fez tão bella
Deos me hade dar marido.

Cantos do Archipelago, n.º 52.

ROMANCE DA VESPERA DO SACRIFICIO

(VERSÃO INSULANA)

108 Falou a Senhora a Christo,
grande pranto lhe fez ter:

«Oh meu filho tão amado,
parece que ouvi dizer,
que andavam os Phariseus,
meu filho, p'ra vos prender!
assim andaes demudado,
filho, a semana que vem,
vos hão de vir buscar prezo
p'ra ir a Jerusalem.
Meu filho, não vades lá,
filho da minha alegria!
eu não posso estar no mundo
sem a vossa companhia.
—Lagrimas de minha mãe,
que bem as vejo correr!
antes da festa chegar
tambem vos quero dizer:
que terei crueis martyrios
pelas ruas e caminhos,

na cabeça me porão
uma corôa de espinhos,
e a corôa é toda feita
feita de juncos marinhos.
Corra verdadeiramente
corra o sangue do meu lado
para abrandar o meu povo
que vae tão atormentado.

Quem esta oração souber
e por um anno a resar,
Jesus lhe manda dizer
a hora em que hade acabar.

Cantos do Archipelago, n.º 67.

ROMANCE DE DOM DUARDES

(VERSÃO DO CAV. D'OLIVEIRA)

109 Era pelo mez de Abril,
de Maio antes um dia,
quando lyrios e rosas
mostram mais alegria;
era a noite mais serena
que fazer no céo podia,
quando a formosa infanta
Flérida já se partia;
e na horta de seu padre
entre as arvores dizia:

«Com Deos vos ficade, flores,
que ereis a minha alegria!
vou-me a terras estrangeiras
pois lá ventura me guia;
e se meu pae me buscare,

pae que tanto me queria,
digam-lhe que amor me leva,
que eu por vontade não ia;
mas tanto ateimou commigo
que me venceu c'oa a porfia.
Triste não sei onde vou,
e ninguem m'o dizia!...

Ali fala Dom Duardos:

—Não choreis, minha alegria,
que nos reinos de Inglaterra
mais claras aguas havia,
e mais formosos jardins,
e flores de mais valia.
Tereis trezentas donzellas
de alta genealogia;
de prata são os palacios
para vossa senhoria;
de esmeraldas e jacinthas
e ouro fino de Turquia,
com letreiros esmaltados
que a minha vida se lia,
cantando das vivas dores
que me destes n'esse dia,
quando com Primaleão
fortemente combatia;
mataste-me vós, senhora,
que eu a elle não temia...

Suas lagrimas enchuga
Flérida, que isto ouvia.
Já se foram ás galeras
que Dom Duardos havia;
cincoenta eram por conta
todas vão em companhia.

Ao som do doce remar
a princeza adormecia
nos braços de Dom Duardos
que tão bem a merecia.

Saibam quantos são nascidos
sentença que não varia:
contra a morte e contra amor
que ninguem não tem valia.

Gil Vicente.

PARODIA BURLESCA DO ROMANCE *YO ME ESTAVA EM COIMBRA.* (1526)

110 Yo me estaba em Coimbra,
cidade bem assentada;
pelos campos do Mondego
não vi palha nem cevada.
Quando aquillo vi, mesquinho,
entendi que era citada
contra os cavallos da côrte,
e minha mula pelada.
Logo tive a máo signal
tanta milham apanhada,
e a peso de dinheiro
ó mula desamparada.
Vi vir ao longo do rio
uma batalha ordenada,
não de gente, mas de mús
com muita raiva pisada.
A carne está em Bretanha
e as couves em Biscaia.
Sam capellam d'um fidalgo
que não tem renda nem nada;
quer ter muitos apparatos,
e a casa anda esfaimada;

toma ratinhos por pagens,
anda já a cousa danada.
Quero-lhe pedir licença
pague-me a minha soldada.

Gil Vicente, *Obras*, t. III, p, 202.

ROMANCE

DA BATALHA QUE EL-REY ARTHUR TEVE EM MORDERET, SEU FILHO

111 Gram Bretanha desleal,
ao melhor rei que tiveste
d'agora té o fim do mundo
chora quanto bem perdeste:
Jaz no campo, entregue á morte
que falsa, ingrata, lhe deste,
a flor da cavalleria
com que te ensoberveceste.
A pena tem já da culpa
que lhe assi favoreceste,
oh traidor de Morderet,
porque um tal rei vendeste?
Oh Bretanha desleal
que grande traição fizeste,
a vinte e quatro da Tavola
que por Ginebra escolheste.
A' Demanda do Grial
triste remate poseste;
morto jaz de mil feridas,
e tu, soberba lh'as deste,
Dom Galvão tão animoso
por quem mil glorias tiveste;
e matar Dom Galeazo,
ingrata, como podeste?
Que em obras de fortaleza

não sei se outro egual houveste!
pôde matar-te Bretanha
que tu tanto engrandeceste!
Esforçado Flordemares,
que em forças mares venceste,
a morte, que em defenderes
tal rei, d'ella padeceste.
Oh animado Troyano,
nunca lh'o tu mereceste,
mal lhe merecias, mal
o que d'ella recebeste.
Palamedes, oh pagão,
que nas armas floreceste;
Dom Tristão de Leonís
que por amores morreste;
eu não morrerei aqui
ditosa morte tiveste
tu, Lançarote do Lago,
que as glorias de amor houveste;
de damas servido, amado
da dona a quem mais quizeste,
com dano dos traydores
á morte a que te rendeste.
Ficarás sem sepultura
co'a pena que mereceste
tu, traidor Morderet,
pois tal traição commetteste.
Aqui se acabou a gloria
quanta, Bretanha, tiveste:
em pago da qual a Arthur
nem a sepultura deste.
Cá na Ilha de Avalom,
Merlim, vergel lhe fizeste
em que vive e só salval-o
de affronta e morte pudeste.
Como amigo, que as más manhas

de Bretanha conheceste,
mas n'algum tempo inda Arthur
bom rei que desmereceste
Bretanha virá a vingar-se
da traição que lhe fizeste.

Jorge Ferreira, *Memorial*, cap. III.

POEMETO

AO DUQUE DE BRAGANÇA QUANDO TOMOU AZAMOR, EM QUE CONTA COMO FOY. (1513)

112 A quinze d'Agosto de treze e quinhentos
da era de Christo, nosso redemtor,
do que se passou, estay muy atentos:
no dia da madre do mesmo Senhor,
o Duque eycelente, nosso guiador,
Dom James, da casa d'antigua Bragança,
de gente levando muy grande pujança,
geral capitam partiu vencedor.

. . . .

No dia da festa da santa Assumpçam,
partio de Lixboa com toda sa frota,
muy apontada em tal perfeiçam
qual outra nom vimos, nem livros se nota.
Assy todos juntos seguyram sa rota,
juntando-se em Fáram a nobre campanha
de condes, fidalgos, mais nobres d'Espanha,
onde surgiram tod'alma devota.

Levando comsigo a bandeira real
que nunca vencida se pode dizer,
pois he invencivel aquelle sinal
tomado das chagas que quis padecer

O summo bem nosso com muytos marteyros,
porque salvasse o mundo perdido;
tambem senefica os trinta dinheiros
per cujo preço foy Christo vendido.

Depoys de chegados e todos surgidos,
quando vio tempo mais conveniente,
senhores, fidalgos foram requeridos,
qu'a ele se fossem todos juntamente.
Dos que congregados com ele présente
lhes fez huma falla de tanto primor,
como aquelle que tem gram favor,
ajuda sossidio de mays eloquente:

Onde per ele lhes foy decrarado
toda a tençam del-rey, seu senhor,
que foy envial-o sobre Azamor
pola maldade do erro passado.
C'a todos pidia que d'amor e grado
quisessem sem outra vontade, nem zello
em sua tomada tambem cometel-o,
pera que sempre lhes fosse obrigado.

Porque, depoys de ter esperança
em nosso Senhor de lhe dar vitorea,
em elles levava tanta confiança
pera todo feyto mais dyno de grorea.
Que lhes pedia qu'ouvessem memorea
das cousas de Roma quando prosperava,
em quanta maneira a ley se goardava,
segundo se nota na sua estorea.

Com Romus e Romulo tambem alegando,
de quando s'aquella cidade fundou,
a pena que ouve, porque quebrantou
a ley, que foy pósta em se começando.

Que lhes pidia, que nunca desmando
a guerra durante em eles ouvesse,
mas que obedecessem ho qu'ele quisesse,
e que elle sempre seria a seu mando.

Com doces palavras forradas d'amor,
com muy animoso desejo e vontade,
com mil cortezias, com grande favor,
com humas entranhas de pura verdade,
Assy os provoca, com tal mansidade,
que todos respondem, dizendo: Senhor,
nosso desejo he muyto maior
do que nos pidis, em gram quantidade.

Ouvyndo palavras tão bem rasoadas
ficou de contente a tam satisfeyto,
de sa senhoria a tam estimadas,
que o por fazer estimou por feyto,
dizendo: que sempre seria sogeyto
fazendo por todos, como bem veriam,
que d'y en diante eles conheceriam
as suas palavras ficar em effeyto.

Prossigue:

Eram quatrocentas as velas d'armada,
sobre cinquoenta, sem huma faltar,
foy huma das cousas mays para notar
que vimos, nem vio a gente passada.
Tam posta em ponto, tam aparelhada
de todalas cousas que se requeriam,
e d'artelharia tambem compassada
que nada faltava, segundo deziam.

Partimos em ponto, sem mays esperar,
depoys d'esta falla assy acabada,

e em poucos dias podémos chegar
aa boca do rio da cidad Onrada.
E porque a barra estava çarrada,
e era um pouco perigoso d'entrar,
ouve conselho com detreminar
que em Mazagam fosse terra tomada
. . . .

Luys Anriquez, *Canc. geral*, t. II, p. 277.

ESBOÇO DE EPOPÊA EM ENDECHAS

113 . . . .
O campo de Ourique já'gora he contente
da grande victoria que n'elle será,
onde Christo em carne apparecerá,
mostrando as chagas publicamente.
Ao qual este rey santo e prudente
dirá:—O' meu Deos, a mim pera que?
sê aos herejes, imigos da fé,
fé, em que eu ardo d'amor mui ardente.

O' armas divinas, que aqui sereis dadas,
dadas por Christo por mais perfeição,
ter-vos-hão todos tal veneração
quanto com obras sereis exalçadas.
Porque pelas terras ireis espalhadas
banhadas em sangue de nossa victoria,
cobrando de imigos tão grande memoria
que sobre todas sereis collocadas.

E tu esforçado Dom Sancho, serás
aquelle a quem elles hão de seguir
té chegar ao rio de Gualdaquivir,
que com sangue de imigos escurecerás:
E por mais mereceres, depois tomarás

a cidade de Silves contraminando,
e as almas dos corpos sempre tirando
de corpos de Mouros que ali matarás.

Alcacer do Sal será bom penhor,
oh mui poderoso Dom Affonso segundo,
de tuas obras cá n'este mundo,
e no outro corôa de conquistador;
E partindo para elle mui vencedor,
a teus leixarás Dom Sancho capello
por rei de virtudes e obras de zelo,
de zelo mui santo e clemente senhor.

Bolonha, Bolonha, quanto hasde perder,
e tu Portugal quanto hasde cobrar
no terceiro Affonso, que se hade chamar
rei do Algarve, por seu gram saber!
Aqueste por mais se ennobrecer
dourados castellos em campos vermelho
porá na orla das Quinas, e espelho
em que todalas armas se poderão vêr.

Paderne, Alvor, Silves e Loulé
e Faro sentem já o destroço
do grande poder e bravo esforço
d'elle que hade pugnar pela fé.
E o grande favor que foi sempre e he
em ajuda das obras de tal calidade,
será n'estas suas com prosperidade
que as erga, exalce e ponha de pé.

O justo Diniz tão nobre e clemente,
lhe succederá como filho primeiro,
em obras de princepe mui verdadeiro,
e em todalas cousas sabido e prudente.
E por mais estender seus povos e gente

fundará as villas e nobres logares,
igrejas maiores, sagrados altares,
em que se louve por muy excellente.

. . . .

E aquelle gram Cabo de Boa Esperança
que tanta de terra esconde ao mundo,
virá mui alegre com rosto jocundo
a lhe obedecer sem alguma tardança.
De terras e povos fazendo uma dança
vindo cantando com doce armonia
estas palavras de grande alegria:
Vivamos cantando com tanta bonança.

. . . .

E quem a todos trará dianteira,
e para tal festa estará mais a pique,
será o fiel e leal Moçambique,
vindo Çofála por essa bandeira.
A qual é louvada por ser thesoureira
do mais precioso e louvado metal,
e com vozes alegres dirá: Portugal
me fez para sempre sua prisioneira.

. . . .

João de Barros, *Clarimundo*, cap. 4, liv. 3.

FABULA DO LEÃO E DA RAPOSA

114 Os desejos são sem termo,
A esperança é saborosa;
Eu contento-me d'este ermo,
Pela razão da Raposa
Que deu ao Leão enfermo:

*

«Meu rei, meu senhor Leão,
O'lho cá, e ólho lá,
Vejo pégadas no chão
Que todas para lá vão,
Nenhuma vem para cá.»

Sá de Miranda, ***Carta a Pero Carvalho.***

O RATO DO CAMPO E O RATO DA CIDADE

115 Um rato d'uma cidade
Tomou-o a noite fóra,
(Quem foge á necessidade!)
Lembrou-lhe a velha amisade
D'outro que hi no monte móra.

— Saiu-me a conta errada,
(Muitas vezes acontece)
Creceu-me a minha jornada.
(Diz, entrando na pousada
Logo cidadão parece.)

O pobre assi salteado
D'um tamanho cidadão,
Em busca de algum boccado
Vae, e vem muito apressado,
Que não punha os pés no chão.

Ordena sua mêzinha,
Inda tinha algum legume,
Inda algum pó de farinha;
Poz-lhe hi tudo quanto tinha,
Pede perdão por costume.

Diz: «Quem tal adivinhára.
(Contra o cidadão severo)

Tanto revolvera e andára,
Que alguma cousa buscára
A quem tanto devo e quero.

Cumpre muito aquella mesa,
Mais da fome que da gulla;
Tem a fogueirinha accesa,
Faz rosto ledo á despeza,
Co trabalho dissimula.

Diz o cidadão comsigo:
—Que gente ha entre penedos!
Que vae de Pedro a Rodrigo!
Bem disse o bom senso antigo,
Que não são eguaes os dedos.—

Depois do fraco comer,
Estando de traz do lar,
Começa o rico a dizer:
—Dous dias que has-de viver
Aqui os queres passar?

Na aspereza do dezerto,
Que não sei quem o supporte,
D'urzes e tojos cuberto,
Sendo tudo tão incerto
E tão certa só a morte?

Vive, amigo, a teu sabor,
Mais é que cousa perdida,
Quem por si toma o peor,
Vae-te commigo onde eu for,
Lá verás que cousa é vida.

Quando a ambas provares,
(Que eu d'outrem não adivinho)

Quando te enganado achares,
Aí ficam teus manjares,
Ahi tens tambem o caminho.—

Assi disse. Eis o villão
Em alvoroço o balança,
Ia e vinha o coração,
Ora si e ora não;
Venceu porem a esperança.

E que pode hi al fazer?
Vive com tanto cansaço,
Inda não póde viver
Não pode o anno vencer,
Que lhe assi corre d'espaço.

E diz: «Quem não se aventura
Não ganha, quem ha que o negue?»
Escolhem hora segura,
Era pela noite escura
Guia o rico, o outro segue.

Entram por paços dourados,
Cheirosos inda da cêa;
Fiquem os casaes colmados
Por sempre de sol torrados,
Fique a faminta da aldêa.

Vou-me por meu conto avante;
Amostra o cidadão tudo,
Que traz no bucho um infante;
Quem quereis que não se espante?
Anda o villãosinho mudo.

Que tão sómente em provar
Das cousas que mais lhe aprazem,

Começam já de engeitar,
Começam de bucejar,
Em finos tapetes jazem.

Ora o dispenseiro chega,
(Que estes bens não duram tanto)
Sente-os, mas a pressa o cega,
Um tiro e dois mal emprega,
Segue-os de canto em canto.

Os cães á volta correram,
Ladram, que é alto serão,
As casas estremeceram,
Uns e outros hi correram,
Quiz Deos, que os gatos não.

Sabia o da casa a manha,
Sabia os passos, fugiu;
O ratinho da montanha
Aos pés, em pressa tamanha,
O coração lhe caiu.

Mas espaçado o perigo
Da morte que ante si vira
O coutado assi comsigo
Pelo seu repouso antigo
Que mal deixara, suspira:

«Minha segura pobreza,
Se chegarei a ver quando
A ti torne? e esta riqueza,
Mal que todo o mundo préza,
Fuja se poder voando.

Mal tomadas esperanças
A paga aqui não me tome.

Traças, que não abastanças,
Assás vi de vossas dansas,
Deos me torne á minha fome.

Sá de Miranda, *Carta a Mem de Sá.* (1543)

A CHUVA DE MAIO

116 Dia de Maio chuveu,
A quantos a agua alcançou
O miolo revolveu;
Houve um só que se salvou,
Que ao cuberto se accolheu.
Dera vista ás semeadas,
As que tinha mais visinhas,
Viu armar as trovoadas,
Acolhe-se ás bem vedadas,
Das suas baixas casinhas.

Ao outro dia um lhe dava
Paparotes no nariz,
Vinha outro, que o escornava;
Aí tambem era o juiz
Que se de riso finava.
Bradava elle:—Homens, estay!
Iam-lhe co dedo ao olho,
Disse então:—E assi che vae?
Não creo logo em meu pay,
Se me d'esta agua não mólho.—

Apaixonado qual vinha,
Achou um charco que farte,
(O conselho avido o tinha)
Molhou-se de toda a parte,
Tomou-a como mésinha.
Quantos viram, lá correram,

Um que salta, outro que trota,
Quantas graças lhi fizeram!
Logo todos se entenderam,
Eil-os vão n'uma chacota.

Sá de Miranda, *Ecl.*, p. 232. (Ed. 1804).

O BÁCORO OVELHEIRO.

117 Um Bacorote honradiço
Foy ver o gado ovelhum,
Pôl-o todo a seu serviço,
Trombejava ali: Hum! e hum!
Que espantal-o era o seu viço.
Vem um dia o Lobo, e apanha
O Bacorote engrifado;
Abrandou-lhe aquella sanha;
Brada elle em pressa tamanha,
Cada um de si tem cuidado.

Vinham os porcos da aldea
Atraz, e grunhir ouviram;
Um escuma, outro esbravea,
Estes sim, que lhe accudiram.
Perde o Lobo a sua cêa.
Olhou elle e viu tremer
De lam branca o gado, e olhando
De longe se põe a vêr,
Disse:—Antes mandado ser,
Que a tal perigo tal mando.

Sá de Miranda, *Ibid.*, p. 242.

118 O CAVALLO E O CERVO

Quando tudo era fallante
Pascia o Cêrvo um bom prado,
Ai veiu o Cavallo andante,
Quiz comer algum boccado,
Poz-se-lhe o Cêrvo diante.
Outra rasão lhe não deu,
(Que eram pacigos geraes)
Salvo: «Posso e quero o meu;»
Este meu e este teu
Tanto ha já que nos fez taes.

Vendo tão pouca prestança
O Cavallo d'antes fôrro
Com desejo de vingança
Pedindo ao homem socorro
Por terra aos seus pés se lança.
Não pode á justa querella
Deixar de se pôr no meio;
Mas foi necessaria a sella,
Fez-se o homem forte n'ella,
Toma a redea, prova o freio.

Assi dão volta ao inimigo.
O Cêrvo quando tal viu,
Homem ao Cavallo amigo
Deixou-lhe o campo e fugiu,
Foi buscar outro pacigo.
O Cavallo vencedor
Corre o verde e corre o secco,
Fóra, fóra o contendor,
Ficou-lhe porém senhor,
Não foi tanto o outro enxeco.

Quem ha tal medo á pobreza
Tal á fome e frialdade,
Que por ouro e por riqueza
Dá só rica liberdade,
E mais outrem que a si preza.
Se lhe vês herdades largas
Não hajas inveja á troca,
Que embaraçã as roupas largas, *(as alpargas)*
Faz sangue o freio na bocca,
As esporas nas ilhargas.

Sá de Miranda, *Ibid.*, p. 251.

MODINHA POPULAR BRAZILEIRA

119 «Vem cá Vitu! Vem cá, Vitu!
—Não vou lá, não vou lá, não vou lá.
«Que é d'elle o teu camarada?
—Agua do monte o levou.
«Não foi agua, não foi nada,
Foi cachaça que o matou.

Ap. *Florilegio*, de Varnh., t. I, p. XXII—XXIII.

ALVORADAS DA SENHORA DO CARDAL

(VERSÃO DE POMBAL)

120 Vindas são as alvoradas;
E' levada alva.
Que são da Virgem sagrada,
E' levada alva.
Rainha dos ceos
E' levada alva.
Sois dos anjos coroada
E' levada alva.

A' porta d'este mordomo
E' levada alva.
Deos lhe deixe fazer o bodo,
E' levada alva.
Que elle tem muita vontade
E' levada alva.
Deos lhe dê muita saude
E' levada alva.
Para Frandes é andada
E' levada alva.
Parreirinha de Aguada
E' levada alva.

(Ap. *Epopêas mosarabes*, p. 300)

RUMOR

—Oh Dona Maria,
Pombinha sem fel,
Porque te matou
Aquelle cruel.

Em dia de Sam Braz
Ouve, n'este dia,
Mataram o Abbade
E Dona Maria.

(Ap. Almeida, *Dicc. abr. de Chorograph.*, t. I, p. 55.)

---

121 SALVA DA EGREJA DO PORTO

MOÇOS DO CORO:

Boa gente! boa gente
Fazeie penitencia,
Se vos quereis salvare!
Confessade e commungade,
Que este mundo é vaidade.

OS CONEGOS: *(De joelhos)* *Bis.*

MOÇOS: Senhor Jesus Christo,
Misericordia com piedade.

(Ap. *Agiologio Lusitano*, t. III, p, 114.)

FRAGMENTO DE ORAÇÃO

122 Antoninha pequena
Dos olhos grandes,
Mataram-te idolatras
E feros gigantes.

(Ibid.)

SERRANILHA POPULAR

123 —D'onde vindes, filha
Branca e colorida?
«De lá venho, madre,
De ribas de um rio;
Achei meus amores
N'um rosal florído.
—Florido, enha filha
Branca e colorida?
«De la venho, madre,
De ribas de um alto,
Achei meu amores
N'um rosal granado.
—Granado, enha filha,
Branca e colorida.

Gil Vicente, *Obras*, III, 270.

CANTIGA EM CHACOTA DE PASTORES

124 Não me firaes, madre,
Que eu direi a verdade.

Madre, um escudeiro
Da nossa rainha,
Falou-me d'amores,
Vereis que dizia.
Eu direi a verdade.

Falou-me d'amores
Vereis que dizia:
Quem te me tivesse
Desnuda em camisa!
Eu direi a verdade.

Gil Vicente, *Obras*, II, 445.

ORAÇÃO DE SANTA APOLLONIA

(VERSÃO INSULANA)

125 A Virgem Santa Apollonia
Pelos calháos do mar ia;
E com a dor dos seus dentes
Encontra a Virgem Maria.

E perguntou-lhe a Senhora:
«Santa Apollonia aonde ia?
Ella respondeu:—Senhora,
Em cata de vós me ia.

«Torna atraz, Santa Apollonia,
Que por esses nove mezes
Que andei com o filho no ventre
Que os teus dentes se adormentem.

Cantos popul. do Archipelago, p. 136.

JOGO POPULAR

126 E no penedo, João Preto
E no penedo.

Quaes foram os perros,
Que mataram os lobos,
Que comiam as cabras,
Que roiam o bacello,
Que puzera João Preto
No penedo?

Ap. Gil Vicente, *Obras*, II, 448.

ADIVINHAÇÃO POPULAR

127 Ainda o pae não é nado,
Já o filho anda por cima do telhado?

Ap. João de Barros, *Grammat.*, p. 176.

CANTIGA DEVOTA DA ASCENSÃO DE NOSSO SENHOR

128 O meu doce amigo
Que eu tanto queria,
Foi-se o outro dia
Sem fallar commigo;
Lá leva comsigo
A minha vontade;
Fica-me a saudade.

Leva o coração
Dentro no seu lado,
Vêde se é rasão
Ter outro cuidado.

Serei só lembrado
Da sua bondade,
E da minha saudade.

Gastarei os dias
Chorando por elle,
Minhas alegrias
Foram-se com elle;
Que farei sem elle
N'este triste valle
Cheio de saudade.

Foste-vos á gloria
Eu fico na terra,
Vós tendes victoria
Eu estou em guerra.
Oh quem me désse
Da minha piedade
Fermosura, bondade.

E pois vos não vejo
Lá onde estaes
Estará meu desejo
Estarão meus ais.
Que não acabais
Tanta saudade.
E tão de verdade.

O' que pura sorte
Em mim é cumprida,
Pois desejo a morte
E alargas-me a vida.
Mas não tenho perdida
A minha saudade
Do Senhor de verdade.

Levae-me, Senhor,
Que faço aqui,
Se não o amor
Me tirará de mim.
Viver eu assim
Em tanta saudade
Parece crueldade.

Glorioso dia
Que vos heide ver,
Mas quando seria,
Ou se hade ser.
Caro é o viver
Que aparta a amisade
E deixa saudade.

Jorge da Silva, *Tratado da creação do mundo.* (1552).

VILANCETE, NO AUTO DE ABEL

129 Adorae, montanhas
O Deos das alturas,
Tambem as verduras;
Adorae desertos
E serras floridas
O Deos dos secretos,
O senhor das vidas:
Ribeiras crecidas
Louvae nas alturas
Deos das criaturas.
Louvae arvoredos
De fructo presado;
Digam os penedos
Deos seja louvado.

E louve meu gado
N'estas verduras
O Deos das alturas.

Gil Vicente, *Obras*, I, 317.

CANTIGA DE ABEL, NO AUTO DO DIA DE JUIZO

130 Doloroso gado
De tanto primor,
Dôa-te o fado
Do triste pastor.

Lembrae-vos, cordeiros
Da minha tristura,
Ovelhas, carneiros,
Que pastaes verdura.
Abel sem ventura
De vós apartado,
Meu gado amado,
De mim com amor,
Dôa-te o fado
Do triste pastor.

Doei-vos de quem
De vós se doía;
Lembrae-vos tambem
Minha companhia,
De quem ser soía
Sou outro tornado
Ficaes só deixado,
Sem ter guardador.
Doei-vos do fado
Do triste pastor.

Anonymo.

VOLTAS

A ESTA CANTIGA QUE CANTAM PELAS RUAS EM DIALOGO

131 N'aquella alta serra
Me quero ir morar,
Quem me quizer bem,
Quem bem me quizer
Lá me irá buscar.

Voltas

N'estes povoados
Tudo sam requestas,
Deyxae-me os cuidados
Que eu vos deixo as festas.
D'aquellas florestas
Verey longe o mar,
Por-me-hey a cuidar.

Responde a parceira

Sombras e aguas frias
Quando o sol mais arde;
Depois sobre a tarde
Por cá bradarias,
Vês, que pressa os dias
Levam sem cansar,
Nunca ham de tornar.

A Primeira

Nam julgue ninguem
Nunca outrem por si,
Mais de um bem que ouvi
A vida nam tem.

*

Nam deixa este bem,
Onde s'elle achar
Mais que desejar.

A parceira

Deyxa as vaidades
Que da mão á bocca
O prazer se troca,
Trocam-se as vontades.
Essas sam saudades
Armadas no ár,
Que podem durar?

N'aquella espessura
Me heyde ir esconder,
Venha o que vier
Achar-me-ha segura;
Se tal bem não dura
Ao seu trespassar
Tudo ha-de acabar.

Sá de Miranda, *Obras*, p. 314. Ed. 1667.

VILANCETE POR OUTRO QUE DIZ: *SERRANA ONDE JOUVESTE,* FEITO MEIO DORMINDO

132 Coração onde jouveste,
Que tão má morte me déste?

Toda a noite pelejei
Eu que já mais não podia,
Busquei-vos, não vos achey,
Sem vós, eu só que faria?
Destes-me dores de dia
Polo que assi me fizestes,
De noite dores me destes.

Sá de Miranda, *Obras*, p. 383. Ed. 1804.

ESPARSAS

133 Cerra a serpente os ouvidos
aa voz do encantador;
eu nam, e agora com dor
quero perder os sentidos.
Os que mais sabem do mar
fogem d'ouvir as serêas,
eu nam me soube guardar;
fui-vos ouvir nomear,
fiz minh'alma e vida alhêas.

Sá de Miranda, ***Canc. geral,*** **II, 324.**

---

134 Porque pudera abafar
Senhora, o mudo se ouvira,
a natureza lhe tira
o ouvir e o falar.
Poys s'avia de nacer
d'ouvir tal desejo em my,
coytado, pera que ouvi,
poys que vos nam posso vêr.

Sá de Miranda, ***Ib.,*** **p. 322.**

Nam passeis vós, cavalleiro,
Tantas vezes por aqui,
Que abaixarei meus olhos,
Jurarei que vos não vi.

Se me quereis de verdade
Nam m'o deis a entender,
Folgae muito de me vêr
Dentro na vossa vontade;
Merecey-me em soydade,
Mas se passais por aqui,

Pois não tenho liberdade
Jurarei que vos não vi.

Quem tanto mal por vós sente
Nam lhe deveis causar mais;
E pois em minha alma estaes
Nam deis que fallar á gente;
Ynda que nam stejais ausente
Sempre vos vejo em mim;
Mas se maís vos vir presente
Jurarei que vos não vi.

Cristovam Falcão, (Ed. da Colonia, de 1559, fl. CLXIV. Y.)

---

135 Ysabel e mais Francisca
Ambas vão lavar ao mar,
Se bem lavam, melhor torcem,
Namorou-me o seu lavar.

Lavam com grande socego,
Sem fazer nenhum rogido,
Ynda que o mar he crecido
Faziam-no andar quedo;
Ambas em hum penedo
Lavam com doce cantar,
Se bem lavam, melhor torcem,
Namorou-me o seu lavar.

Vam-se ao longe da praia,
Afastadas do logar,
Deitam a roupa a enxugar
A' sombra de uma faya;
Ysabel encolhe a saia,
Francisca deixa molhar,
Se bem lavam, melhor torcem,
Namorou-me o seu lavar.

Eu me achei no presente
Onde estavam escondidas
E no penedo metidas
Lavando secretamente;
Mais quizera ser ausente
Que presente me achar,
Se bem lavam, melhor torcem,
Namorou-me o seu lavar.

Lavam com lagrimas vivas,
Todas as vans esperanças,
Batem em desconfianças,
Ahi vos torcem as vidas;
Inda d'isso mal servidas
Piores de contentar,
S'ellas bem lavam melhor torcem,
Namorou-me o seu lavar.

Christovam Falcão, *Ibid.*, fl. CLXV.

SEXTINA Á MANEIRA ITALIANA

136 Não posso tornar os olhos
D'onde os não leva a rasão.
Quem porá ler á vontade
Confirmada do costume?
Vontade que as suas leis
Manda defender por força?

Isto que al he senão força
Que me fazem os meus olhos?
Quebrantadores das leis
Brada apoz mim a razão;
Mas que val contra o costume
Que senhorêa a vontade.

Conselhos vãos á vontade,
Que só póde, e só sem força,
Ajudada do costume,
Vós não podeis estes olhos
Alçar um pouco á razão
Que faz e desfaz as leis.

Amor, taes são tuas leis,
Tal dureza a da vontade,
A gram mingoa da rasão;
Queira ou não queira he por força
Que se me vão estes olhos
Onde se vão por costume.

Não valem leis sem costume,
Val o costume sem leis,
Ay escravos dos meus olhos,
Mandados da má vontade,
A que déstes tanta força
Em desprezo da rasão.

He morta ou dorme a rasão,
Não sente já por costume,
Que farei á maior força?
Ajam piedade as leis
De quem entregue á vontade
Vae prezo após os seus olhos.

Olhos apos á vontade,
As leis após o costume,
Apoz a força a rasão.

Sá de Miranda, *Obras*, p. 419. Ed. 1804.

TROVAS Á MORTE DE DONA YNES DE CASTRO, ENDERENÇADAS AS DAMAS

137 Senhoras, s'algum senhor
vos quizer bem, ou servir,
quem tomar tal servidor
eu lhe quero descobrir
o gualardam do amor.
Por sua mercê saber
o que deve de fazer
vej' o que fez esta dama
que de sy vos dará fama,
s'estas trovas quereis ler.

Fala Dona Ynes:

Qual será o coraçam
tam crú e sem piedade,
que lhe nam cause paixam
huma tam gram crueldade
e morte tam sem rezam!
Triste de mym, ynocente!
que por ter muyto fervente
lealdade, fé, amor,
ho princepe, meu senhor,
me mataram cruamente!

A minha desaventura,
nam contente de acabar-me,
por me dar mayor tristura,
me foy por em tanta altura
para d'alto derribar-me.
Que se me matara alguem
antes de ter tanto bem,
em taes chammas nam ardera,
pay, filhos nam conhecera,
nem me chorára ninguem.

Eu era moça menina
per nome dona Ynes
de Crasto, e de tal doutrina
e vertudes, que era dina
de meu mal ser ho revés.
Vivia sem me lembrar
que paixam podia dar,
nem dal-a ninguem a mim;
foy-m' o princepe olhar
por seu nojo e minha fym.

Começou-m' a desejar,
trabalhou por me servir,
fortuna foy ordenar
dois corações conformar
a huma vontade vyr.
Conheceo-me, conheci-o,
quiz-me bem, e eu a elle,
perdeu-me, tambem perdi-o,
nunca té morte foi frio
o bem que triste puz n'elle.

Dey-lhe minha liberdade,
nam senty perda de fama,
puz n'elle minha verdade,
quys fazer sua vontade
sendo muy fremosa dama.
Por m'estas obras paguar,
nunca jamais quys casar,
polo qual aconselhado
foy el-rei, qu'era forçado
polo seu de me matar.

Estava muy acatada,
como princeza servida,
em meus paços muy honrada,

de tudo muy abastada
de meu senhor muy querida.
Estando muy de vaguar
bem fóra de tal cuidar,
em Coimbra d'aseseguo,
polos campos de Mondego
cavalleiros vy somar.

Como ás cousas qu'am de ser
loguo dam no coraçam,
comecey entristecer
e commiguo só dizer:
estes homens d'onde yram?
E tanto que preguntey,
soube logo que era el-rey;
quando o vy tam apressado,
meu coraçam trespassado
foy, que nunca mais faley.

E quando vy que decia,
sahy á porta da sala,
devinhando o que queria
com gram choro e cortezia
lhe fiz uma triste fala.
Meus filhos puz derredor,
de mim com gram omildade;
muy cortada de temor
lhe disse: avey, senhor
d'esta triste piadade:

Nam possa mays a paixam
que o que de deveis fazer,
metey n'isso bem a mão:
que é de fraco coraçam
sem porque matar molher.
Quanto mais a mim que dam

culpa, não sendo rezam,
por ser mãy dos ynocentes,
os quaes vossos netos sam.

E tem tam pouca ydade
que, se nam forem criados
de mim, só com saudade
e sua gram orfyndade
morreram desamparados.
Olhe bem quanta crueza
fará n'isso voss'alteza,
e tambem, senhor, olhay,
poys do princepe soys pay,
nam lhe deis tanta tristeza.

Lembre-vos o grande amor
que me vosso filho tem,
e que sentira gram dor
morrer-lhe tal servidôr
por lhe querer grande bem.
Que s'algum erro fizera,
fora bem que padecera,
e qu'estes filhos ficaram
orfãos tristes e buscaram
quem d'elles paixão houvera.

Mas poys eu nunca errey,
e sempre mereci mais,
deveys, poderoso rey,
nam quebrantar vossa ley,
que se moyro, quebrantaes.
Usay mais de piadade
que de rigor nem vontade:
avey dó, senhor, de mym,
nam me deis tam triste fim
pois que nunca fiz maldade.

Elrey, vendo como estava,
houve de mim compaixam,
e vy-o que não oulhava,
que eu a elle nam errava,
nem fizera traiçam.
E vendo, quam de verdade
tive amor e lealdade
ho princepe, cuja sam,
pôde mais a piadade
que a determinaçam.

Que se m'ele defendera
c' a seu filho nam amasse,
e lh'eu nam obedecera,
entam com rezam podera
dar-m' a morte qu'ordenasse.
Mas vendo que nenhum'ora,
des que naci atégora
nunca n'isso me falou,
quando d'isto se lembrou
foi-se pola porta fóra.

Com seu rosto lagrimoso,
c'o proposito mudado,
muyto triste, muy cuidoso,
como rey muy piadoso,
mny christam e esforçado.
Hum d'aquelles que trazia
comsiguo na companhia,
cavaleyro desalmado
de traz d'ele muy irado
estas palavras dezia:

—Senhor, vossa piadade
he dina de reprender,
pois que sem necessidade

mudaram vossa vontade
lagrimas d'uma molher.
E quereys qu'aberreguado
com filhos, como casado,
estê senhor vosso filho?
de vós mais me maravilho,
que d'ele qu'é namorado.

Se a loguo nam matais
nam sereis nunca temido,
nem faram o que mandays
do conselho qu'era avido.
Olhay que justa querella
tendes, poys por amor d'ella
vosso filho quer estar
sem casar e nos quer dar
muyta guerra com Castela.

Com sua morte escusareis
muytas mortes, muytos danos,
vós, senhor, descansareis,
e a vós e a nós dareis
paz para duzentos annos.
O princepe casará,
filhos de bençam terá,
será fóra de pecado,
c'aguora seja arrojado
a nenhum lh'esquecerá.—

E ouvindo seu dizer
el-rey ficou muy torvado,
por se em mais extremos ver,
e que avia de fazer
ou de um ou de outro forçado.
Desejava dar-me vida,
por lhe não ter merecida

a morte, nem nenhum mal:
sentia pena mortal
por ter feito tal partida.

E vendo que se lhe dava
a ele toda esta culpa,
e que tanto o apertava,
disse aaquelle que bradava:
minha tençam me desculpa.
Se o vós quereis fazer,
fazei-o sem m'o dizer;
qu'eu n'isso nam mando nada,
nem vejo a essa coytada
porque deva de morrer.

Fim

Dous cavaleyros irosos
que taes palavras ouviram,
mui crús e nam piadosos
perversos, desamorosos
contra mim rijo se viram.
Com as espadas na mam,
m'atravessam o coraçam
a confissam me tolheram:
este é o gualardam
que meus amores me deram.

Garcia de Resende, ás Damas:

Senhoras, nam ajaes medo,
nam receeis fazer bem,
tende o coraçam muy bem quedo;
e vossas mercês veram cedo
quam grandes bens do bem vem.
Nam torvem vosso sentido

as cousas qu'aveys ouvido,
porqu'é ley de deos d'Amor,
bem, vertude, nem primor
nunca jámais ser perdido.
Por verdes o gualardam
que do amor recebeu,
porque por ele morreu
n'estas trovas saberam
o que guanhou ou perdeu.
Nam perdeu senam a vida,
que podera ser perdida
sem na ninguem conhecer,
e guanhou por bem querer
ser sua morte tam sentida.

Guanhou mais, que sendo d'antes
nom mais que fermosa dama,
serem seus filhos ifantes,
seus amores abastantes
de deixaram tanta fama.
Outra moor honra direi:
como o princepe foi rey,
sem tardar, mas muy asinha,
a fez alçar por rainha,
sendo morta, o fez por lei.

Os principaes reis d'Espanha
de Portugal e Castela,
e emperador d'Alemanha,
olhae, que honra tamanha!
que todos deçendem d'ela.
Rey de Napoles, tambem
duque de Borgonha, a quem
todo França medo avia,
e em campo el-rei vencia,
todos estes d'ela vem.

Por verdes como vingou
a morte que lh'ordenaram,
como foy rei, trabalhou
e fez tanto, que tomou
aqueles que a mataram.
A um fez espedaçar
e ho outro fez tirar
por detras o coraçam;
poys amor dá gualardam
nam deixe ninguem d'amar.

Cabo

Em todos seus testamentos
a decrarou por molher,
e por s'isto melhor crêr
fez dois ricos moymentos,
em que ambos vereys jazer:
Rey, rainha coroados,
muy juntos, nam apartados,
no cruzeiro d'Alcubaça:
quem poder fazer bem, faça
pois por bem se dam taes grados.

Garcia de Rezende, *Canc. geral*, t. III. 616 a 624.

ARRENEGUOS, QUE FEZ GREGORIO AFFONSO, CRIADO DO BISPO DE EVORA

138 Arreneguo de ti, Mafoma,
e de quantos crem em ti,
arreneguo de quem toma
o alheyo para sy.
Reneguo de quantos vi
de quem foram esquecidos,
arreneguo dos perdidos

por causas nam muy honestas;
reneguo tambem das festas
que trazem pouco proveito.
Arreneguo do dereito
que se vende por dinheiro.
Arreneguo de palreyro
e de quem em elle crê
arreneguo da mercê
mais pedida huma vez......
. . . .

Canc. geral, t. II, p. 534.

ARRENEGOS DO BARQUEIRO DO INFERNO
NOVAMENTE TROVADOS, POR GIL VICENTE, DE LISBOA

139 Pois o rio vae tão mal,
E a Barca tão vasia,
Começo de arrenegar
Primeiro, de minha tia.
Arrenego da phantasia
De quem mais que a mim amou;
Arrenego eu do grou
Que voando foi ao céo.
Arrenego de quem morreu
de medo de uma sardinha.
Arrenego da mesinha
que faz inchar o doente;
Arrenego da semente
que não nasce em dois annos.
Arrenego dos humanos
que têm miolo de pato.
Arrenego do barato
que me leva quanto tenho.
Arrenego eu do lenho
que se faz verde no fogo.

Arrenego eu do jogo
Onde vou escalavrado.
Arrenego eu do Prelado
que se préza de taful.
Arrenego do azul
que está no meio do olho.
Arrenego do piolho
que mais que seu dono val.
Arrenego do relogio
que nam sabe que horas são.
Arrenego do caravelão
que sempre está em secco.
Arrenego do dinheiro
que ganho n'esta viagem.
Arrenego da barcagem
e do malvado barqueiro,
e a Lucifer requeiro
que por este arrenegar
me queira logo entregar
a priminencia do Inferno.

Folha volante de 1649. (Falta no ***Auto da Barca do Inf.)***

EXCLAMAÇÕES EM ECCO

140 Oh o mais triste onde vou?
Onde vou triste de mi?
O' dores, matae-me aqui
Onde nunca homem chegou.
Ecco: *Hou!*

Hou males, quem me vos deu
Deu-vos pera me acabar.
Oh, quem soffreu por amar
Tamanho mal como o meu?
Ecco: *Eu.*

*

Eu em me matar não pecco;
Nem sei se alguem me responde.
Que será, ou quem ou d'onde
Que ande em vale tão seco?
Ecco: *Ecco.*

E' conveniente quando
A tal tristeza combate
Que homem per si se mate
Por não andar mais penando.
Ecco: *Ando.*

Ando qual nunca fiz tal.
Oh vós, pois me respondes,
E de mi assi te escondes,
Que farei a tanto mal?
Ecco: *Al.*

Al não quero, al não sei.
O' voz de meu triste grito,
Pois que sabes meu esprito
Has medo que morrerei?
Ecco: *Hei.*

Hei por bem morrer por ella;
Porem damno tão profundo
Qual mulher o fez no mundo,
Servindo-a sem offendel-a?
Ecco: *Ella.*

Ella me dá triste guerra,
Ella me tem despedido,
Ella me tem convertido
Que moura por esta serra.
Ecco: *Erra.* etc.

Gil Vicente, *Obras*, II, p. 58.

CANTAR Á MANEIRA DE SOLÁO

141 Pençando-vos estou, filha,
Vossa mãe me está lembrando;
Enchem-se-me os olhos de agua,
N'ella vos estou lavando.
Nascetes, filha, entre magoa,
Pera bem inda vos seja,
Pois em vosso nascimento
Fortuna vos teve inveja.
Morto era o contentamento
Nenhuma alegria ouvistes,
Vossa mãe era finada,
Nos outros eramos tristes.
Nada em dor, em dor criada,
Não sei onde isto hade ir ter,
Vejo-vos filha fermosa
Com olhos verdes crescer.
Não era esta graça vossa
Pera nascer em desterro;
Mal haja a desaventura
Que poz mais n'isto que o erro.
Tinha aqui sua sepultura,
Vossa mãe, e magoa a nós;
Não ereis vós filha, não,
Para morrerem por vós.
Não houve em fados rasão,
Nem se consentem rogar;
De vosso pae hei mór dor,
Que de si se hade queixar.
Eu vos ouvi a vós só,
Primeiro que outrem ninguem;
Não foreis vós, se eu não fôra,
Não sei se fiz mal, se bem.
Mas não pode ser, senhora,

Pera mal nenhum nascerdes,
Com esse riso gracioso,
Que tendes sob olhos verdes.
Conforto mais duvidoso
Me é este que tomo assi,
Deos vos dê melhor ventura
Do que tiveste té aqui.
A dita e a formosura,
Dizem patranhas antigas
Que pelejaram um dia
Sendo d'antes muito amigas.
Muitos hão que é phantesia;
Eu que vi tempos e annos,
Nenhuma cousa duvido
Como ella é aso de danos.
Nenhum mal não é crido;
O bem só é esperado;
E na crença e na esperança
Em ambas ha hi cuidado,
Em ambas ha hi mudança.

Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça,* cap. XXI.

GLOSA DE: *PENSANDO-VOS ESTOU FILHA*

POR BERNALDIM RIBEIRO

142 A morte mais me matou
Por me deixar com a vida
E levar a quem errou
Esta filha que deixou
De minha alma tão querida.
Como o mar cerqua a ilha
Cuidados me estão cercando;
Sam vivo por maravilha,
Pensando-vos estou filha,
Vossa mãe me está lembrando.

Lembra-me a gloria passada,
Padeço o mal presente,
E sinto pena dobrada,
Muito penada e cansada
Como o que minha alma sente.
Meu cuidado é uma fragua
Em que me estou queimando,
E de vós e de my magoa
Enchem-se-me os olhos d'agua
N'ella vos estou banhando.

O desejo bem contente
Tinha eu poucos dias ha,
Porem na vida presente
A fortuna sempre mente,
Bens promette, males dá.
A passada gloria pago,
Com pena e dor sobeja,
Meus olhos são fontes d'agua,
Nascestes, filha, antre mágoa,
Pera bem inda vos seja.

Lembra-me que a minha amada
Me estava dizendo um dia
Que se sentia pejada
E das dores já toquada,
Dores que eu não sentia.
Antes o meu pensamento
Teve gloria tão sobeja,
Foi tanto o contentamento,
Que no vosso naçimento
Vos houve fortuna enveja.

A ventura que guiava
Quantos males ordenou,
Com taes dores a fincava,

Que a morte se achegava,
Chegava e emfim chegou.
E levou-m'a n'um momento
Em que vós, filha, sorgistes,
Triste tinha o pensamento,
Morto era o contentamento,
Nenhuma alegria ouvistes.

De esposo muito amado
Fiquei viuvo e só,
De tristeza acompanhado,
Meu prazer já sepultado,
Alegria feita em pó.
Filha minha muito amada,
Se alegria não ouvistes,
Foi porque sendo vós nada,
Era vossa mãe finada,
Nós ambos fiquamos tristes.

Eu fico e vos ficastes
E ambos bem descontentes,
Se em nascendo chorastes,
Tão bem chorando me achastes
Males por vir e presentes.
Veja-vos melhor fadada
Do que fostes no nasser,
Pois fostes mal festejada
Nada em dor, em dor criada,
Não sei isto onde hade ir ter.

Nacerdes em confusão
De grão desterro e morte
Dá pena a meu coração,
As planetas saberão
Vossa ventura e sorte.
Se houver de ser ditosa

Quem tiver bom parecer,
Vejo-vos mui graciosa,
Filha minha mui fermosa,
Com olhos verdes crescer.

Ainda humanos tem por ver
Em logar desabitado
Taes olhos, tal parecer,
Como vos Deoŝ quiz fazer,
Sobre-rosto alumiado.
Não ha y quem saber possa
Se causou desdita, se erro
Nascerdes na serra d'Ossa,
Não era essa graça vossa
Pera nascer em desterro

Se em Amor rasão houvera
Vossa mãe me não deixara,
Porque ella não fenecera,
E eu, triste, ledo vivera,
Mais prazer me visitara.
Ella he na sepultura,
E vós em este desterro
Habitado de tristura;
Mal haja a desaventura
Que mais poz n'isto que o erro.

Foram mui mal celebradas,
Filha, essas vossas festas,
E em logar de festejadas
Foram de mi lamentadas
Em campinas de giestas.
Pelo qual nunca tristura
Deixarei nem deixeis vós,
Porque nossa desventura

Tinha aqui sua sepultura
Vossa mãe e magoa a nós.

Quando cuido no passado
Sam mais triste do que sam,
Bem posso dizer: coitado
Que eu só fui o mal logrado,
Magoado sem rasão.
Foi cruel de openião
Morte que nos deixou sós,
Carecida da rasão;
Não ereis vós, filha, não
Pera morrerem por vós.

Não era tal gentileza
Nem tal graça e fremosura
Qual pintou a natureza
Pera causar mais tristura,
Ao triste sem ventura;
E este mal foi maldição
Tivera de se executar,
Em mim só, e outrem não,
Mas termos que os fados dão
Não se podem escusar.

Os males se repartiram
Por vossa mãe, vós e mim,
A ella já consummiram,
E a vós tambem feriram,
Mas todos são meus emfim.
Dóe-me muito vêr-vos só
E vossa mãe o estar
No sepulchro feita pó,
De vosso pae ey mór dó,
Que de si se hade aqueixar.

Se eu nunca lealmente amara
Não chegara a ser querido,
E se vos eu não plantara,
Vossa mãe se não finara
Nem eu ficara sentido.
Vós me achastes tal qual Job,
Bem carecido do bem,
Sem haver quem m'haver dó,
Eu vos houve a vós só,
Primeiro que outro ninguem.

Ouvi mil lamentações
Que eu a my pera mi dava
E d'outras mil affliçães,
Paixões sam comparações
E as mais porque ficava.
Esta vida matadora
Não sei porque me detem,
Que se não fôra tredora
Não foreis vós se eu não fora,
Não sei se foi mal se bem.

Deos, que vos fez extremada
Quiz-vos bem muito em extremo,
Se fordes tambem fadada
Sereis bem aventurada,
Mas arreçeo o que temo.
Oh filha, quam bem vos fôra,
Pera segura viverdes
E da fortuua bem fóra,
Mas não pode ser senhora
Para mal nenhum nascerdes.

Lembranças, tristes logares
Em cuidar trago occupados,
Não cuidados par nem pares,

Mas contos de mil milhares,
E todos em vossos fados.
Porem como este erro nosso
Não pode deixar de serdes,
Tal que me façaes ditoso
Com esse rosto gracioso
Que tendes sobrolhos verdes.

Perfeita vos fez natura
Em quanto teve poder,
Sem terdes corpo e figura
Vos dotou de fremosura
Por se alegrar e vos vêr.
Pelo qual eu o cuidoso
M'alegro a furto de my,
E me acho victorioso;
Conforto mais duvidoso
Não he isto que temo assy.

A causa que me dá a vida
Só a de que mais me aqueixo,
E' ficardes sem guarida
Ainda rasão nascida
Pelo qual penar me deixo.
Mas se este mal muito dura
Aturay-o vós sem my,
Que vos conheça tristura,
Deos vos dê milhor ventura
Da que tiveste té aqui.

De longe vindes fadada
Para serdes combatida,
Pois que sois tambem sagrada
Como é recopilada
Da morte a humana vida.
Uns dizem que a ventura

Tem continuada alegria,
Outros com a prefecia
Que a dita da formosura
Disse em pratica antigua.

E declara a figura
Em que esta figura vae,
Feita por mão da ventura
Que esta dita e formosura
São ambas filhas de um pae.
Mas como o peccado cria
Presumpções por dar fadigas,
A estas tanto crescia,
Que pelejaram um dia,
Sendo d'antes mui amigas.

Eu tambem, creio que erraram
Os que d'isso tem aviso,
Que a vida vos tentearam
Florída mais vos acharam,
E formosa que narciso.
E muitos tem em porfia
Aggravos com que traz danos,
Creo como profecia,
Outros hão que he phantesia,
Eu que vi tempos e annos.

Crerey quanto mal ouvir,
Porque o tenho e padeço,
Se algum me fica por vir
Não lhe ey nem posso fugir
Posto que o não mereço.
Creo que o tempo é comprido
Ordenam por mais meus danos
Ter minha fé acedido

Nenhuma cousa dovído,
Como he azo d'enganos.

Não dovído que a morte
Por m'a fazer desejar,
Uma dor muito mais forte
Me dá vida d'esta sorte
Por mais vezes me matar.
Já se quer fôra ouvido
D'alguem fôra consolado
Em mal tão mal merecido,
Mas hu mal que não é crido
Só o bem é esperado.

O qual eu já desespero
Em quanto mais esperar,
N'esta vida que não quero
Pois he mais cruel que Nero,
Mais tormentos me hade dar.
Nem quero ter confiança
Pois está feita cajado,
E na vida e na esperança
Em ambas ha y mudança,
Em ambas ha y cuidado.

Ap. *Canc. ms.* de Luiz
Franco. (Inedita).

---

143 ECLOGA: INTERTOCULORES SYLVESTRE E MONTANO *(INEDITA)*

Sylvestre: Dize, Montano amigo,
como andas qua apartado
em este despavoado

assim só mesmo comtigo,
sem ti e sem o teu gado?
Vejo-te a cor mudada,
sem o teu saio de festa,
a pessoa mal tratada,
grão paixão deve ser esta
que tens esta madrugada!

Folgavas quando me vias,
não me queres ver agora,
mudou-se o tempo e ora
contra ti que não soías
ser tão triste que de fóra.
Fizeste grande mudança
cada vez para pior,
trazes a vida em balança
guar-te, Montano pastor,
porque o mal prestes s'alcança.

Peza-me de assi te vêr
quanto me pode pezar,
com sentir e com chorar
se te podesse valer
poder-me-hias descansar.
Mas, eu coitado de mi,
cada vez que te mais vejo,
vida eu não a desejo,
pois a morte vejo em ti
com tal tormento sobejo.

Lembra-me a ora do anno
andando eu pela serra,
ouvi dizer d'esta guerra
tua, se tu es Montano
natural da minha terra.

Como tal cousa ouvi
logo m'este mal doeu,
por tua causa o senti,
tanto que me pareceu
que fóra fôra de mi.

Se este teu nojo d'amores
em grão trabalho e perigo
te vejo mais meu amigo
guar-te das cousas piores,
que estas sã, se mal não digo:
que amores não guardam lei
nem rasão querem por si;
já contr'elles pelejei,
hum tempo venceram a mi,
outro d'elles me guardei.

Pelo qual d'este engano
tu não sejas enganado,
que se te dás ao cuidado
tu não vez a fim do anno
pera ser desenganado.
Mas porem este desterro
que tu qua trazes comtigo
de ti saber o espero
como de pastor amigo
a quem certo muito quero.

Montano: Sylvestre, tu saberás
que este meu apartamento
não se fez sem fundamento
que em grão paixão me traz
assim ás voltas co vento.
E nestes tempos d'agora,
la por esse povoado
não se vive só hua hora

pera menos enganado
ando assy por qua de fóra.

Porem sabes o que digo
para que milhor m'entendas,
fogi as grandes contendas
como ogano fez Rodrigo,
porque a elle menos reprendas.
Porque este mundo he tal
que he milhor qua nos desertos
soffrer e calar o mal,
que descobrir os secretos
d'este nosso temporal.

Sylvestre: Quem sabe do mal fugir
muito faz em se apartar,
que o cuidado do cuidar
faz mil vezes cair,
e tambem desesperar.
E a vista sempre a tem,
mas isto não é d'agora
se ha y mal e sair bem,
se tudo junto não fôra
não fôras tu nem ninguem.

Montano: Bem sei isso, meu amigo,
andando só n'esta terra;
mas não deixa de ir commigo
bom cuidado do perigo
em que vejo toda a terra.
Os tempos vão de mudanças,
de razão mui differentes,
os seguros d'accidentes
nas maiores esperanças
se acham menos contentes.

Pelo que vês levantadas
gentes contra mesmas gentes,
com vontades condemnadas,
sem respeito de innocentes,
e com as almas danadas.
Tal não posso comprehender,
nem sei que diga ao fado
que possa tanto o peccado,
que o justo venha a morrer
por culpas do condemnado.

Quando n'isto cuido eu
e em tão grão deferença,
quero me tornar sandeu
porque faz a mór sentença
que entre tudo se nos deu.
E por tanto dou estes brados,
ouça-me quem tem sentidos,
assy vão tempos perdidos
e os máos são levantados,
e os bons são destroidos.

Não te parece, pastor,
que me dá isso paixão
nem outro nenhum rancor;
mas de ver eu a razão
cada vez mal e peor.

Sylvestre: Assy é certo, Montano,
bem dizes Deos nos proveja,
que n'este mundo d'inveja
ha n'elle tanto engano
que não sei quem ledo seja.

Montano: Ainda mais te direi,
Silvestre, pastor amigo

encobrir nada te sei,
não ha amigo de amigo,
nem nenhum vive por lei.
Se andas pela cidade
tudo acharás mintira,
o bom viver já sospira
porque as cousas da vontade
fazem-se todas com ira.

Tempo é de opiniões,
de pastores não discretos;
vão mui grandes confusões
se buscaes paraisos certos
cada passo ha y ladrões.

E o pobre zagalejo
não tem onde se acolher,
quando se quer defender,
o que tem mais de sobejo,
não no consentem viver.
Se alguma justiça brada
que lhe roubam seu rebanho,
ou lh'o levam da manada,
porque seja mór o dano
ninguem lhe responde nada.

E se por aventura alguem
lhe responde é de través,
que estes sátrapas maiores
que governam grandes prados
usam tanto dos cajados
que lobos são, não pastores
por nossos grandes peccados.

E porem Deos onde está
tambem dá suas pancadas,

a quem não vive bem qua,
assy as longas jornadas
como viste que fez ja.
Pois mais claro hasde ver
que se não erro o que digo,
perto vejo o teu testigo
de se mais cedo perder
seu curral e seu abrigo.

E a vingança divinal
tarde ou perto apparece,
e a quem faz mal faz ho mal
que ponto a nenhum esquece,
por ser a todos igual.

Eu vi já o outro dia
mui claro dizer a Braz
como se homem perdia
oulhando pera detraz,
assim fallando dezia:
Eu deixo vir o grão Cão
por cima d'este montado,
como perro mui danado
com danado coração
nos roubar o nosso gado.

Assi fez já o verão
lá pelos campos d'Ongria,
deu no cural de Joham
por huma negra porfia,
que teve André com Beltrão.
Por má guarda dos rafeiros
perde o pastor as manadas,
que andam tão derramadas
por cima d'esses outeiros
perdidas, desbaratadas.

Quando isto nos contava
o coutado assi chorando
muitas vezes sospirando
cansado de quando em quando
em seu bordão se encostava.
Muitas cousas disse ali
do porvir e do passado,
e despois de ir já cansado
bolveu seus olhos a mi
com um sobejo cuidado.

E disse assi: Montano,
pois és zagal entendido,
fuge, fuge a tanto dano,
antes d'elle ser ferido,
e te roube seu engano.
Por isso que me apartei
como tu, Silvestre vês,
não o fiz, em que me pez,
mas parece que acertei
nos passos que dei c'os pés.
Que fugi aduladores,
em fugir a dilações,
estes montes são milhores
que as praças das confusões
nas quaes os erros são móres.

Andem pelos povoados
os que em muito tem a vida,
porque he cousa sabida,
que os que tem grandes estados
dão comsigo mór caída.
Sabes como anda tudo
sem concerto e sem direito;
a Deos não se tem respeito,

quem presuma mais d'agudo
não quer ter nenhum sogeito.

O que vive mais atado
n'esta vida emprestada
este tem maior soldada,
mas quando for condenado
e lá será *condenado*.
Que o que he virtuoso
não no deixam descansar
nem com vida, nem repouso;
se me deixasse fallar,
mas fallar, pastor, não ouso.

Porque heide dizer verdade,
livremente e sem engano,
traz comsigo tanto dano;
e pede tanto a maldade
que faz mal o desengano.

Quem fala pontos dividos
os que Deos quiz e mandou,
o tal logo brasfemou
mas reprender os perdidos
a muitos santos matou;
donde os nossos pregoeiros
não curam já de dar brados
senão como lisongeiros,
dissimulam os pequados
que vão por esses outeiros.

Esta gente infernal
que regra nem ordem tem,
o mal lhe parece bem
porque não sentem nem vêm.
Assim vivem sem vergonha

vestidos de mansidão;
mas dentro do coração
anda escondida a pessonha
que poz mésinha no são.

Mas não sei já o que diga,
todo o mal é da panella,
selada e se dão nella
n'ella só é a fadiga.
Tudo é contra os pequenos
eu do demo arrenego,
a justiça não a vêmos
senão no manco no cego,
asi que tudo perdemos.

Quero-me calar amigo,
porque não dizer o que sento,
de teus danos e perigo
Silvestre, tenho tormento,
e desenganos commigo.
Por nossos grandes pequados
quer Deos que taes nos vejamos
que já vês em nossos amos,
como andam acossados
porque o tambem andamos.
Mal no vale, mal na serra,
em toda a parte vae mal;
dá grandes brados a terra,
falta-nos o temporal
mas não com festa nem guerra.

Isto fazem embolvedores
e muitos pequados feos,
e os senhores alheos
que vês roubar roubadores
sem justiça e sem bons meos.

Pelo qual já vez que digo
as minhas redes colhendo,
sobretudo sem castigo
como tuberas vivendo.
O' meu Sylvestre e meu amigo,
que já viste do passado
como Deos nos castigou,
na cabeça nos tocou
leixando o corpo aleijado
mais do que nunca ficou.

Hora canso de falar
não te quero mais dizer,
porque dizem que o calar
vem do mui grande saber,
não ha quem possa acabár.

Sá de Miranda. (Ap. *Canc.* Ms. de Luiz Franco, fl. 95 a 97 &.

CARTAS DE MANOEL MACHADO DE AZEVEDO A FRANCISCO DE SÁ E MIRANDA

144

I Respondendo á vossa, digo,
Amigo, senhor e hirmão,
Que entre tanta confusão
Não ha carta sem perigo.

II Em que côrra aveso tudo,
Tudo correrá direito,
Se lhe sabe andar a geito
O prudente e o sesudo.

III Quando dem couce os planetas,
Tem mais altos poderios
Aquelle que o mar e os rios
Enfrêa e pica os poetas.

IV Fez o homem differente
De qualquer outro animal,
Se elle do bem usa mal
E do mal bem, elle o sente.

V Deu-lhe livre a eleição
Que outro chamam escolhimento,
Poz na mão do homem tento,
Do seu ganho ou perdição.

VI Vós quereis com descripções,
E com vossas letras grandes
Que em Italia, Espanha e Frandes
Vos reconheçam as nações.

VII Eu quizera que os salloyos
Vos estimassem sómente;
Porque da nossa semente
Sempre colhereis mais moios.

VIII Hade enfrear sua penna
Como um pôtro desatado
Quem quizer ser mais medrado
Que Camões ou João de Mena.

IX Não queiraes emendar tudo
No mundo o seu desconcerto,
De cujos erros é certo
Ouvir, calar ou ser mudo.

X Só a penna e lingua são
As que causam mayor pena;
Que só Deos julga e condemna
As culpas do coração.

XI Só da lingua ou do tinteiro
As palabras saem á praça,
Já por graça ou por desgraça
Não lhes falta pregoeiro.

XII Poem-se em muy grande perigo
Quem descobre todo o peito,
Por hu bom dito ou conceito,
Não perdaes nenhum amigo.

XIII Os Carvalhos e os Carneiros
Da Beyra, entre Douro e Minho,
São muy bons qua no seu ninho,
Aos fidalgos e escudeiros.

XIV A quem d'elles se aproveita
São de proveito e sustento,
Mas lá, com seu valimento,
Só vive quem os respeita.

XV Vosso parente e amigo
Joane de Sa—ber tanto
Descantar tanto em seu canto,
Que deu n'um canto comsigo.

XVI Descoseu linhas a tantos?
Se bem mais canonisou,
Mas hu d'esses se vingou
Sem lhe valer estes Santos.

XVII Se se diz bem dos ingratos,
Cuidam que tudo lhes devem,
Se a poderosos se atrevem
Dão unhadas como gatos.

XVIII Assim sou de parecer,
Que nem bem nem mal digamos,
N'esta era em que estamos
Para poder bem viver.

XIX A verdade e bom conselho
São hoje grande dilito,
Mame na ovelha o cabrito,
E na raposa o coelho.

XX O grande afeito me ordena
Que aconselhe a um letrado,
Perdoae-me; que um Machado
Não apára bem a penna.

Manoel Machado de Azevedo;
ap. *Vida*, p. 16 a 19.

---

145 OUTRA DO MESMO

I Dizem-me que estás doente,
Pesa-me, porque não posso
Ir ver-vos de presente,
Porque tive um accidente
De amor, não; mas de humor grosso.

II Este medico Sandeu
Quer que seja humor da côrte,
Cada um conhece o seu,
Eu conheço o mal que é meu,
Que o d'ella sempre é mais forte.

III De medicos nem sangrias
N'esta edade não curemos;
Bomas são as Romarias
De mais longe, e sem Marias
Porque não nos mareêmos.

IV Os Santos de longas terras
Sempre foram mais buscados,
Os da nossa estão cansados;
Busquemos santos das serras,
Que estão mais desoccupados.

V Sigamos nossa nação
A quem todo o seu parece
De menos estimação;
Elle faz mais devoção
O que menos se conhece.

Manoel Machado de Azevedo,
ap. *Vida*, p. 86 a 88.

VIGILIA DE S. ANTONIO, LIVRANDO O PAE DA FORCA

146 (VERSÃO INSULANA)

I

PRESO: Santo Antonio da gloria,
Nascido da flor da palma,
Remedio da nova lei,
Eu preso aqui estarei,
E perante el-rei irei!
Morte tão sentenciada,
Que por mim foste provada;
Eu tenho mulher e filhos,

Ficam orfinhos perdidos:
Eu te peço, anjo bemdito,
Que do céo vens mandado,
Eu te torno a pedir
Que vás para o céo sagrado.

ANJO: Avia-te, santo Antonio,
Avia-te, brevemente,
Vae livrar teu pae da fôrca,
Que está preso innocente.
Em o pino do meio dia
Elle sae logo a matar,
Tirado do Limoeiro
Para ir a enforcar.

II

Santo Antonio ajoelhou,
Ave-Maria pediu
E em quanto a resou
Duas mil legoas andou.
Chegou á dita cidade
E a justiça encontrou:

PREGÃO: Velho preso, mal levado,
Matastes por vossa mão
Um menino innocente
Sem mais causa nem razão.

S. ANTONIO: Eu te requeiro Justiça
Que adiante não vás mais;
Esse homem que levais,
Não matou quem vós cuidais.
Se cuidais que falo trumfo
Não vos falo confrangido,
P'la bocca do homem morto

Eu farei falar o vivo.
Moço morto, fala, fala,
Dize-me aqui commigo,
Se este homem te matou
Ou se quer por ti passou.

JUSTIÇA: Este homem sae a penar
Por um homem que matou;
No seu quintal o enterrou,
Testemunha o jurou,
E elle lá se achou
Vestidinho e calçado
Como no mundo andou.

III

S. ANTONIO: Eu te peço, homem morto,
Pelo Deos, que te criou,
Que te levantes do chão
E digas quem te matou.

MORTO: Esse homem não me matou
Nem a morte me causou;
Antes me aconselhou
Como o pae que me criou!

JUSTIÇA: Solto, solto o padecente
Vá governar sua vida.

PRESO: Oh meu padre reverendo
Dizei-me aonde moraes?
Quero-vos ir visitar,
Já que não sirvo p'ra mais.

S. ANTONIO: N'este estado em que me vêdes,
Sou vosso filho Fernando,

Mas tomei o nome Antonio,
P'ra me livrar do demonio.

PRESO: Filho meu muito amado,
De mim tam escandalisado!
Cadeiras tenhas no céo,
Para estares assentado.

S. ANTONIO: Meu pae, botae-me a benção,
Que eu quero ir a Padua
Acabar o meu sermão,
Que se eu o não acabar,
Ai, que de mim não dirão?

PAE: Eu te abençôo, filho,
Que sejas abençoado;
Confessor das criaturas
Que vás para o céo sagrado.

AUTO HIERATICO OU DE DEVAÇÃO:

147 SCENA DA BILHA DE AZEITE

PAYO VAZ: Pois Deos quer que pague e peite
Tão daninha pegureira,
Em pago d'esta canseira
Toma este pote de azeite
E vae-o vender á feira;
E quiçaes, medrarás tu,
O que eu comtigo não posso.

MOF. MENDES: Vou-me á feira de Trancoso
Logo; nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render

Comprarei ovos de pata,
Que he a cousa mais barata,
Que eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dará um pato,
E cada pato um tostão,
Que passará de um milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada,
Por este ovo de pata,
E o dia que for casada
Sahirei ataviada
Com um brial de escarlata;
E diante o desposado
Que me estará namorando,
Virei de dentro bailando
Assi d'esta arte bailado,
Esta cantiga cantando.

Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça, e andando enlevada no bailo, cae-lhe, e diz:

PAYO VAZ: Agora posso eu dizer
E jurar e apostar,
Qu'es Mofina Mendes toda.

PESSIVAL: E se ella baila na voda
Qu'está ainda por sonhar,
E os patos por nascer,
E o azeite por vender,
E o noivo por achar,
E a Mofina a bailar;
Que menos podia ser?

Vae-se Mofina Mendes cantando:

MOFINA: Por mais que a dita me engeite,
Pastores, não me deis guerra;

Que todo o humano deleite
Como o meu pote de azeite
Hade dar comsigo na terra.

Gil Vicente, *Obras*, t. I, p. 115.

AUTO DOS PASSOS DA PAIXÃO
1547.

TROVAS QUE FEZ HO AUTOR PARA HUNS PASSOS DA PAIXÃO, QUE ORDENOU DE FAZER PREGANDO A MESMA PAIXÃO

Vae a VIRGEM *nossa Senhora pranteando, caminho do Monte Calvario, e diz:*

148 *Fili mi, Jesu, Jesu*
O mi Jesu, fili mi.
Quem me matasse por ti,
Porque não morresses tu.

Oh vós omnes qui transitis
Pola via da amargura,
Chorae a desaventura
D'esta triste Sunamitis,
Senti sua gram tristura.
Oh gentes, chorae meu mal,
Vede bem sua grandeza,
O cutelo de crueza
Que córta com dôr mortal
Minha alma com tal tristeza.

Oh judaica crueldade,
Onde me levas meu bem.
Oh cruel Hierusalem
Matador sem piedade

Dos Prophetas que a ti vêm.
Que te fez o meu cordeiro
Filho do meu coração,
Porque tanto sem rezão
Condemnaste ao madeiro
Toda sua salvação.

Oh donas, pois que paristes
Filhos que tanto amais,
Porque tal dor não vejaes,
Se vós de filho sentistes
Senti dores tão mortaes.
O que me levam a matar
Todo meu bem e conforto
E o mayor desconforto
E' que hei medo de ficar
Viva, depois d'elle morto.

Como poderei viver,
Sem ti que será de mim,
Oh triste, quam tarde vim,
E quam cedo heide ver
Tua fim e minha fim.
Oh filho tão desejado,
Em pureza concebido,
Em virgindade parido,
Em tal doçura criado,
Em mãos de algozes metido.

Oh meu bem que não te vejo
E não posso já comtigo
Tão francamente te sigo
Quam fortemente o desejo
Me leva a morrer comtigo.
Oh quem podesse chegar
Antes da fim um momento,

A ver teu padecimento,
Porque de ver-te matar
Me mate teu sentimento.

Mas este mortal desmaio
Tem cortado o coração
De tão forçosa paixão,
Que se quero andar caio,
Esmorecida no chão.
Oh donas, encaminhae,
Esta mais triste das tristes;
Se meus males cá ouvistes
Dizei-me por onde vae
O meu filho, se o vistes?

Chegando a Senhora ao pé do cadafalso onde estava o Senhor crucificado metido em hum esparavel, sae uma FIGURA *e mostra-lho abrindo o esparavel, dizendo :*

Oh mais fremosa e mais bella
Que quantas no mundo são,
De ver tua gram paixão
E tua mortal querella
Se me quebra o coração.
Pois que vens com tanta pena
Em busca do teu amado,
Sabe que é crucificado,
Que nos salva e nos condemna
Vel-o aqui condemnado.

Aqui se deixa a Senhora cahir no chão sem dizer nada, e depois já no cabo vem Nicodemus e Joseph ab Arimatia para sepultar ho corpo; e adorando o Senhor de giolhos, diz JOSEPH:

*

Oh filho de Deos eterno,
Verbo divino encarnado
Tam sem culpa condemnado,
Por nos salvar do inferno,
Tão sem culpa justiçado.
Pois não pode nossa sorte
Servir teu merecimento
Na vida nem no tormento,
Vimos servir-te na morte
Com mortalha e moimento.

E despegando o Senhor da Cruz poem-no em o regaço da SENHORA, *e ella diz esta trova:*

Oh cruel cutelo forte,
Oh crueza desmedida,
Oh mortal dor tam crecida,
Ver morto e ver a morte
A' vida de minha vida:
Oh morte, por que acrecentas
Mais mortes com teus espaços?
Filho meu, morto nos braços,
Oh, como não arrebentas
Coração em mil pedaços!

Já por derradeira pede SAM JOAM *licença á Senhora para enterrar o corpo, dizendo:*

Um triste desconsolado
Mal poderá consolar,
Senhora, teu grão pezar,
Porque sangue tão chegado
Não se roga em tal logar.
Ver meu Deos e meu Senhor
Soffrer cruezas tamanhas,

Ver tuas dores estranhas
Me dão tamanha dor
Que me rasgam as entranhas.

Mas pois foi assi vontade
Da divina providencia,
Tua virginal prudencia
N'esta dor sem piedade
Tenha alguma paciencia.
A' tua mortal tristura
Dá-lhe um pouco de vagar,
E consente sotterrar
O corpo na sepultura,
Pois se não pode escusar.

E tirando-lhe á SENHORA *o corpo dos braços, diz esta trova:*

Oh triste despedimento
Oh ausencia tão mortal,
O meu bem, o meu grão mal
Não abasta soffrimento
Para poder soffrer tal.
Deixae-me tambem morrer,
Então em um moimento
Ambos mortos de um tormento
Nos enterrae, por não ver
Tão mortal apartamento.

E então levam o corpo metido no ataude com: Miserere mei Deus, a fabordam, a enterral-o.

Fr. Antonio de Portalegre, *Meditação da Paixão em estylo metrificado.*

SECÇÃO 2.ª

ESCHOLA ITALIANA

I GENERO EPICO: *Litterario:* 149. Episodio dos Lusiadas.

II GENERO LYRICO: *Litterrario:* 150–182. Sonetos—183. Canção—184. Elegia—185. Epistola.

III GENERO DRAMATICO: *Litterario:* 186. Scena final da tragedia *Castro.*

EPISODIO DE INEZ DE CASTRO

149 Passada esta tão prospera victoria,
Tornando Affonso á lusitana terra
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste e digno de memoria
Que do sepulcro os homens desenterra
Aconteceu, da misera e mesquinha
Que, depois de ser morta foi rainha.

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
(Que os corações humanos tanto obriga)
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
E' porque queres aspero, tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas, linda Inez, pósta em socego,
De teus annos colhendo o doce fruito,
N'aquelle engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás ervinhas
O nome que no peito escripto tinhas

Do teu principe alli te respondiam
As lembranças que n'alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noute em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam,

E quanto emfim cuidava e quanto via
Eram tudo memorias de alegria.

De outras, bellas senhoras e princezas,
Os desejados thalamos enjeita;
Que tudo emfim tu, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pae sisudo, que respeita
O murmurar do povo e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria;

Tirar Inez ao mundo determina
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentiu que a espada fina
(Que poude sustentar o grave peso
Do furor mouro) fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

Traziam-a os horrificos algozes
Ante o rei já movido a piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa e saudade
Do seu principe e filhos que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava,

Para o céu crystalino alevantando
Com lagrymas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigosos;
E depois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,

Cuja orphandade, como mãe, temia
Para o avô cruel assim dizia:

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aérias tem o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram,
E co'os irmãos que Roma edificaram;

O' tu que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca, sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

E se, vencendo a maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro.
Mas se t'o assim merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scithia fria, ou lá na Libya ardente
Onde em lagrymas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
Se n'elles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co'o amor intrinseco e vontade
N'aquelle por quem mouro, criarei

Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigenio sejam da mãe triste.

Queria perdoar-lhe o rei benino
Movido das palavras que o magôam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino,
Que d'esta sorte o quiz, lhe não perdôam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito alli pregôam,
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostraes e cavalleiros?

Qual contra a linda moça Polyxena
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Achilles a condemna,
Co'o ferro o duro Pyrro se aparelha:
Mas ella, os olhos com que o ár serena
Bem como paciente e mansa ovelha
Na misera mãe póstos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece;

Taes contra Inez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sustinha
As obras com que o amor matou de amores
Aquelle que depois a fez rainha,
As espadas banhando e as brancas flores
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam fervidos e irosos
No futuro castigo não cuidosos.

Bem poderas, ó sol, da vista d'estes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da séva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia!
Vós, ó concavos valles, que podestes
A vóz extrema ouvir da bocca fria,

O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
Por muito longo espaço repetistes!

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro tras perdido e a côr murchada,
Tal está morta a pallida donzella;
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraram,
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrymas choradas transformaram;
O nome lhe puzeram, que 'inda dura,
Dos amores de Inez, que alli passaram;
Vêde que fresca fonte rega as flores
Que lagrymas são a agoa, e o nome amores

Camões, *Lusiadas,* Cant. III, st. 118 a 135.

---

150 Não sei qu'em vós mais vejo; não sei que
Mais ouço, e sinto; ao rir vosso e fallar;
Não sei que entendo mais, té no calar,
Nem quando vos não vejo a alma o que vê;
Que lhe apparece em qual parte que estê,
Olhe o céo, olhe a terra, ou olhe o mar;
E triste aquelle vosso suspirar,
Em que tanto mais vay, que direi que he?
Em verdade não sei: nem isto qu'anda
Antre nós: ou se é ar como parece,
Se fogo d'outra sorte e d'outra ley,

Em que ando, e de que vivo, nunca abranda;
Por ventura que á vista resplandece;
Ora o que eu sei tão mal, como o direy.

Sá de Miranda, *Obras*, p. 16 (Ed. 1804).

---

151 Este retrato vosso é só signal,
Ao longe, do que sois, por desemparo
D'estes olhos de cá, porque um tão claro
Lume, não pode ver vista mortal.
Quem tirou nunca o sol por natural,
Nem viu, (se nuvens não fazem reparo)?
Em noite escura, ao longe acceso um faro,
Agora se não vê, ora vê mal.
Para uns taes olhos, que ninguem espera
De face a face, gram remedio fôra
Acertar o pintôr vêr-vos dormindo.
Mas inda assim não sei que elle fizera,
Que a graça em vós não dorme nenhuma hora;
Fallando, que fará? que fará rindo?

Sá de Miranda, Son. XXVII. Ed. 1677.

---

152 Apetece minha alma a fonte viva
No estio de amor, em sésta ardente;
Sequiosa se lança á gram corrente
Da fermosura que de vós deriva.
Cuidando de amansar a sêde estiva
Quanto mais de amor bebe é mais vehemente;
Nunca se acabará este accidente
Que arde amor na minha alma em cousa viva.
Não resiste ao ardor, nem se consumme,
Porque ella é immortal, elle benino;
N'elle deleita a dor, dá gosto a pena.
Se imagina passar raio divino
Deseja a alma abrasar-se no seu lume,
Tal é do que em si esconde o bem que acena.

D. Manoel de Portugal, *Obras*, fl. 199.

153 Ainda que o metal luzente e duro
tocado do divino vosso objeito
como raio vos torne o brando peito
de que Amor a ninguem quiz dar seguro;
Ainda que o pincel claro e escuro
tal semblante vos tenha contrafeito
que ficaes obrigada a vêr por feito
tudo o que elle obrar n'um peito puro;
E inda que em culto verso desornado
imitando em si vá a formosura
de que nasce, e a que é sacrificado;
Nem lustroso verso, nem pintura
poderá alcançar ser quotejado
ó que n'alma imprimiu vossa figura.

D. Manoel de Portugal (*Canc. Ms.* de L. Franco, fl. 240.)

154

Um firme coração posto em ventura,
Um desejar honesto que s'engeite
De vossa condição, sem que respeite
A meu tão puro amor, a fé tão pura:
Um vêr-vos de piedade e de brandura
Imagem sempre, faz-me que suspeite
Que alguma brava féra vos deu leite,
Ou que nasceste de uma pedra dura.
Ando buscando causa que desculpe
Crueza tão extranha; porem quanto
N'isso trabalho mais, mais me maltrata.
D'onde vem que não ha quem nos não culpe,
A vós, porque mataes quem vos quer tanto,
A mim, que tanto quero a quem me mata.

Bernardes, Soneto XX, das *Rimas Varias*. (Ed. 1780.)

A UMA DAMA, QUE LIA POR O LIVRO DE FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

155

Quem não louvará muito, em toda a hora
O Sá Miranda, nunca assás louvado,
D'engenho, estudo, estilo alto, apurado
E sobretudo tão ditoso agora?
Que é do puro alabastro, assim, senhora,
De vossas delicadas mãos tocado,
D'essa voz doce ora pronunciado,
No seio d'alva neve posto outr'ora?
Pyramides, sepulchros sumptuosos,
Edificios, que emfim, o tempo gasta,
Tanto sem fim não fazem sua memoria:
Quanto a luz d'esses olhos tão formosos,
Que graça e vida dar a tudo basta,
E a mim dão vida e morte, pena e gloria.

André Falcão de Resende, *Obras*, p. 87.

A SEU IRMÃO DIOGO BERNARDES

156

Do Lima, d'onde vim já despedido,
Cavar cá n'esta Serra a sepultura,
Não sinto que louvar possa brandura,
Sem me sentir turbar do meu sentido:
A lam, de que me vêm andar vestido
Torcendo em varias partes a costura,
Os pés, que nús se dão á pedra dura,
Não me deixam ouvir, nem ser ouvido.
O povo, cujo applauso recebeste
Vendo teu brando *Lima* dedicado
A princepe real, claro, excellente,
Louvará muito mais quanto escreveste;
De mim, meu caro irmão, menos louvado
Louva commigo a Deos eternamente.

Frei Agostinho da Cruz, Soneto XVI, Ed. 1781.

157 Aquelle claro sol, que me mostrava
O caminho do céo mais chão, mais certo,
E com seu novo raio, ao longe e ao perto
Toda a sombra mortal me affugentava;
Deixou a triste prisão em que cá estava,
Eu fiquei cego e só, co' passo incerto,
Perdido peregrino no deserto
A que faltou a guia que o levava.
Assi co' sprito triste, o juizo escuro,
Suas sanctas pisadas vou buscando,
Por valles e por campos e por montes.
Em toda a parte a vejo e a figuro.
Ella me toma a mão e vae guiando,
E meus olhos a seguem feitos fontes.

Dr. Antonio Ferreira, Son. V, liv. II.
Poemas lusitanos.

---

158 Despojo triste, corpo mal nascido,
Escura prisão minha, e peso grave,
Quando rôta a cadêa, e sôlta a chave,
Me verei de ti solto e bem remido?
Quando co' sprito prompto, aos céos erguido,
(Despois que esta alma em lagrimas bem lave)
Batendo as azas, como ligeira ave,
Irei aos céos buscar meu bem perdido?
Triste sombra mortal e van figura
Do que já fui, uns dias só sostida
D'aquelle sprito, por quem cá vivia;
Quem te detem n'esta prisão tão dura?
Não viste a clara luz, a santa guia
Que te lá chama á verdadeira vida?

Dr. Antonio Ferreira, Son. III, do liv. II. *Ib.*

NA ANTIGA LINGOA PORTUGUEZA

159 Vinha Amor pelo campo trebelhando
Com sa fremosa madre e sas donzellas;
El rindo, e cheo de ledice entre ellas,
Já de arco e de sas setas non curando.
Brioranja hi a sazom sia pensando
Na gram coita que ella ha, e vendo aquellas
Setas de Amor, filha em sa mão huã dellas,
E mete-a no arco, e vay-se andando.
Deshi volveu o rostro hu Amor sia,
Er, disse: Ay traidor, que me has fallido,
Eu prenderey de ti crua vendita.
Largou a mão, quedou Amor ferido,
E catando a sa sestra endoado grita:
Ay, mercê!—a Brioranja, que fugia.

Dr. Antonio Ferreira, Son. XXXV. Liv. II. *Ibid.*

---

160 Está o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando,
O verso sem medida, alegre e brando
Despedindo do rustico raminho.
O cruel caçador, que do caminho
Se vem calado e manso desviando,
Com prompta vista a seta endireitando
Lhe dá no estygio lago eterno ninho.
D'esta arte o coração que livre andava
(Posto que já de longe destinado)
Onde menos temia, foi ferido.
Porque o frecheiro cego me esperava,
Para que me tomasse descuidado
Em vossos claros olhos escondido.

Camões, Son. 30. *(Parnaso).*

161 Um mover d'olhos, brando e piedoso,
Sem vêr de que; um riso brando e honesto,
Quasi forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso.
Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravissimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso.
Um encolhido ousar; huma brandura;
Um medo sem ter culpa; um ár sereno;
Um longo e obediente soffrimento:
Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pode transformar meu pensamento.

Camões, Son. 30. *(Parnaso).*

---

162 Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no céo eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento ethereo, onde subiste
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da magoa, sem remedio, de perder-te;
Roga a Deos, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Camões, Son. 13, *Ibid.*

---

163 No mundo poucos annos e cansados
Vivi, cheios de vil miseria e dura;
Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
Que não vi cinco lustres acabados.
Corri terras e mares apartados
Buscando á vida algum remedio ou cura;
Mas aquillo que, emfim, não dá ventura,
Não o dão os trabalhos arriscados.
Criou-me Portugal na verde e cara
Patria minha Alemquer; mas ár corrupto
Que n'este meu terreno vaso tinha,
Me fez manjar de peixes em ti, bruto
Mar que bates a Abassia fera e brava,
Tão longe da ditosa patria minha.

Camões, Son. 103. *(Parnaso)*.

---

164 Erros meus, má Fortuna, amor ardente
Em minha perdição se coujuraram;
Os erros e a Fortuna sobejaram;
Que para mi bastava Amor sómente.
Tudo passei; mas tenho tão presente
A grande dor das cousas que passaram,
Que já as frequencias suas me ensinaram
A desejos deixar de ser contente.
Errei todo o discurso de meus annos;
Dei causa a que a fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.
De amor não vi senão breves enganos.
Oh quem tanto pudesse, que fartasse
Este meu duro Genio de vinganças.

Id., Son. 116.

---

165 Horas breves do meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha,
Em tão compridos annos de tormento.
As altas torres que fundei no vento,
Levou, emfim, o vento que as sustinha;
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre cousas vans fiz fundamento.
Amor com brandas mostras apparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura;
Mas logo no melhor desapparece.
Extranho mal, extranha desventura!
Por um pequeno bem que desfallece,
Um bem aventurar que sempre dura!

Camões, Son. 184 *(Parnaso.)*

SONETO COM ESTRAMBOTE

166 Tanto se foram, Nympha, costumando
Meus olhos a chorar tua dureza,
Que vão passando já por natureza
O que por accidente iam passando.
No que ao somno se deve estou velando,
E venho a velar só minha tristeza:
O choro não abranda esta aspereza,
E meus olhos estão sempre chorando.
Assi de dor em dor, de magoa em magoa,
Consummindo-se vão inutilmente,
E esta vida tambem vão consummindo.
Sobre o fogo do amor inutil agua!
Pois eu em chôro estou continuamente
E do que vou chorando te vás rindo;
Assi nova corrente
Levas do chôro era fôro;
Porque de ver-te rir, de novo choro.

Camões, Son. 223. *Ibid.*

*

167 Formoso Tejo meu, quão differente
Te vejo e vi, me vês agora e viste;
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente.
A ti, foi-te trocando a grossa enchente
A quem teu largo campo não resiste;
A mim trocou-me a vista em que consiste
Meu viver contente ou descontente.
Já que sômos no mal participantes,
Sejamol-o no bem; ah quem me dera
Que fossemos em tudo semelhantes.
Lá virá então a fresca primavera,
Tu tornarás a ser quem eras d'antes,
Eu não sei se serei quem d'antes era.

Camões, Son. 349. *(Parnaso).*

---

168 DO FRADE DA RAINHA

Quem podera dizer o que tem n'alma
Para desenganar em tudo a vida;
Mas não vejo ninguem que trate d'alma
Que todas as esperanças põe na vida.
O céo é o verdadeiro logar d'alma,
A' terra basta dar-lhe o corpo e a vida;
Pois não podem ter fim os males d'alma
E como sombra passam os bens da vida.
E se queremos vêr o preço da alma,
Vejamos que poz Deos por ella a vida,
Viveremos nós n'elle e elle em nossa alma.
O mundo he uma sombra vã que enleva a vida,
Quem n'elle está melhor tem peor alma,
E quem o desprezou tem alma e vida. (1)

Frei Paulo da Cruz. (Ms. da Academia.)

(1) Bibl. da Academia. 3 E. 1-4.

169 Entre as nuvens se esconde o pensamento
Corrido de se vêr qual eu me vi,
E pela gloria antiga me perdi
Me deixa hoje na pena o sentimento.
Armei rêdes no ár, ao leve vento,
Na areia semeêi, n'agua escrevi,
Edifiquei na ideia o que não cri,
Que mal se deixá crêr contentamento.
Pensamento cruel, deixa-mė em paz,
Que não querem meus olhos que te crêa;
A quem os não sonhar, teus bens publíca.
Que eu bem sei, quem de ti mais conta faz,
No ár, na areia, n'agua, na ideia
Arma, semêa, escreve e edifica.

Anonymo. (Ms. da Academia.)

---

170 D'onde achastes, senhora, esse ouro fino
D'essas tranças que Amor se enleva em vel-as?
Em que praia essas perolas tão bellas
Que descobris no riso peregrino?
Em que sereno céo o sol divino
Que co'os raios defende a vista d'ellas?
D'onde os finos rubis, que por entre ellas
Com tantas graças vêmos de contino?
Em que monte, lá do Indo até ao Douro,
A neve d'esse gesto delicado?
Em que espinho essas rosas tão formosas?
Mas quiz natura em vós fazer thezouro,
E assi poz, dama, em vós recopilado
Ouro, neve, rubis, sol, perlas, ouro.

Anonymo. (Ms. da Academia.)

---

171 Esses olhos, senhora, onde descança
O menino que as flexas d'ouro atira,
Esse cabello d'onde o sol inspira
Mil raios em que a vista cega e cansa;
E essas faces que a pura semelhança
Das bellas rosas tem, antes lh'a tira,
Essa bocca, que graças mil respira,
E onde um bem está que não se alcança;
Essa testa, que o sêr tem de ser vossa,
E d'onde Amor ordena cada hora
Viva e morra o desejo; mas que presta...
Não ha quem tanto bem merecer possa,
Eu me contento só com vêr, senhora,
Olhos, cabellos, faces, bocca, testa.

Anonymo, (Ms. da Academia.)

---

172 Fermosa Catherina, que dominas
Sobre minha vontade e pensamento,
Pois entendes a fé em meu tormento,
Porque com o não crêr me desatinas?
Sempre mais na crueza te refinas,
Indigna de teu alto entendimento,
Nem te prezas, cruel, de dár alento
A quem de amor tem dado mostras finas.
O que eu cuido, oh fera, n'este passo
He que com verdadeiro amor te ama
O mesmo Amor de teu amor rendido.
E por isso te deu animo escasso,
Porque tendo-te já por sua dama
Pretende elle só ser favorecido.

Anonymo, (Ms. da Academia.)

---

173 Em varias fórmas corre a fantasia
Por leves accidentes da vontade,
Magina e anda com velocidade
Do mundo as partes todas n'um só dia.
Vontade a leva pela solta via
De pensamentos, em que a liberdade
Sem deleites lhe dar na variedade,
Torna os cuidados em melenconia:
Assi se vae de hum mal a outros maiores,
Porque seguimos o que não devemos,
A desejos sugeitos e accidentes;
Largo caminho de tormento e dôres,
Que em roda viva d'asperos extremos
Nos deixam como em sonhos de doentes.

Pedro da Costa·Perestrello, *Obras*, pag. 85.

---

174 Oh tu, de puro amor, Deos, fonte pura!
O' paternal bondade mais que humana,
O' Deos, luz eternal e soberana,
Deos meu, nova e antiga formosura!
Não póde haver sem ti cousa segura,
Pois o seguro sêr de ti só mana;
Como está fóra de si, como se engana
Quem fóra de ti bem algum procura.
Sem ti caminha vago o pensamento,
Sem ti, para mór mal, e toda gloria,
Sem ti, coberto estou de escuridade;
Mas em ti, fixa está minha memoria,
Em ti repousa meu entendimento,
Em ti se satisfaz minha vontade.

Francisco Galvão. Ed. Caminha, p. 98.

---

175 Não era mortal cousa o seu passeio,
Espirava mais que humana magestade,
Prazer, graças, amor, felicidade,
D'altas riquezas um thesouro cheio.
Qual sae a Aurora do rosado seio,
Com justo passo abrindo a claridade,
Modestia altiva, honesta gravidade,
Que o céo nos representa d'onde veiu;
O celeste vigor que dentro anima
Transluz no concertado movimento,
Que até na menor parte corresponde:
Por taes pisadas sobe, e muito acima
N'outras graças se perde o pensamento,
E só me leva amor não sei por onde.

Bernardo Rodrigues. (Ap. edição de Rodrigues de Castro, p. 165.)

---

176 Ausente, pensativo, solitario,
Como se vos tivera ali presente,
Dou e tomo as razões ousadamente
Firme em amor, em pensamentos vario.
Quando venho ante vós, com temerario
Fervor, renovo n'alma juntamente
Quantos cuidados tive estando ausente,
Que tudo em tal aperto é necessario.
Uns aos outros se impedem na sahida
E querem commetter e não se abalam,
E vou para fallar e fico mudo.
Porém, meus olhos, minha côr perdida,
Meu pasmo, meu silencio por mim fallam,
E não dizendo nada, digo tudo.

Estevam Rodrigues de Castro, (Ed. Caminha, p. 150.)

177 Claros olhos azues, olhos formosos,
Que o lume d'estes meus escurecestes,
Olhos que o mesmo Amor d'amor vencestes
Com vivos raios sempre victoriosos;
Olhos serenos; olhos venturosos,
Que ser luz de tal gesto merecestes,
Ditosos em render quanto rendestes,
E em nunca ser rendidos mais ditosos.
Que morra eu por vos vêr, e que vos traga
Nas mininas dos meus perpetuamente
Cousa é que justamente Amor ordena;
Mas que de vós não tenha mais que a pena,
Com que Amor tanta fé tão mal me paga,
Nem o diz a rasão, nem o consente.

Fernão Rodrigues Lobo Sorapita (Ap. ed. de Rodrigues de Castro, 168.)

---

178 Como, se do céo és senhor superno,
Te vejo, immenso Deos, pobre menino?
Como te offende o frio, Rei benino,
Se tens dos elementos o governo?
Ou como o ventre te encerrou materno,
Se não comprehende o céo teu sêr divino?
Como choras, se cantam de contino
Anjos, com que dispensas gosto eterno?
Como, se és Verbo, tu, do Padre immenso
Me não fallas, senhor?—Como, se infante,
Maravilhas ao mundo já disseste?
Se és Deos, como te falta o sacro incenso?
Se homem, como t'o dão?—Ninguem se espante:
Que homem terreno sou, sou Deos celeste,

Fernão Alvares d'Oriente, *Lusitania transformada*, p. 163.

179 Se sois riqueza, como estaes despido?
Se Omnipotente, como desprezado?
Se rei, como de espinhos coroado?
Se forte, como estaes enfraquecido?
Se luz, como a luz tendes perdido?
Se sol divino, como ecclipsado?
Se Verbo, como é que estaes calado?
Se vida, como estaes amortecido?
Se Deos? estaes como homem n'essa cruz?
Se homem? como daes a um ladrão,
Com tão grande poder pósse dos céos?
Ah, que sois Deos e Homem, bom Jesus!
Morrendo por Adão em quanto Adão,
E redimindo Adão em quanto Deos.

Anonymo, (Ms. n.º 317, da Livr. da Universidade.)

180

Quem sou eu que assim vivo descuidado?
Quem sou eu, que não vivo arrependido?
Quem serei, que não ando apercebido?
Não sei aonde irei dar tão mal parado.
Fui quem não foi; do nada fui formado,
Sou quem não sou, sou nada conhecido;
Serei quem fôr a nada reduzido,
Que em fim lá vae parar todo o creado.
Sôpro fui, vento sou, e heide ser vento,
O sôpro é não; o vento cousa errada;
Mentira a vida, e nada o pensamento.
Em fim, que eu fosse sombra respirada,
Ou seja, ou venha a ser algum momento,
Nada fui, nada sou e heide ser nada.

Anonymo. (*Ibidem.*)

---

181 Querendo Amor tomar dura vingança
Da liberdade antiga que gosara,
E fazer-me comprar em dobro cara
A vida que passei entre bonança:
Poz-me o cuidado em aspera balança,
Pelo desejo de uma phenix rara,
E quando o pensamento a mais chegara,
Deixara-o de seguir minha esperança.
Mostrou-me huns olhos verdes socegados,
E por cima dois arcos victoriosos
De uma certa brandura acompanhados;
Mas achei seus effeitos rigorosos,
Que nunca de matar vivem cansados,
E tão duros me são quanto formosos.

Frei Bernardo de Brito, Soneto XVIII.
(Silvia de Lisardo.)

A UM IRMÃO AUSENTE

182 Dividiu o amor e a sorte esquiva
Em partes o sujeito em que moraes;
Este corpo tem preso onde faltaes,
Esta alma onde andaes anda cativa.
Contente na prisão, mas pensativa,
Porque este mal tão mal remediaes,
Que vós commigo lá solto vivaes,
E eu sem mim e sem vós cá preso viva.
Mas lograe d'esse bem quanto lograes,
Que eu como parte vossa o estou logrando
E sinto quanto gosto andares sentindo;
Cá folgo, porque sei que lá folgaes,
Porque minha alma logra imaginando
O que lograr não pode possuindo.

P. Balthazar Estaço, *Obras*, fl. 28.

CANÇÃO

183

Junto de um seco, duro, esteril monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vôa, ou féra dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido
E' Felix, por antiphrase infelice;
O qual a natureza
Situou junto á parte
Aonde um braço d'alto mar reparte
A Abassia da arábica aspereza,
Em que fundada foi já Berenice,
Ficando á parte d'onde
O sol, que n'ella ferve, se lhe esconde:
O Cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado;
Arómata, outro tempo; que volvendo
A roda, a rude lingua mal composta
Dos proprios outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta d'este braço,
Me trouxe um tempo e teve
Minha fera ventura.
Aqui, n'esta remota
Parte do mundo, quiz que a vida breve,
Tambem de si deixasse um breve espaço;
Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, máos e solitarios,
De trabalho, de dor e de ira cheios:
Não tendo tão sómente por contrarios

A' vida, o sol ardente, as aguas frias,
Os áres grossos, férvidos e feios,
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi,
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada e breve gloria,
Que eu já no mundo vi quando vivi,
Por me dobrar dos males a aspereza,
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas de alegria.
  Aqui 'stive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e vida; os quaes tão alto
Me subiam nas azas, que cahia
(Oh vede se seria léve o salto!)
De sonhados e vãos contentamentos
Em desesperação de vêr um dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros e em suspiros,
Que rompiam os áres.
Aqui a alma cativa,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dores rodeada e de prazeres,
Desamparada e descoberta aos tiros
Da soberba Fortuna,
Soberba, inexoravel e importuna.
  Não tinha parte d'onde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Um pouco reclinasse por descanso;
Tudo dor lhe era e causa, que padeça,
Mas que pereça não, porque passasse
O que quiz o destino nunca manso.
Oh que este irado mar gemendo amanso!
Estes ventos, da voz importunados,
Parece que se enfreiam:
Sómente o Céo severo,

As estrellas, e o fado sempre fero,
Com meu perpetuo dano se recreiam;
Mostrando-se potentes e indignados
Contra um corpo terreno,
Bicho da terra vil e tão pequeno.
Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que alguma hora
Lembrava a uns claros olhos que já vi;
As orelhas angelicas tocasse
D'àquella em cuja vista já vivi;
A qual, tornando um pouco sobre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados
De meus doces amores,
De meus suaves males e furores
Por ella padecidos e buscados,
E (posto que já tarde) piedosa,
Um pouco lhe pezasse,
E lá entre si por dura se julgasse!
Isto só, que soubesse, me seria
Descanso para a vida que me fica;
Com isto affagaria o soffrimento.
Ah senhora! Ah senhora! E que tão rica
Estaes, que eu cá tão longe de alegria,
Me sustentaes com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me juntam esperanças
Com que, a fronte tornada mais serena,
Torna os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.
Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram

Da parte d'onde estaes, por vós Senhora;
A's aves qu'alli voam, se vos viram?
Que fazieis? qu'estaveis praticando?
Onde? como? com quem? que dia e que hora?
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna e trabalho,
Só por tornar a vêr-vos,
Só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.
Aqui vivo, e se alguem te perguntasse,
Canção, porque não morro,
Podes-lhe responder: que porque morro.

Luiz de Camões, Canção IX. Ed. da *Actualidade.*

ELEGIA

184

Aquelle mover de olhos excellente
Aquelle vivo espirito inflammado,
Do crystalino rosto transparente;
Aquelle gesto immoto e repousado,
Que estando n'alma propriamente escripto
Não pode ser em verso trasladado;
Aquelle parecer, que he infinito
Para se comprehender de engenho humano;
O qual offendo em quanto tenho dito;
Tanto a inflammar-me vem d'um doce engano,
E tanto a engrandecer-me a phantasia,
Que não vi maior gloria que meu dano.
Oh bem aventurado seja o dia
Em que tomei tão doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia.

E bem aventurado o soffrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento.
Faça-me, quem me mata, o mal que ordena
Trate-me com enganos, desamores;
Que então me salva, quando me condena.
E se de tão suaves desfavores
Penando vive um'alma consummida,
Oh que doce penar, que doces dores.
E se uma condição endurecida
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh que doce morrer, que doce vida!
E se me mostra um gesto lindo, humano,
Como que de meu mal culpada se acha,
Oh que doce mentir! que doce engano.
E se em querer-lhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
O' que doce fingir, que doce cacha!
Assi que ponho já no soffrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.
Se sinto tanto bem só com a memoria,
De ver-vos, linda dama, vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa victoria?
Se tanto a vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para merecer-vos,
Que quero eu mais que ter-vos por senhora?
Se procede este bem de conhecer-vos
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
Se em meu proveito faz qualquer partido
Só na virtude de uns olhos tão serenos,
Que quero eu mais ganhar, que ser perdido?
Se emfim, os meus espritos de pequenos
A merecer não chegam seu tormento,
Que quero eu mais, que o mais não seja menos?

A causa, pois me esforça o soffrimento,
Porque, apezar do mal que me resiste,
De todos os trabalhos me contento;
Que a razão faz a pena alegre ou triste.

Camões, *Eleg.* IV. Ed. da Actual.

JERONYMO CORTE REAL A FRANCISCO DE SÁ,

CAPITÃO MÓR DA GUARDA DE EL-REI.

185

No tempo em que deixei aquelle estado,
Aquella vida livre e priguiçosa
Que o nosso entendimento traz atado,
Passando quantos termos a ociosa
Edade juvenil vae tropeçando,
Seguindo via occulta e tenebrosa,
Me recolhi no campo e fui deixando
O vão inutil tempo em que vivia
E ao estudo latino me fui dando.
Umas horas gostando da poesia,
Buscando as duras guerras do Troyano
E os naufragios do mar que padecia.
Buscava tudo o mais que o Mantuano
D'elle cantou com voz tão desusada,
Mostrando-nos o engenho mais que humano.
Outras lá nas estrellas enlevada
A fantasia tinha os cursos vendo
Dos planetas, e a ordem concertada
Com que operações grandes vão fazendo
Em todos os mortaes e os movimentos
Dos céos, que ao Creador obedecendo,
Vão por medidos pontos, por momentos
Edades consummindo, renovando,
Mostrando em casos graves mil portentos.

Outras vezes o tempo ia gastando
  Em ler segredos mil da natureza,
  Que manifesto a Deos estão mostrando.
Tratava dos agrestes a simpreza,
  O uso pastoril rudo e grosseiro,
  Tratava de suas almas a pureza.
Um amor via entre elles verdadeiro,
  Uma amisade facil, sem engano,
  Mui longe das que trata o lisongeiro.
Ali passava o mez, passava o anno
  Sem vêr o vulgo misero queixar-se,
  E sem saber de amigo a perda ou dano.
Nem via o mal para mais mal mudar-se,
  Ouvia só nas arvores frondosas
  Com o zefiro confuso um som formar-se.
Em verdes campos cheios de fermosas
  E odoriferas flores sempre andava,
  Ou por serras erguidas e fragosas.
A Actheon e a Cephalo imitava
  Seguindo a dura caça: ou na ribeira
  Tomar os brandos peixes procurava.
Passava a vida assim d'esta maneira
  Contente por me vêr em tal estado
  Na gloria cá no mundo verdadeira.
As mais que civis guerras no senado
  Por Cesar levantadas e movidas
  Contra o insigne genio celebrado,
Onde tanta nobreza e tantas vidas
  De valerosos homens se perderam
  E em pouco espaço foram destruidas;
Lia continuamente o que escreveram
  Salustio e Tito Livio apregoando
  As cousas que os Romãos então fizeram.
Estes Authores lendo fui cuidando
  Com quanta mais razão justo seria
  Dos nossos Portuguezes ir tratando;

Pois em batalhas mil se lhes devia
  Uma fama e um nome eterno ao mundo,
  E de Homero ou de Virgilio a poesia.
Este Cêrco que em Diu foi segundo
  Quiz escrever, assy como pudesse
  E o animo esforçado e furibundo.
Os fortes Capitães que o interesse
  Da honra só lhes fez obrar taes feitos
  Que cada um por Cesar se tivesse.
E dos outros fidalgos cujos peitos
  Ardendo em fogo de honra s'offereceram
  A' morte, sem ter mais outros respeitos.
Trabalhos escrevi que padeceram
  No discurso do Cerquo, e a famosa
  Batalha que depois alli venceram.
De minha propria mão a bellicosa
  Historia debuxei, e aquelle honrado
  Castigo que fez vista piadosa.
Não mais outro interesse pretendendo
  Que acudir ao que se ia já apagando
  E já quasi de todo escurecendo,
Me fez n'este tratado ir empregando
  O rudo e fraquo engenho a noite e o dia
  O divino favor só invocando.
Quebrantada e opprimida a fantasia
  Mil vezes intentei atraz tornar-me
  E emfim alçar a mão do que escrevia.
Mas logo ali sentia castigar-me
  Com dura reprensão e um pungimento
  Não deixava ja mais de atormentar-me.
Mostrava-me o ligeiro pensamento
  Estando quasi todo transportado
  Mil phantasticas formas n'um momento.
Na erva fresca e flava reclinado
  Oo longo de um ribeiro sonoroso,
  De alemos e freixos assombrado,

*

Estava sendo entrado o gracioso
Tempo em que Filomena mais sentida
Se mostrava do cunhado rigoroso.
Os olhos tinha promptos na corrida,
No rumor surdo e brando da agua pura
Que ali por pedras vinha repartida.
Quando do claro Deliõ a formosura
Já nas inchadas ondas se escondia
E a noite se chegava quasi escura.
O rustico pastor já recolhia
O vagaroso gado, e lá no Oriente
A filha de Latona aparecia,
Erguendo-se da terra mansamente
Com prateados raios caminhava
Para as partes remotas do Occidente.
Ali o meu pensamento me mostrava
Os trabalhos de Diu, e os perigos
Do Cerquo que escrever determinava.
Vi soberbos e fortes inimigos
Mostrar-se poderosos aos cerquados,
E vi morrer ali muitos amigos.
A muitos d'elles via traspassados.
Aquellas vivas côres já perdidas,
Com sangue negro já desfigurados.
Bradando me mostravam as feridas,
As entranhas abertas, n'esta brava
Batalha, em cem mil partes recebidas.
De proseguir tal obra duvidava
Quando a meu parecer um homem vi
O qual d'esta maneira me falava:
—Dize-me, que duvídas? vês aqui
Varões tão sinalados que morreram
Sem d'elles já memoria haver aí.
Verás mortes crueis que receberam
Por defender a Fé, a Patria honrando,
Verás feitos heroicos que fizeram.—

Os olhos onde o vira levantando
  E lançados, um corpo vi aberto
  Grandes rios de sangue derramando.
Vi o rostro já defunto descoberto,
  Foi de mi conhecido e alegrei-me
  Despois que se chegou a mi mais perto.
Do grande sobresalto assegurei-me,
  Mas de o vêr vir assi tão maltratado
  Com feridas tão frescas espantei-me.
Dom Francisco d'Almeida, nomeado
  No mundo com rezão, este é o que digo
  Este é o valeroso e esforçado.
Este é o que no exercito inimigo
  Faz mil males e damnos, sempre dando
  Aos Mouros crudelissimo castigo.
Este é o que os annos sempre foi passando
  Em guerras perigosas e alcançava
  Immortal fama n'ellas pelejando.
A voz d'este varão me despertava
  O nome d'elle vi que bem merece
  Sobir ao céo que Marte dominava.
Vi que a virtude d'este resplandece
  Por toda a redondeza e glorioso
  Gosa d'aquelle ao qual tudo obedece.
N'aquelle fero assalto impetuoso
  A morte se rendeu tendo já feito
  Seu estrago nos Turcos espantoso.
Dom Johão Manoel ali mostrava o peito
  Onde tanta virtude se encerrava
  Com lançadas, com golpes já desfeito.
Cosmo de Pina vi que pelejava
  Com coração robusto e ousadia
  E a vida pela honra ali entregava.
Vi Atropos rigorosa em triste dia
  Cortar a *Dom Fernando* os tenros annos,
  Mas o nome ao mais alto céo sobia.

Vi outros mil notaveis varios damnos,
  A morte tão sentida e lamentada
  D'aquelle, um dos mais fortes Luzitanos.
Este era *Dom Francisco* cuja espada
  Dos Turcos foi temida, o apellido
  Dos antigos *Menezes* só chamada.
No baluarte minado vi ardido
  Dom João d'Almeida dino de louvores,
  O corpo (não o nome) consummido.
E vós *Jorge de Sousa* entre os milhores
  Contado por hum d'elles, traspassado
  De lançadas e golpes os maiores.
Vi de *Tristão de Sá* desfigurado
  Aquelle gentil rostro que sabia
  Mostrar-se entre outros mil aventajado.
Após estes logo aí me parecia
  De famosos varões em largo bando
  Uma mui generosa companhia.
Vi que todos se andavam revolçando
  Pela sangrenta terra e a memoria
  D'ellas que se ia já quasi acabando.
Vi outros que inda vivem, cuja historia
  Por toda a redondeza bem merece
  Ser celebrada com triumpho e gloria.
Vi *Dom Johão Mascarenhas,* que enriquece
  O nome lusitano e o levanta
  Ao qual fortuna e fado favorece.
As cousas d'elle vi que nos espanta
  Aquelle estreito Cerquo perigoso
  No qual honra ganhou e fama tanta.
Aquelles mil combates que animoso
  Resistiu e venceu e a derradeira
  Batalha, onde ficou victorioso,
Vi-lhe levar ali a dianteira
  Mostrando grão valia e braço forte
  Vi que os Turcos lhe dão larga carreira;

Passar vi muitos d'estes crua morte
  Aos peis d'este varão tão excellente
  O' estrella ditosa e rara sorte.
Tambem me offerecia juntamente
  Aquelle *Dom Manoel de Lima* ousado
  Aquelle que venceu a tanta gente.
Aquelle que de louro coroado
  Merece que triumphos mui bravosos
  Ser como Pompeo e Cesar memorado.
Aquelle que com mil fogos espantosos
  Cidades abrazou na fertil terra
  Que os Mouros fez ficar d'elle medrosos;
Aquelle que em Cambaya tanta guerra
  E tanto estrago fez como he sabido,
  Aquelle que em si valor e honra encerra.
A *Dom Alvaro de Crasto* vi metido
  No meio de um grão golpho procelloso
  Pera ser d'elle Diu socorrida;
Mil vezes alagado de um furioso
  Embravecido vento atraz tornava
  Da ventura amostrando-se queixoso,
Vi que as soberbas ondas constratava
  Lutando ali com ellas as vencia,
  E em Diu quasi só desembarcava.
Lourenço Pires vi cuja valia
  Os Tavoras antigos illustrava,
  E a insigue prosapia enobrecia.
Aos fortes sarracenos assombrava
  O esforço e conselho tão prudente
  D'este heroe valeroso que alcançava.
De Helicon e Parnaso juntamente
  Segredos milagrosos e escondidos
  Pela mór parte são á mais da gente;
Na guerra casos mil encarecidos
  Lhe concedeu Bellona, e em Sciencia
  Minerva o assentou entre escolhidos.

Vi Dom Pedro d'Almeida em competencia
Pelejando imitar os mais ousados
Fazendo aos mouros grande resistencia.
Não tendo ainda então bem acabados
Dezoito annos no assalto tão violento
Os annos tenros bem afortunados.
Mostrava-me tambem o pensamento
A *Bastião de Sá* muito ferido
Em honra só fazendo fundamento.
Mostrava-se ousado e atrevido,
Mostrava o grão valor de sangue puro
Enobrecia o seu nobre apellido.
Com esforço, com animo seguro
Dissimulando a dor acerba e fera
Defendia o aberto e roto muro.
Este e outros mil feitos que fizera
Durando aquel' duro Cerquo mereciam
Que este meu Livro só d'elle escrevera.
As cousas sinaladas que faziam
Aquelles dous valentes cavalleiros
Que aos Romanos antigos precediam;
Estes dous eram sempre dos primeiros
Que a vida pela honra aventurando
Se arriscaram a perigos verdadeiros.
Dom Jorge um d'elles he que pelejando
Mostra aver sempre n'elle alta bondade
Muitos e grandes feitos acabando.
N'este Livro verás a calidade
D'este gentil mancebo a valentia
Destruindo Barache em tal edade.
O outro que com este apparecia
Antonio Moniz era, que bradava
Ah não deixeis tal obra assi tão fria.
Grandes cousas notaveis d'elle achava,
Dignas de se escreverem em pedra dura,
E a este a India mil louvores dava.

Divido e justo é que na futura
  Edade se apressem, não ficando
  O que um tal homem fez em sombra escura.
Vi que vinha rompendo e assombrando
  Um conflicto naval, e transparente
  Remedio onde Neptuno tem seu mando;
Vi bem armada, e destra e forte gente
  Em fustas, galeões, galés ligeiras
  E vi um Capitão n'ellas potente.
Dobrando os remos abrem mil carreiras
  Pelo mar alterado e turbulento
  Com ricos estandartes e bandeiras.
Levam velas inchadas com bom vento,
  De branca, espessa espuma rodeados
  Em numero eram dez, menos de cento.
Todos com grossos tiros vão armados
  Passando umas por outras á porfia
  Com mil gritos nos ares levantados.
O Viso Rei aqui me apparecia
  Desejando já ver-se dentro em Dio
  Onde grande victoria pretendia.
Onde aquelle soberbo rei gentio
  Perdeu capitães grandes, perdeu gentes,
  Perdeu artelharia e senhorio.
Tudo isto o pensamento ali presente
  Continuo me trazia estimulando
  Ao meu espirito seu fervor impaciente.
Que estas imagens todas vinham dando
  Gritos me parecia, que se queixavam
  De mi porque me ia descuidando.
A honra e fama da patria apresentavam,
  Venceram-me com isto, e não sabiam,
  Que escolhendo-me a mi não acertavam.
Trabalhei por fazer o que pediam,
  Em fraco estylo, rudo, escurecido,
  Mas assi n'elle vae o que queriam.

A ti, que no mais alto estás subido,
Do Parnaso, e das Musas tens mais partes
E de todos és tão favorecido,
A ti, que tal prudencia, engenho e arte
Animo valeroso e esforçado
Ambos Deoses te dão Apollo e Marte;
Peço com diligencia e com cuidado
Queiras ver este Livro que escrevi,
Que a mi tanto trabalho tem custado;
E peço-te que emendes o que aí
Desnecessario fôr e mal polido,
E sabendo-se que o viste, e já de ti
Vem, será de todos recebido. (1)

D. PEDRO OUVE A NOVA DO ASSASSINATO DE INEZ DE CASTRO

186

MESSAGEIRO: Oh, triste nova, triste mensageiro
Tens ante ti, senhor.
IFFANTE: Que novas trazes?
MESS: Novas crueis! cruel sou contra ti,
Pois me atrevi trazel-as. Mas primeiro
Socega teu sprito, e n'elle finge
A mór desaventura, que te agora
Podia acontecer; que gram remedio
E' ter o sprito armado á má fortuna.
IFF: Tens-me suspenso. Conta; que accrecentas
O mal com a tardança.
MESS: E' morta Dona Inez, que tanto amavas.
IFF: Oh Deos, oh céos! que contas? que me dizes?
MESS: De morte tão cruel, que é nova magoa
Contar-t'a; não me atrevo.

(1) Canc. de Luiz Franco, fl. 55 a 69 x.

IFF: E' morta?
MESS: Si.
IFF: Quem m'a matou?
MESS: Teu pay, com gente armada,
Foy hoje salteal-a. A innocente
Que tão segura estava, não fugiu;
Não lhe valeu o amor com que te amava;
Não teus filhos com quem se defendia;
Não aquella innocencia e piadade
Com que pediu perdão aos pés lançada
D'el-rei, teu pay, que teve tanta força
Que lh'o deu já chorando. Mas aquelles
Crueis ministros seus e Conselheiros
Contr'aquelle perdão tão merecido
Arrancando as espadas se vão a ella
Traspassando-lhe os peitos cruelmente.
Abraçada cos filhos a mataram,
Que inda ficaram tintos do seu sangue.
IFF: Que direy? que farei? que clamarey?
Oh fortuna! oh crueza! oh mal tamanho!
Oh minha D. Inez! oh alma minha
Morta m'és tu? morte houve tão ousada
Que contra ti pudesse? Ouço-o e vivo?
Eu vivo e tu és morta? Oh morte crua,
Morte cega, matas-te minha vida,
E não me vejo morto? abra-se a terra,
Sorva-me n'um momento; rompa-se alma
Aparte-se de um corpo tão pezado
Que m'a detem por força.
Ah minha D. Inez, ah, ah, minha alma!
. . . .
MESS: Senhor, pera chorar fica assaz tempo;
Mas lagrimas que fazem contra a morte?
Vae vêr aquelle corpo; vae fazer-lhe
As honras que lhe deves.
IFF: Tristes honras!

Outras honras, senhora, te guardava
Outras se te deviam. Oh triste, triste!
Enganado, nascido em cruel signo,
Quem m'enganou? ah cego, que não cria
Aquellas ameaças! mas quem crêra
Que tal podia ser?
Como poderei vêr aquelles olhos
Cerrados para sempre? como aquelles
Cabellos, já não de ouro, mas de sangue?
Aquellas mãos tão frias e tão negras,
Que antes via tão alvas e fermosas?
Aquelles brancos peitos traspassados
De golpes tão crueis? aquelle corpo
Que tantas vezes tive nos meus braços
Vivo, e fermoso, como morto agora,
E frio o posso vêr.

. . . .

Já me não amas? já não te hei-de vêr?
Já te não posso achar em toda a terra?
Chorem meu mal commigo quantos me ouvem.
Chorem as pedras duras, pois nos homens
Se achou tanta crueza......

. . . .

Eu te matei senhora, eu te matei.
Com morte te paguei o meu amor.
Mas eu me matarey mais cruelmente
Do que te a ti mataram se não vingo
Com novas crueldades tua morte.
Par'isto me dê Deos sómente vida.
Abra eu com minhas mãos aquelles peitos;
Arranque d'elles uns corações feros
Que tal crueza ousaram: entam acabe.

Dr. Antonio Ferreira, *Castro*, act. V.

SECÇÃO 3.ª

ESCHOLA DA MEDIDA VELHA

I GENERO EPICO: a) *Tradicional.* 187. Romance historico. b) *Litterario.* 188. Romance subjectivo.

II GENERO LYRICO: *Litterario.* 189. Endechas—190. Cantiga glosada—191. Romance lyrico—192. Carta—193. Trovas allegoricas.

III GENERO DRAMATICO: *Litterario.* 194. Dialogo.

ROMANCE DA BATALHA DE LEPANTO

(VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE)

187 Sua alteza, a quem Deos guarde,
Aviso mandou ao mar,
Que se apparelhasse o Conde
Para uma manhã largar.
O Conde se apparelhou
De uma maneira tão bella!
Pela meia noute em ponto
Atirou peça de leva.
As lagrimas eram tantas
Em riba d'aquelle caes;
Choram as mães pelos filhos
Que vão para nunca mais.
Chegando a dita Náo,
Ouviram grandes terrores,
Eram mestre e contra-mestre
Amostrando os seus valores.
Oh que rico Commandante
Leva esta real fragata,
Tocando novos apitos
Encastoados em prata;
Oh que rico Commandante
Leva este real thezouro;
Tocando novos apitos
Encastoados em ouro.

Caminhava Dom João
Na sua viagem seguida;
Era meio dia em ponto
Mandou gageiro acima.
O gageiro subiu logo
Para vêr que descobria,

O gageiro lá de cima
Em altas vozes dizia:

«Safa, safa Dom João,
Safa a tua artilheria,
Que aqui vem tamanha Armada
Que o sol e a lua encobria.

Dentro da mesma Armada
Um renegado vinha;
Empenhando as suas barbas,
Dom João lh'o pagaria!
Dom João que tal ouvira
De tristeza se cobria;
Pega em Jesus nos seus braços,
De pôpa á prôa corria:

—Sondes neto de Sant'Anna,
Filho da Virgem Maria;
Não permittaes vós, Senhor,
De eu acabar em Turquia!
Não permittaes que os Mouros
Se encham de phantazia.
Não quaeiraes que os vossos filhos
Se encham de covardia.

Chegou a Armada uma á outra
Em pino do meio dia;
A fumaria era tanta
Nem uns, nem outros se viam.
Bala que Dom João botava
Era de ferro, rendia;
Bala que elles deitavam
Tornava-se em mosquetaria.
A sangreira era tanta
Que p'los embornaes corria.

Era tanta a gente morta,
Os navios empeçariam.
De setecentos e outenta
Só uma galera havia;
Com os seus mastros quebrados
O seu gorupés rendido.
Com a bandeira de rastos
P'ra desprezo da Turquia.
Chegando á sua terra
Ancoram em francaria;
O rei seu que o ouvira,
Pergunta que succedía?

«Foi o Dom João da Armada,
Que a todos meteu a pique.

O rei lhe respondeu:

—«Não se me dá dos navios,
Eu outros melhores faria;
Dá-se-me da minha gente,
Que era a flor da Turquia.
Quem venceu esta batalha,
Que era de tanta valia?
«Foi o Dom João da Armada
Que era o rei da valentia.

Cantos populares do Archipelago açoriano, n.º 46.

ROMANCE SUBJECTIVO

188 Cobertas de espessa nevoa
As claras aguas do Tejo,
A' força do remo duro
Abriam caminho estreito.

Por divertir um cuidado
Ajudava aos marinheiros,
Revesando-me ao trabalho,
Como se não fora isento.
Mas como sempre acha um triste
O mal no mesmo remedio,
A cada pancada na agua
Me soavam n'alma cento.
Mas tinha esta differença
Que feria n'agua o remo,
E á pancada do cuidado
Brotavam as aguas de dentro.
—Ai duro remo, dizia,
Meu alivio e refrigerio,
Acho-te já tam pesado
Que não posso com teu peso.
Mas este trabalho teu
E' descanço e passatempo,
Que quando quero deixar-te
Sem me forçarem te deixo.
Mas este cuidado meu
Que tanto me traz sujeito,
Como o largarei das mãos
Pois que dentro d'alma o tenho;
E é cuidado de tal sorte
Que me aferrolha ao tormento,
E se remo em leve barco
Me faz da galé remeiro,
E se algum pouco surdiria
Animara o soffrimento,
Mas remando noite e dia
Acabo d'onde começo.
Em tudo te acho mais brando,
Que este cuidado que levo;
Levas-me pela agua abaixo,
N'alma contra agua navego.

Mas ai que canso, e largar-te
Quero, triste companheiro,
Que se este outro me persegue
E' porque lhe fujo a remo.
N'isto a nevoa se desfaz,
Salta o rio, fica o vento,
Colhem remos, largam vela,
E correm com novo tempo.

Variante.

Anda na mór calma o mundo,
De espessa nevoa cuberto;
E quando se abre caminho
Abre-se caminho estreito.
Traz um cuidado após outro,
Todos sômos marinheiros;
Que nenhum dos que navegam
Está do trabalho isempto.
Traz nós confusos e tristes
Os males não tem remedio,
E quando um remedio vem
Vem remedio para cento.
Inda que haja differença
A cada qual dá seu remo;
A uns dá fóra a pancada,
A outros a pancada dentro.
Transtorna muda e varía
'Num momento o refrigerio;
A balança agora leve
Já vae abaixo com o pezo.
E tão cego, mudo estou
Com um só falso passatempo,
Que vendo que é bem deixar-te
Não sei como te não deixo.
Tão mal me tens costumado,

Tanto me fazes sujeito,
Que para fugir de ti
Nem modo, nem forças tenho;
Que se suspeitas que fujo,
Metes-me logo a tormento,
Guardas-me aferrolhado
Como de galé remeiro.
Com um véo me cobres os olhos
Porque anime o soffrimento,
E trazes-me em roda viva
Que acabo donde começo.
Como um Sisypho me tratas,
Nem menos trabalho levo,
E se vou pela agua abaixo
Logo contra agua navego,
Mostras-me á vista o prazer,
Dás-me o mal por companheiro,
E do porto do meu bem
Me mandas fugir a remo.
Se esta nevoa se desfaz,
E do céo me sópra o vento,
Largarei remos e vela,
E correrá novo tempo.

Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco, ***Disc. sobre a Vida de Santa Isabel e outras varias Rimas,*** **p. 135 e 136. Ed. 1597.**

ENDECHAS A UMA CATIVA, COM QUEM ANDAVA DE AMORES NA INDIA, CHAMADA BARBORA

189 Aquella cativa,
Que me tem cativo,
Porque n'ella vivo
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves molhos,

Que para meus olhos
Fosse mais formosa.
  Nem no campo flores,
Nem no céo estrellas
Me parecem bellas
Como os meus amores:
Rosto singular,
Olhos socegados,
Pretos e cansados,
Mas não de matar.
  Uma graça viva
Que n'elles lhe mora,
Para ser senhora
De quem é cativa.
Pretos os cabellos,
Onde o povo vão
Perde opinião,
Que os louros são bellos.
  Pretidão de Amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocara a côr.
Leda mansidão,
Que o siso acompanha
Bem parece extranha,
Mas barbara não.
  Presença serena,
Que a tormenta amansa;
Nella emfim descansa
Toda minha pena.
Esta he a cativa
Que me tem cativo;
E pois n'ella vivo
E' força que viva.

Camões, *Redondilhas*, p. 88. Ed. *Actual*.

CANTIGA ALHEIA

190 Na fonte está Leonor
Lavando a talha e chorando,
A's amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

Voltas

Posto o pensamento n'elle,
Porque a tudo o Amor obriga,
Cantava, mas a cantiga
Eram suspiros por elle.
N'isto estava Leonor
O seu desejo enganando,
A's amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?
O rosto sobre uma mão,
Os olhos no chão pregados,
Que de chorar já cansados
Algum descanso lhe dão;
D'esta sorte Leonor
Suspende de quando em quando
Sua dor; e em si tornando,
Mais pezada sente a dor.
Não deita dos olhos agua
Que não quer que a dor se abrande
Amor, porque em magua grande
Secca as lagrimas a mágoa.
Despois que do seu amor
Soube novas perguntando,
De improviso a vi chorando.
Olhae que extremos de dor.

Camões, *Redondilhas*, p. 145. Ed. da *Actual*.

ROMANCE LYRICO

191 Onde acharei soffrimento
pera vida tão penada?
Não me deixa meu tormento
com a dor desesperada;
tem-me feito tanto dano,
que me tem a alma chagada;
no meio do coração
tristeza apousentada;
não lhe posso fogir, nam,
que commigo vay pegada;
tem-me as potencias somadas,
que me não servem de nada;
nenhuma cousa de gosto
em mim pode ter entrada;
se alguma hora prazer vejo
faz-me ser mais enojada;
mil gritos dam meus sentidos
quando eu estou calada.

D. Joanna da Gama, *Ditos da Freira*, p. 101.

CARTA

QUE SE ACHOU ENTRE OS PAPEIS DE JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS

192 Quem sem remedio padece,
O remedio é soffrimento,
E este vence o tormento
Que ora assi ora assi crece.
Onde a sem rasão florece
A rasão fica sem flor,
Triste de quem tem a dor,
Que lhe negam, se merece.

Quem fez emprego da vida
E não segurou ventura,
Por tempo a magoa segura
Com esperança perdida;
Justiça não é ouvida,
O clamor é no deserto,
E o remedio mais certo
E' ter na morte a guarida.

Mais se queixa o mais culpado,
Geme entre si o innocente,
E dá mui pouco e contente
Por quem vive magoado:
Tudo o que foi já estimado
Perdeu n'este tempo o preço,
A quem entendo aborreço,
Se engano, sou enganado, etc.

Ap. *Aulegraphia*, fl. 178. (São 43 estrophes.)

TROVAS DO MOLEYRO

NOVAMENTE FEITAS POR TREZ AUTHORES MUITO GRAVES, EM QUE SE CONTAM CANSEIRAS E TRABALHOS, QUE PASSOU COM SEU QUERIDO PELOTE:

193 Já furtaram ao Moleyro
seu pelote domingueiro.

Se a quantos zombam furtassem
a cada um seu pelote,
seguro que não zombassem
como se zomba de cote;
Vêr-se o Moleyro enchiote,
vede se terá marteyro
de se vêr sem domingueiro.

Já não he quem ser soia,
já não tem contentamento;
sente tanto o seu tormento,
que não quer mais alegria:
ninguem faça zombaria
pois é certo que ao Moleyro
furtaram o domingueiro.

Marcos Fernandes sapateiro
natural de Monte-Mór,
morador no Limoeiro
fez este ao seu amor,
por manifestar a dor
que tinha este Moleyro
do pelote domingueiro.

Bem sei que se fazem trovas
a este nobre Moleyro,
mas ninguem lhe dá dinheiro
para umas botas novas;
folgavam algumas cachopas
quando viam o moleyro
com pelote domingueiro.

Furtaram-lhe um pelote
que chegou a trez tostões
já não falo nos botões,
que eram de pano mui forte;
um debrum de chamalote
tinha um quarto dianteiro
o pelote domingueiro.

Andava já tão ufano
com o pelote azul ferrete,
que trez vezes só no anno
o vestia com barrete;

pregava-lhe um alfinete
n'esse quarto dianteiro
do pelote domingueiro.

Guarnece-o de maquias
que ganhava no moinho;
e deixou de beber vinho
um anno e mais trez dias;
levou muitas noutes frias
por ganhar este dinheiro
do pelote domingueiro.

Duas moças namorava
e ambas eram formosas,
senam que as fez golosas,
com os mimos que lhe dava.
Vinham cada madrugada
preguntar pelo Moleyro
do pelote domingueiro.

Folguei de as vèr andar
um domingo que faltou,
a nenhum visinho ficou
que não fosse perguntar.
Nunca poderam achar
nova alguma do Moleyro
do pelote domingueiro

Uma ataca encarnada
levava na dianteira,
que lhe deu uma padeira
que chamavam Branca Honrada;
sempre lhe dava arvorada,
d'esta se présa o Moleyro
do pelote domingueiro.

Os lenços que ella trazia
apertados na cabeça
mandou-lh'os com grande pressa
esta dama que servia;
tomava muita alegria,
quando via o seu Moleyro
com o pelote domingueiro.

D'este trigo do Alemtejo
duas vezes maquiava,
todo o mundo se queixava,
de ratinho tam sobejo;
tinha mui grande desejo
de juntar tanto dinheiro
pera outro domingueiro.

Pois vêl-o tomar amores,
com a filha de seu amo,
mas passou-se mais de um anno
que lhe não mostrou favores;
soffria infinitas dores
até que juntou dinheiro
para um rico domingueiro.

Cada festa se vestia
um pelote de mil côres,
até que alcançou favores
com cousas que lhe offerecia.
Continuamente dizia
que ajuntava dinheiro
para outro domingueiro.

Mui galante á maravilha,
era gentil namorado,
com pelote debruado
se foi morar a Sevilha;

de lá trouxe uma mantilha
pera a filha do Moleyro,
e para si um domingueiro.

Outras por ANTONIO LEITÃO:

Já furtaram o pelote
com que todos assombrava,
e as damas namorava
mostrando-se Lançarote;
nem de festa, nem de cote
já não terá o Moleyro
tal pelote domingueiro.

No descuido tão sobejo
já não deve ser culpado,
pois o seu grande desejo
o traz tão embaraçado;
andava tão transportado
o mofino do Moleyro
que perdeu o domingueiro.

Entre si o vi fallar
o que dizia não sei,
somente o que lhe notei
foi no muito suspirar;
quasi que o vi chorar
queixando-se ao companheiro
já não tenho domingueiro.

Dizia mui magoado
já não sinto o que perdi;
mas sinto vêres-me assi
andar tam esfarrapado.

Nam quero ser namorado
dizia o triste Moleyro
pois perdi tal domingueiro.

A dor d'aqueste mesquinho
a muitos nos magoava;
e a elle lhe causava
a senhora do moinho;
nam lhe dava do visinho
nem mesmo do companheiro
com perda do domingueiro.

Muitos dizem que frisado
era o querido pelote;
mas para tam nomeado
era de mui baixa sorte;
eu creio que outro mal forte
foi o d'aquelle Moleyro
e não só do domingueiro.

Moleyro d'esta feição
não se vê em toda a parte,
porque sua opinião
traz comsigo amor que farte.
Moleyro que é de tal arte
não lhe faltará dinheiro
para outro domingueiro.

A perda não é de sorte
que seja tão nomeada;
que elle não se lhe dá nada
da perda do seu pelote;
o mal que tem é tão forte
que não sente o dinheiro
que custou o domingueiro.

Já o pelote frisado
que comprou no pelourinho,
já apanhou seu caminho
não sendo meio usado;
de catasol debuxado
olhay se terá marteyro
vendo-se sem domingueiro.

Este pelote frisado
era de tão fino pano,
que lhe durou mais de um anno
e o comprou já usado;
andava tão entonado
que parecia escudeiro
quando punha o domingueiro.

Tinha em a dianteira
quinze ou vinte botões;
tamanhos como tostões
ou como farteis da Beira;
namorava uma padeira,
dizia-lhe: tem dinheiro
quem merca tal domingueiro.

Tinha dois ilhós de linhas
pespontados no colar;
e por mais graça lhe dar
pela centura bainhas;
gostava quando as visinhas
diziam: Com bem, Moleyro,
rompeis esse domingueiro.

Quando lhe assim falava,
de recacho respondia,
tinha tanta fantezia
que a todos enfadava;

tam de ligeiro passeava
que luvas e o sombreiro
tinha com o domingueiro.

Huma moça namorava
e esta vendia pão;
soltava tanto o galão,
que o pelote lhe mostrava;
fingia que o limpava,
pôr que vissem que o Moleyro
vestisse tal domingueiro.

Outros dizem não ser tal
como se sôa o pelote,
dizem que para decote
servia já muito mal;
porem com seu bem ou mal
o quizera o Moleyro,
pois ficou sem domingueiro.

Repara qual ficaria
vendo o pelote furtado;
o meu pelote frisado
então com isso grunhia;
e se outra cousa dizia
sempre acabava o Moleyro:
Já não tenho domingueiro.

Não é justo que folguemos
sabendo que lhe levaram
um pelote, ou lhe furtaram
e dar-lhe outro não podemos.
E' mui bem que faça extremos
o coytádo do Moleyro
pois perdeu o domingueiro.

Outro por LUIS BROCHADO:

Depois de já ver furtado
pelote de tal valia,
o Moleyro se carpia,
como se traz por ditado:
andava desesperado
buscando o ladrão arteyro
que furtou o domingueiro.

Por enculcas perguntava
se lh'o vira algum furtar
e n'isto veiu a topar
quem lhe certas novas dava;
já lhe disseram que estava
entre o cisco de um palheiro
seu pelote domingueiro.

Foi-se á Praça da Palha,
cuidando ser isto assim;
mas não pode achar ali;
quem lhe socorra nem valha;
foi tudo mentira e falha,
tornou como malhadeyro
sem achar o domingueiro.

Des que se viu tão corrido
tomou isto mais a peito;
dizendo: Per força ou geito
ei-de topar meu vestido;
foi-se á feira escondido,
olhando mui sorrateiro
se via o domingueiro.

Nem cessa de rodear
as aljabebas honradas,
que estavam bem descuidadas
do que podia buscar;
mas elle sem buquejar
trazia o olho rasteiro
buscando seu domingueiro.

Descobrindo e revolvendo
fingia ser comprador;
dava voltas de redor
as tendas todas correndo;
andava preços fazendo,
mas o seu fim verdadeiro
era achar o domingueiro.

Entre si mui affligido
se chamava mui mofino,
pois seu pelote tam fino
devia estar escondido;
temia ser já vendido
do aljabebe ou roupeiro
seu pelote domingueiro.

Quando seus olhos alçava
e tantos vestidos via,
mui depressa arremetia
cuidando que já achava;
em a cor se lhe antejava,
ser de flor de pecegueiro
que tinha o seu domingueiro.

O ratinho não curando
de ouvir nenhuma razão
apertou rijo a mão,
seu pelote arrecadando;

o algibebe puxando,
por lhe custar seu dinheiro
fez rasgar o domingueiro.

Ficou todo esfarrapado
pela manga e cabeção,
seu quarto cada um na mão
por muitas partes rasgado;
o Moleyro espantado
do amo e mais do obreiro
por amor do domingueiro.

Gritava: A que del-rei,
mas não lhe aproveitou nada,
por ser muita a bofetada
dos d'aquelle officio e ley.
Ajuntou-se uma grey
de gente com um quadrilheiro
para ver o domingueiro.

Tomou logo testemunhas
do furto do seu pelote;
mas foi-lhe mal n'esta sorte
pelo não levar nas unhas;
fez duzentas caramunhas
por ir chamar um porteyro
para haver seu domingueiro.

Vendo-se em tanto aperto
o algibebe manhoso,
viu ser-lhe mais proveitoso
fazer n'isto algum concerto;
prometteu de lhe dar certo
um tostão todo inteiro
e tornar-lhe o domingueiro.

O Moleyro que queria
senão seguir a demanda,
porque quem em males anda
a esse negocio perfia,
allegava que valia
seu pelote um gram carneyro,
por que era o seu domingueiro.

Por encurtarmos razões
de muitas que aqui passaram,
rogadores concertaram
tornar-lhe cinco tostões,
e pelote de girões
foi tornado ao Moleyro,
pois era seu domingueiro.

Outras, por JOÃO DE COUTO:

Tanto que se acabaram
as suas tribulações
comprou um por trez tostões
dos cinco que lhe pagaram;
e dos dois que lhe ficaram,
foi-se comprar um sombreiro,
para com o domingueiro.

Depois de estar já vestido
se foi presto acolhendo,
e muitas cousas dizendo
do trabalho recebido;
mas já levava o sentido
mui alegre e presenteiro
porque achou o domingueiro.

Tinha muyta affeição
e não só pela valia
senão porque lhe vestia
muito justo o seu cortão;
nos bocaes e cabeção
gastou somente o Moleyro
trez vintens no domingueiro.

Na rua onde morava
fez muitas grandes folias,
e gastou muitas maquias
em bolos que a todos dava;
a gente toda pasmava,
de ver como o Moleyro
festejava o domingueiro.

Mandou fazer mais de mil
iguarias de farinha,
e com soma de sardinha
fez uma festa gentil;
este tangendo o rabil
e sua dama um pandeiro
festejando o domingueiro,

Ambos juntos de chacota
mil vilancetes cantando,
de gente mui grande frota
vestido á marquesota,
saiu bailando ao terreiro
festejando o domingueiro.

Muitas visinhas chegavam
perguntando como estava,
e elle a todos dava
rasão do que perguntavam;

*

as prolfaças que lhe davam
eram: embora Moleyro
vos seja o domingueiro.

Entonces com estas graças
mandava que se sentassem
e que logo os convidassem
pois lhe diziam prolfaças;
todos bebiam por taças
de casca de sovereiro
á honra do domingueiro.

Vinham mil vilões de cote,
de cinco legoas a vel-o;
alhos traziam no capello,
outros na aba do chiote;
emfim, que com o pelote
ganhou o bom do Moleiro
tres tantos do domingueiro

B. do Porto, Misc. (N—8—74.)

PRATICA DE OUTO FIGURAS

194

GAMA: Alguma nova dess'eu
que ouvis lá do *Emperador?*
LOPO: Dizem, hontem ó embaixador
que era chegado um corrêo.
GAMA: Contae-me d'isso, senhor.
LOPO: Do que ouvi vos contarei;
dizem que veo a el-rei
uma carta, eu não na vi,
que ficava em Valhadoli,
s'assi é eu não no sei;

e dizem cá por sob capa
que vem elle descontente.
GAMA: Todavia perdeu gente
LOPO: Senhor, como homem escapa
todo ess'outro nem se sente;
e mais o *emperador*
he muito grande senhor
nenhuma perda o espanta;
fará gente outra tanta
e retanta e remilhor.
GAMA: Foi um caso mui terrivel
ir em bocca de invernada.
LOPO: Isso não releva nada
pera Deos tudo é possivel.
Elle é muito bem inclinado,
amigo de Deos, e então,
tem vencimento na mão.
GAMA: Deos accrecente o estado
da christã religião.
Esta ida de Almeyrim
se é certa, se não é certa.
LOPO: A certeza anda encuberta
certo pezar-mi-ha à mim.
Mais el-rei nosso senhor
em que queira não pode ir.
GAMA: Isso quero eu ouvir.
LOPO: Não lhe dou eu outra côr
que á que vos podeis sentir.
GAMA: O que eu sinto vos direi
bacarote, ha casamento.
LOPO: Senhor, senhor, são ventos
ou da vontade del-rei.
GAMA: Alem vejo que arrefece.
LOPO: Tudo agora está em paz,
GAMA: Isso é que me apraz.
O Xerife?

LOPO: Não parece,
dizem que em Marrocos jaz.
GAMA: Senhor, como nos accodes
á maior tribulaçam.
LOPO: Sabeis já de Mazagam,
que é outro segundo Rhodes.
GAMA: Tendes infinda rezão
a fortaleza
está sobre penedia
que não pode ser minada.
LOPO: Dizem-me que está cercada.
GAMA: Si; da banda da enxovia,
que do mar não he feito nada.
LOPO: Porem tudo hade ter fim,
não ha quem viva quieto;
ho milhor é ser discreto
e assentae que passa assi.

Chiado, *Pratica de outo Figuras*, fl. 34. (1539?)

QUARTA EPOCA

ESCHOLA SEISCENTISTA

(SECULO XVII)

I GENERO EPICO: a) *Tradicional:* 195. Romance sacro—196. Romance de assimilação litteraria.

II GENERO LYRICO: a) *Tradicional:* 197. Chacara. b) *Litterario:* 198. Trovas—199-203. Sonetos—204. Canção—205. Vilancico—206-207. Cantigas trovadas—208-211. Fabulas.

III GENERO DRAMATICO: *Litterario:* 212. Scena da farça *Fidalgo Aprendiz.*

ROMANCE DE S. ANTONIO E A PRINCEZA

(VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE)

195 Era elrei de Leão
Casado com uma princeza
Devota de Portugal
De Santo Antonio varão;
Tinha uma só rainha,
Uma filha já mulher,
Ella só lhe convem
Pelo muito que lhe quer;
Trez dias chegou a estar
Morta para se enterrar.
O rei mais e mais a côrte
Para a sepultura se ajuntam;
A mãe em continuo pranto,
Com grande fé no seu Santo
Que lh'a hade ressuscitar,
Ergueu seu rosto choroso
Ao céo com fé verdadeira:

«Vós que sois universal
Dos milagres que fazeis,
Dae-me a minha filha viva,
A verdade a não negueis.

Ainda não tinha feito
Sua oração santa,
O Santo lhe poz a mão,
A moça se alevanta.
Aggravada, offendida
Contra a mãe responderia:

—Deos vol-o perdoe, senhora,
D'entre as virgens me tirastes,

Do côro celeste, santo
Onde eu estava agora;
Trez dias trago dispensa
Para estar em vossa presença
E tornar a subir a gloria.

Oh que ditoso recado
Traz a ditosa menina,
E' o tempo acabado
D'ir pr'a pratica divina.

Cantos do Archipelago, n.º 72.

ROMANCE DE ASSIMILAÇÃO LITTERARIA

196 Estava el-rei de Leão
Casado com uma princeza
De portugueza nação,
Devota, por portugueza,
De Antonio Santo varão.
Tinha morta esta rainha
Uma filha já mulher;
A qual não póde soffrer
Que enterrem, como convinha,
Pelo muito que lhe quer.
El-rei e toda a mais côrte
Para a sepultura se ajunta;
Mas era o amor tão forte,
Que, tendo a filha defunta,
Não crê a rainha a morte.
Trez dias chegou a estar
A mãe em continuo pranto
E a filha sem sepultar,
Com grande fé no seu Santo
Que lhe hade ressuscitar.

Erguendo o rosto choroso
Ao céo com fé verdadeira
Ao seu Santo glorioso
Tão santo e tão poderoso
Orava d'esta maneira:

«Já que sois universal
Nos milagres que fazeis,
Por todo o mundo em geral,
O remedio não negueis
A esta vossa natural.
E se é justo que sintaes
Esta ausencia tão esquiva,
Porque a vida lhe negaes,
Dae-me minha filha viva,
Pois tantos ressuscitaes.»

Inda a rainha não tinha
Dita sua oração santa,
Quando Deos ouve a rainha,
E Antonio põe a mésinha
Com que a moça se levanta.
Porem a Infanta amada
Que tornou cá a esta vida
Lá da angelica morada,
Arrojada e offendida
Contra a mãe responde irada:

—Perdoe-vos Deos, senhora,
Que me tirastes dos céos,
Aonde eu estava agora,
Porque Santo Antonio fôra
O que isto pedira a Deos.
E Deos, como o ama tanto,
Porque tanto a Deos amou,
Por applacar vosso pranto,

D'entre as virgens me tirou
Do côro celeste santo.
 Porem a bondade immensa
Que tudo move e governa,
Quinze dias só dispensa
Que esteja em vossa presença
E que torne á vida eterna.—

 Como o divino recado
Deu a ditosa menina
Do que Deos tinha ordenado,
Sendo este tempo acabado
Subiu á patria divina.

Francisco Lopes, *Santo Antonio de Lisboa*, Milag. XXXVI.

XACARA DA FREIRA ARREPENDIDA

(VERSÃO DA BEIRA BAIXA)

197 Não sei para que nasci
De tão bello parecer,
Formosa e gentil mulher,
  E tão bonita.
Meteram-me a capuchinha
Cá n'este pobre mosteiro
Onde pago por inteiro
  Meus peccados.
Nunca me faltam enfados
Em cuidar em tal clausura,
Pois se me faz noite escura
  Ao meio dia.
Nunca terei alegria
Nem no mundo a póde haver,

Em cuidar que heide comer
    Em refeitorio.
Lá junto ao dormitorio
Onde dormem as mais madres,
Suspiram por seculares
    Cá entre nós.
Em vêr que durmimos sós
Me causa grande agonia,
Pois lá pela noite fria
    Já me alevanto.
Agora faço o meu pranto,
Já me desvaneço em choro,
Em cuidar que heide ir ao côro
    Rezar matinas.
Rezando as horas divinas
Lá por esses corredores,
Me lembram os meus amores
    Por quem morro.
Toda a minha cella corro,
Indo-me vèr ao espelho;
Meu rosto já vejo velho
    Sem que eu queira.
E a Abbadeça ligeira,
Como malvada leôa,
Manda que tanjam á nôa
    E a disciplina.
Triste, coitada, mofina,
Que estás metida entre redes,
Entre tão fortes paredes,
    Em casa escura.
A meu pae torno a culpa,
E a meus irmãos tambem,
Podendo casar-me bem
    Me desterraram.
A meu pae aconselharam
Que me não desse o meu dote;

Porque era melhor sorte
O ser freira.
Avisaram a porteira,
Tambem a madre abbadeça,
Que me metesse em cabeça
Que casaria.
Eu, como menina, cria
Cuidando que era verdade,
Que qualquer freira ou frade
Casar podia.
Toda a gente me dizia
Que fosse sem arreceio;
Que havia aqui mais recreio,
Divertimento.
Agora que estou cá dentro,
Que ainda casar podia,
Eu vejo-me noite e dia
Aqui fechada.
Mais valêra ser casada,
De noite embalar meninos,
Do que andar a tocar sinos
No campanario.
Quando tudo é solitario,
E estão todas a dormir,
Ainda estou a carpir
Magoa tamanha.
Minha mãe, que Deos a tenha,
Deos lhe dê contentamento,
Deixou no seu testamento
Que me casassem.
E se bem não me esposassem
Que me botem d'aqui fóra,
E da casa arrenegasse
Que não tem homem.

Rom. geral portuguez, n.º 61.

TROVAS FEITAS Á CANTIGA DA MENINA FERMOSA, Á MANEIRA DE DIALOGO:

198 Menina fermosa,
dizei do que vem
que sejaes irosa
a quem vos quer bem?
Porque se concerta
rosto e condiçam,
dais por galardam
a pena mais certa.
Sendo tam fermosa,
dizei do que vem
que sejaes irosa
a quem vos quer bem.

Ella: Que me da a mim d'isso
que vós padeçaes,
será por demais
o vosso serviço.
Nam serei piadosa
nunca com ninguem
senam sempre irosa
com quem me quer bem.

Elle: Mostrai-vos sogeita,
minina tão bella,
pois vos sois aquella
que Deus fez direita.
Pois sois tão fermosa,
muito vos convem
seres piadosa
com quem vos quer bem.
Teres piedade
não vos custa nada,
que vos é taxada
tanta crueldade.

Cruel e fermosa
não no tem ninguem,
porque sois irosa
com quem vos quer bem?

Ella: Pois que perguntaes
dir-vos-hei por que,
porque certo é
que vos enganaes.
A mulher fermosa
que virtude tem,
hade ser irosa
com quem lhe quer bem.

Elle: Com quem vos quer bem
não deveis ter ira,
quem por vos suspira
de amor lhe vem.
Mostrar tal desordem
é cousa espantosa,
não sejaes irosa
com quem vos quer bem.

Ella: Quem me injuriasse
perdoar-lhe-hia,
o que não faria
a quem me amasse.
A tençam danosa,
que os homens tem
á que é virtuosa
soffrer não convem.

Elle: Que quereis que queira
por vos contentar
deixar-me-ei matar
pois sois tam guerreira.

Morte mui famosa
soffrer me convem,
porque sois irosa
com quem vos quer bem.

Ella:

Se vós vos mataes
vós sois o culpado,
vós mesmo coitado
a vós condemnaes.
Porque em ser fermosa
não mato ninguem,
nem por ser irosa
com quem me quer bem.

Elle:

Mostrae vossa graça
pois sois generosa,
mas sois tam irosa
que não sei que faça.
Menina, meu bem,
pois sois tão fermosa,
sede piedosa
com quem vos quer bem.
Minina fermosa,
uma só bastara
e não me matara
com ser rigorosa;
seres piedosa
muito vos convem,
nam sejaes irosa
com quem vos quer bem.
Vencer o vencido
é o morto matar,
não queiraes tomar
tão fraco partido.

Morrer me convem
morte mui penosa,
porque sois irosa
com quem vos quer bem.

Ella: De ouvir vossa fala
não sou desejosa,
porque a virtuosa
vence quando cala.
Falar não convem
assim desdenhosa,
porque sou irosa
com quem me quer bem.
Se usar piedade
com ser amorosa,
serei suspeitosa
de minha bondade.
Nam cuide ninguem
que por ser fermosa
que seja piadosa
com quem me quer bem.
Eu sou mui menina
de mui pouca edade,
minha mocidade
a amores me inclina.
A tençam danosa
que os homens tem,
me faz ser irosa
com quem me quer bem.

Elle: Vossa formosura
com serdes minina,
a todos inclina
pedir sepultura.

Morte mui danosa
soffrer me convem,
porque sois irosa
com quem vos quer bem.

Ella: Olhae cá meu amo,
sois mui despejado,
se sois avisado
já vos desengano.
Sei que sou fermosa
se por tal me tem,
hei de ser irosa
com quem me quer bem.
Não quero mensagem,
que quereis de mim,
deixae o latim
e falae lingoagem.
Eu não sei por grosa
o mal que vos vem,
e se sou irosa
faço muito bem.

Elle: Eu sei portuguez,
nem fallo latim,
espero o fim
que vós me dareis.
E pois sois fermosa
morrer me convem,
porque sois irosa
com quem vos quer bem.

Ella: Sempre portuguezes
tem louca ousadia,
minha fantasia
é a dos Menezes.
Se sou tam fermosa

e por tal me tem,
e se sou teimosa
sei que faço bem.
Prometti ser freira
e fiz profissão
com vontade inteira
no meu coração.
He mui virtuosa
quem tal tensão tem,
e se sou irosa
não me culpe alguem.

Elle: Mais sois vós perfeita
para casamento,
que para convento
serdes tão sujeita.
Sois mui enganosa,
e d'aqui vos vem
que sejaes irosa
com quem vos quer bem.

Ella: A mulher garrida
em que seja boa,
de toda a pessoa
é favorecida.
E muito danosa
quem virtude tem,
se for amorosa
com quem lhe quer bem.
Quem me vir falar
com tanto despejo
cuida que desejo
de vos agradar.
E se sou fermosa
não cuide ninguem
que ei-de ser piadosa

*

com quem me quer bem.
Não quero agora
falar com meu pae;
o dia se vae
ficae muito embora.

Elle: Não se vá minha rosa
que morto me tem,
por ser tão irosa
com quem lhe quer bem.

Bib. Nac. (A—2—43).

---

199 Quantas vezes conheço meu estado,
E contemplo na duvida que o espera;
Tantas e muitas mais d'elle quizera
Antes ser despedido, que enganado.
Torno a cuidar despois que inda apartado
Quem me assegura a mi de que o estivera?
Se para sempre amar, sempre é uma éra
Para sempre temer, sempre um estado.
Já propuz de passar o mundo a êsmo,
Pois no tempo, logar, fé, gosto e morte
A fraude é certa e nunca conhecida.
Vós, que sabeis de mi mais do que eu mesmo,
Ensinae-me a viver com minha sorte,
Fareis de todo vossas Sorte e Vida.

D. Francisco Manoel de Mello, *Obras metricas*, t. II, Son. 27.

---

200 Esses mares que vejo, essas arêas
Rompi, pizei, beijei hoje, ha sete annos;
Sete servi, sete perdi; tyrannos
Sempre os fados nas vozes das sereias.
Tantos ha que arrastando crueis cadeias
Não guardo ovelhas, mas aguardo danos,

Das fermosas Raqueis vendo os enganos,
Sem a promessa ouvir das Lias feias.
  Soffra Jacob fiel Labão mentindo;
Que se dobra o servir, da alta consorte
Já não pode negar-lhe a mão devida.
  Ay do que espera; quanto mais, servindo!
Para um tão triste fim, tão leda morte,
Para um tão largo amor, tão curta vida.

D. Francisco Manoel, *Ibid.*, Son. 62.

---

201 Fermoso rio Liz, que entre arvoredos
Ides detendo as aguas vagarosas,
Até que umas sobre outras, invejosas,
Ficam cobrindo o vão d'estes penedos.
  Verdes lapas, que aos pés d'altos rochedos
Sois moradas das nymphas mais fermosas,
Fontes, arvores, ervas, lyrios, rosas,
Em que esconde Amor tantos segredos:
  Se vós, livres de humano sentimento,
Em quem não cabe escolha, nem vontade
Tambem ás leis de amor guardaes respeito;
  Como se ha de livrar meu pensamento
De render alma, vida e liberdade,
Se conhece a rasão de estar sujeito!

Francisco Rodrigues Lobo, *Primavera*, p. 164, Ed. 1723.

---

202 Se a memoria no mundo não se achara
do laberinto em Creta fabricado,
pudera ser bastante meu cuidado,
á que por elle só se restaurara.
  Quando no monte de Etna se apagara
o fogo, por Vulcano mal soprado,

aqui meu peito está, que de inflammado
officinas maiores abrasara.
  Se de grandes ardores de um portento
secos os rios, cursos suspenderam,
meus olhos deram fontes cento a cento.
  Quando os ventos fechar-se bem quizeram,
ays e suspiros dou, com cujo vento
muitas montanhas navegar puderam.

Manoel de Faria e Sousa, *Fuente de Aganippe,* P. III, Son. 27.

SONETO CENTONICO,

203 SACADO DAS RIMAS DE CAMÕES

De um comprido, amarissimo tormento (CANÇ. X.)
Sem me poder ficar mais que a lembrança, (CANÇ. IV)
Para desenganar minha esperança (ECLOG. II)
Passo por meus trabalhos tão isempto. (SONET. XI)
  Assi, que indo perdendo o sentimento (CANÇ. VII)
Pela tranquilidade da bonança (ECLOG. I)
Dou as lagrimas minhas em fiança; (ECL. VII)
Lagrimas de immortal contentamento, (SON. VIII)
  Que soube ser capaz de tanta pena? (CAPITULO)
E' por exprimentar que dita minha, (SON. LXXXIX)
Que mereça tão grave penitencia. (CANÇ. VI
  Quando vejo que meu destino ordena (SON. LIV)
Que nem ter esperança me convinha, (SON. LXXXIX)
Atada ao remo tenho a paciencia. (SON. LII.)

Faria e Sousa, *Ibid.*, Son. 71.

CANÇÃO AO OURO

I

204 Louro metal, que lá do centro escuro
Da terra, que no centro te escondia,
Saíste a vêr o dia,
Por mãos de ferro, mais que o ferro duro,
E mais que o ferro artifice de guerra;
Tyrannisando a terra,
Soberbo foste, brandamente forte,
Adquirindo o poder da propria morte.

II

Indigno foi do nome generoso
Quem penetrando abobadas escuras
Viu das entranhas duras
Da terra, anatomista riguroso,
Os reconcavos intimos, adonde
Justa, a terra te esconde,
Pois crendo que a teu jugo se redime,
Entre grilhões de marmore te opprime.

III

Em seu rigor, piedosamente esquiva,
Quando ao trato commum te difficulta,
No centro em que te occulta
Em carceres te põe de penha viva;
Avara, conservando d'este modo
A paz do mundo todo,
Porque, soberbo em diligencias tantas,
Com os imperios do mundo te alevantas.

IV

Com presumpção de intrepido e de altivo,
A effeito trouxe de seu proprio dano,
Atrevimento humano
Do luminoso ardor, ardor nocivo;
Porem mais temerario atrevimento
Por impulso violento,
Te fui buscar em destruição do mundo,
Palida furia au Barathro profundo.

V

A violencia trouxeste, a fraude impia,
Perturbadoras do socego humano;
E disculpando o engano
Fizeste lei da propria tyrannia.
O trato fiel, e inexpugnavel muro,
E' por ti mal seguro,
Pois sigurada em vão, deixa rendida
Danáe a honra, e Polidoro a vida.

VI

Tu deste alentos ao primeiro pinho
Para que, arando o campo nunca enxuto,
Largasse, resoluto,
Azas ao vento de delgado linho:
Tu quebrantaste a paz ao mar sagrado;
E enganando o cuidado,
Porque esqueça o perigo c'o a memoria
Deste ao perigo titulos de gloria.

VII

Tu só, por insolente, respeitado
Ao vulgo, superior dos metais todos,
Cobras por varios modos
Logar sôbola sorte colocado;
E em virtude da propria fermosura,
Andas sobre a ventura,
Acclamado do mundo, não somente
Rey dos metaes, mas idolo da gente.

Paulo Gonçalves d'Andrade, *Varias Poezias*, fl. 48. Ed. 1629.

VILLANCICO A S. JOÃO BAUTISTA

205 Querido Bautista
Vinde muito embora
A dar-nos venturas
E causar-nos glorias.
Vinde a ser de Christo
Soberana aurora,
Principio de luzes
Termo das sombras.
Vinde a ser do mundo
Maravilha heroica,
Gloria dos divinos,
Dos humanos honra.
Vinde a dar ás flores
Belleza tão nova,
Que luzam estrellas
Sendo em vós corôas.
Vinde a ser feitiço
De almas tão ditosas;
Que vossas grandezas
Venerem absortas.

Vinde a ser exemplo
De divinas obras;
Pois obra divina
Quem humano assombra.
Vinde a ser prodigio
Das esferas todas,
Motivo de applausos
Causa de victorias.
Vinde a ser valia
Para as tres Pessoas,
Pois sois da segunda
Uma viva cópia.
Soberano Bautista
Minino de rosas
Venturosa a vontade mil vezes
Que vos adora.
Porque sois o maior dos nascidos
E sois quem nascido já grande se mostra. etc.

Sora Violante do Céo, *Parnaso luz. de divinos e humanos versos*, II, 833.

CANTIGA

206 Antes que o sol se levante
Vay Vilante a ver o gado;
Mas não vê sol levantado
Quem vê primeiro a Vilante.

Voltas

E' tanta a graça que tem,
Com uma touca mal envolta,
Manga da camisa solta,
Faixa pregada ao desdem,
Que se o sol a vir diante,
Quando vae munir o gado,

Ficará como enleado
Ante os olhos de Vilante
  Descalsa ás vezes se atreve
Ir em mangas de camisa,
Se entre as hervas neve pisa
Não se julga qual é neve.
Duvída o que está diante
Quando a vê munir o gado,
Se é tudo leite amassado
Se tudo mãos de Vilante.
  Se acaso o braço levanta,
Porque a beatilha encolhe,
De qualquer pastor que a olhe
Leva a alma na garganta.
E inda que o sol se alevante
A dar graça e luz ao prado,
Já Vilante lh'a tem dado
Que o sol tomou de Vilante.

Francisco Rodrigues Lobo, *Ibid.*

CANTIGA

207 Descalsa vae para a fonte
Leanor pela verdura,
Vay fermosa e não segura.

Voltas

  A talha leva pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de cor de limão
Beatilha soqueixada.
Cantando de madrugada,
Pisa as flores na verdura,
Vae fermosa e não segura.

Leva na mão a rodilha
Feyta da sua toalha,
Com uma sustenta a talha,
Ergue com outra a fraldilha.
Mostra os pés por maravilha,
Que a neve deixam escura,
Vay fermosa e não segura.
As flores, por onde passa,
Se os pés lhe acerta de pôr
Ficam de inveja sem côr
E de vergonha com graça.
Qualquer pégada que faça
Faz florescer a verdura,
Vae fermosa e não segura.
Não na ver o sol lhe val,
Por não ter novo inimigo,
Mas ella corre perigo
Se na fonte se vê tal.
Descuidada d'este mal
Se vae vêr na fonte pura
Vay fermosa e não segura.

Francisco Rodrigues Lobo, *Eclogas*, X.

FABULAS

I

O ODIO E O AMOR

208 Ouvi que o Amor e o Odio
Jogaram a matar um dia,
A quem matava melhor.
Um se armou todo de dor,
Outro todo de alegria.
Ia o Odio o arco atezando,

Sempre envolto em furia brava,
Fero, medonho, indinado.
Ia o Amor repousado
Salvando a quantos topava.
  As gentes que o Odio viam
De tal geito anteparāram;
E as mais sem parar fugiam;
As setas se lhe perdiam
Como do arco lhe voavam.
  Mas indo d'ellas fugindo
Os tristes homens com medo,
Eis o Amor que era já vindo,
Vae matando e vae ferindo,
Muito falso e muito quedo.
  Despois ao fazer da conta
Com ser déstro o Odio e membrudo
Não fez nada ou tanto monta;
E o Amor só, sem perder ponta
Tinha morto quasi tudo.
  D'onde de certo se sabe
Que por mais que o Amor estude
Inda o Odio é menos grave,
Sômos taes, que em nós não cabe
Excesso, nem de virtude.

D. Francisco Manoel de Mello, *Çanfonha d'Euterpe*, p. 77.

II

A FORTUNA

209 Diz um conto: que jazia
Sôbola borda de um poço
Cheio e fundo em demazia,
Onde, com párvoa ousadia
Quiz dormir a sésta um moço.

N'isto a Fortuna passou,
E vendo o que ali se azava;
Foi-se ao moço e o acordou;
Deu-lhe muita; elle gritou,
Ella dava, elle gritava.
—Porque (diz) com tam mortaes
Golpes, me tratas assim?
Ella responde e dá mais:
«Porque errais, e do que errais
Me pondes a culpa a mim.
Quer no mar e quer na terra
Buscaes o risco por cama;
Trocaes a paz pela guerra,
Então se o apetite o erra
A Fortuna é quem se chama.»

Ibid., p. 80.

III

AS LEBRES E AS RANS

210 Diz, que as Lebres, como gente,
Um dia conselho houveram,
Por não viver tristemente;
E afogar-se de repente
Todas juntas resolveram.
Duas Rans, como sobiam,
Junto ao charco eram pastando,
Adonde as Lebres corriam,
E de medo do que ouviam
Vão-se no charco lançando.
Uma Lebre mais ladina
Que isto viu, teve-se quedo
E gritou pela campina:
«Tende mão, gente mofina,
Que inda ha rans que vos tem medo.»

Vedes que assi padeceis
O que dizeis e callaes,
D'esses males tão crueis;
Quantos homens cuidareis
Que vos trocaram seus ais.

D. Francisco Manoel, *Ibid.*, p. 91.

IV

A RAPOSA E O LOBO

211 Quando tudo era fallante,
Diz, que a Raposa caíu
N'um poço d'agua abundante;
Chegou um Lobo arrogante
Que passava acaso e viu,
De uma polé pendurava
(Porque o poço era profundo)
Uma corda, a qual atava
Dois baldes; um, no alto estava,
N'outro a Raposa no fundo.
Pois a bicha que era arteira
Chama o Lobo e diz:—Senhor,
Já que eu não fui a primeira
Soccorrei vossa praceira,
Que eu sei que tendes valor.
Ora assim, sem mais profia
O Lobo que é fanfarrão,
Já no balde se metia,
Elle cae, ella subia
Por uma mesma invenção.
Toparam-se ao prepassar,
E o Lobo meio cahindo
Nem lhe ousava de fallar;

Ella a rir e a arrebentar
De se vêr tambem subindo.
  Em fim ao medo venceu,
Falla o Lobo e diz: «Comadre,
Isto vos mereço eu?»
Ella a zombar do sandeu
Nem lhe quiz chamar compadre.
  Mas diz-lhe: — D'um vagabundo
Teus queixumes não me empecem;
Acaba já de ir-te ao fundo,
Isto são cousas do mundo,
Quando um sobe os outros decem.
  Eis aqui nem mais nem menos,
(Mas já não ha ahi mais Fraudes
Nos estados mais pequenos)
Por levantar dois pequenos
Abaixa o mundo dez grandes.

D. Francisco Manoel, *Ibid.*, p. 93.

SCENA EM CASA DE BRITES, NO *FIDALGO*
212 ## *APRENDIZ*

BRITES: Entoae por meu prazer
Qualquer cousa.
GIL: Sem guitarra?
BRITES: Eyl-a, tomae.

(Da-lhe uma viola, tange como que quer cantar.)

GIL: Pois que não posso al fazer...
BRITES: Ay, que canta e não escarra!
GIL: Ora, eyl-o vay.

(Canta Dom Gil o melhor que pode o que se segue:)

Passeava-se Sylvana
por um corredor um dia...

BRITES: Ay Senhor! eu não queria
Senão letra castelhana.
GIL: Cantarey algaravia
Se mandais; pois que quereis?
BRITES: Uma letra nova quero.
GIL: *(Canta)*
A cassar vá Cavallero...

BRITES: Ay mãe! acinte o fezeis?
Por isso eu me desespero.
GIL: Ora estae, que já entendo,
Quereis Romances trovados:

Mis amorosos cuidados
como s'estaran durmendo...

BRITES: Isso foram meus peccados,
Vós, cuido, que estaes zombando
Ora dizey.
GIL: Já me estanco:

Gavião, gaviam branco
Vay ferido e vay voando...

BRITES: Huy, pelo passaro manco!
Sabeis alguma ao divino?
GIL: Sei.
BRITES: Dizei
GIL: Pois é famosa:

Andorinha gloriosa...

BRITES: Tendes cousas de menino!
GIL: Sou todo amor, minha rosa.

D. Francisco Manoel, *Fidalgo Aprendiz*, p. 247.

QUINTA EPOCA

ESCHOLA ARCÁDICA

(SECULO XVIII)

I GENERO EPICO: a) *Tradicional:* 213–214. Romances em Cartas. b) *Litterario.* 215. Xácara alfamista—216. Romance sacro—217. Episodio do Caramurú—218. Episodio heroi-comico.

II GENERO LYRICO: a) *Tradicional:* 219. Cantigas b) *Litterario:* 220. Modinha—221. Lyra—222. Cantata—223. Idylio—224–232. Sonetos—233–234. Epigrammas—235–236. Apologos—237. Mote—238. Ode.

III GENERO DRAMATICO: a) *Tradicional:* 239. Lôa de Natal. b) *Litterario:* 240. Dialogo da Comedia «Annos de Prosa».

*

CARTA DO SOLDADO

213 Indo pela rua abaixo,
Indo já quasi no fim,
Vêjo vir dois rebuçados
Logo direitos a mim.
Perguntaram-me o meu nome,
Respondi-lhe: — Raphael. —
Disseram-me que estava prêso
A' ordem do seu coronel.
Perguntei-lhe para o que?
Disseram-me para soldado,
Querendo sem mais demora
D'ali fosse algemado.
Porém reflecti prudente,
Pois me vi tão perseguido,
D'uma tão rustica gente:
Eu lhe peço meus senhores,
Usem de attenção,
Que eu sou um homem de bem,
Levem-me solto á prisão.
Solto em fim me levaram.
Lagrimas e mais suspiros
Tive eu a primeira ceia,
Quando entrei para dentro
Até ao logar da cadeia.
Logo no seguinte dia
Fui á mostra ao meu Major,
D'onde os meus males cresceram
Cada vez para peior.
Na rigorosa prisão
Vejo vir romper o dia,
Bem alegre para todos
Só para mim de agonia.
Mas te juro, clara prenda,

Segundo bem me parece,
Para um pobre desgraçado
Nunca alegre amanhece.

Bellermann, *Portugiesische Volkslieder und Romanzen*, p. 206. Ed. 1864.

CARTA DA MULHER

214 Estando eu na minha casa
Livre de todo o cuidado,
Chegaram os Auxiliares
Meu amor, a mim levaram,
Com rigorosas algemas
Nem que fôra um ladrão,
Só para pagar o crime
De roubar meu coração.
Ficando eu assim suspensa
Sem saber o que faria,
Peguei em papel e tinta
Uma petição fazia;
Fui com ella a toda a pressa
A casa do General,
Pedi ao guarda da porta
Que me deixasse entrar.
Pondo-me eu de joelhos
A petição lhe presentava,
E sem o despacho d'ella
D'ali não me levantava.
Pondo-me a esperar
Quê despacho me daria,
Disseram-me estava assente
No Livro da Vedoria.
Saí pela porta fóra
Chorando sem ter alentos,
Encòntrei-o no caminho
N'uma léva de sargentos.

Levava uma farda azul
Por isso não o conhecia,
Com lagrimas e suspiros
Já d'elle me despedia.
Amor, que vás para a guerra,
Bem sei que vaes a morrer,
Saudades de continuo,
Não te heide tornar a ver.
Emquanto por lá andares
E acabares a vida,
Saibas que eu tambem cá dou
Amores a despedida.
Aí te vae esta carta
Que te mando, lê, meu bem,
Não he justo que eu logre
Depois de ti mais ninguem.

Ibid., p. 210.

XÁCARA

DA DESPEDIDA DE UM MARUJO EM ESTYLLO E GIRIA DE ALFAMISTA

215 Nas praias que o Tejo banha
Onde a maré lança o cisco,
Se despedia um marujo
De uma Cloris de cachimbo.
Ella de mãos nas ilhargas,
Elle de chapeo cahido,
A qualquer lhe acode o choro,
E ambos provocam o riso.
Vendo ella que elle se parte,
(Que bem merece partido)
Já como quem se despede
Lhe fala por este estyllo:

«E' *possivli* que te apartas
D'este coração *afrito?*
Mal haja quem faz *incessios*
Por nenhum homem *marinho!*
Desne que sei que *t'alzentas*
Choram *meis* olhos *infindo*
Com mais *prúvecas* correntes
Que o chafariz do *Rechio.*
Se *desne cando t'amí*
Tal *avera* conhecido,
Esta *vinorica* alegre
Ninguem *m'avera* ter visto.
Cantas razães se me vem
De *sauidade as não* digo,
Que as minhas *safocações*
Nas minhas queixas *fravico.*
O' *Manel,* vaes para bôrdo?
Coitado do *provesinho,*
Criaram-te para *Crelgo*
E vens a ser *pelingrino.*
Deos te leve a *Fernambuco,*
Que eu cá ficarei pedindo
Que *infindas facilidades*
Te conceda o Ceo *prospicio.*
E que venhas para *ó* anno
Tão *apoquentado* e rico,
Co *Rey da Divina marca*
Não possa *ugalhar* comtigo.
Bem podes dar *creto a canto*
Nesta *incagião pruvico,*
Não cuides que são *lijunjas*
Os *socates* que te digo.
Vae, que eu cá *martelisada*
De *tromentos incessivos,*
Chorarei tuas *mimorias*
Sem o mais *ínimo* alivio.

Sendo esta cara uma *umage,*
Creio que hasde achar-me em vindo,
Uma *estatula* da morte,
Um *escaraleto* vivo.
Tu lá lograrás mil *grolias,*
E com rasão o *consid'ro;*
Que eu na materia de *estremes*
Sempre *luvarey* os *uitros.*»

Aqui chegava da moça
O queixume repetido,
Quando elle por esta phrase
Lhe responde iguaes delirios:

— Já que quiz minha *disgracia*
Que d'esses *luzios* divinos
Eu mesmo *vá dando ás trancas*
Sem que fique aqui *morrido.*
Mal haja quem não *fijer*
Na náo algum desatino,
Mas que me leve o *diacho*
Por esses mares *de Christo.*
Que vou tão *disispirado,*
Que a não ter d'outrem motivo,
Indas que eu fora *mey* pai
Brigara eu mesmo commigo.
Vou-me eu, bem sei eu porque,
Senão! porem eu *to* digo:
Porque meto a mão no *golpe*
E não *saco* nenhum *gimbo.*
Se eu criara o *grão,* a *roda,*
A *cheta,* quanto é preciso
Comprar no estanque o *fumelio*
Pagar na *baiúca* o *pio;*
Se eu tivera para o vulto
A *rede,* se o *gabio* fino,

Para a *bola* para as *gambias*
A meia e *calco* polido;
Se eu *trouvera* cada vez
Que *quijera,* tudo isto,
Má ochas que eu de *Lisbeo*
Abalara cos *cachimbos.*
E *má ochas* que eu deixara
Augeto tão *pelingrino,*
Por quem vivo *marabundio,*
Por quem ando *infinissido.*

Alexandre de Lima, *Rasgos metricos*, p. 203.

O SANTO CHRISTO DA PASTORINHA

216 O reino de Portugal,
Santo e virtuoso reino,
Onde o filho de Maria
Quiz fundar o seu Imperio:
Teve um rei Diniz chamado,
Para que nenhum projecto
Por mais difficil que fosse
Deixou de ter prompto effeito:
A mão deu a Isabel santa,
Em casto e fecundo leito,
Que de dadivas e honras
Enchera de Deos o templo.

No monte chamado Iraz
Havia um rico mancebo,
E que de illustre familia
Trazia o seu nascimento;
N'este monte acaso um dia,
Uma pastorinha vendo,
Namorado d'ella quiz

Conquistal-a com extremos:
Era de rosto formoso
De animo limpo e sincero,
Qual reina n'aquella edade,
Cheia de innocencia e pejo.
Resistiu constantemente
Ao moço por algum tempo,
Que lhe dava por penhor
Palavra de casamento.
Condescendeu a taes rogos,
Rendeu-se por fim dizendo,
Que se elle aquella promessa
Fizesse com voto expresso
Diante d'um Crucifixo
Que estava d'aqui mui perto
Colocado n'uma ermida
Que então havia n'este ermo,
Daria satisfação
A seus amantes desejos,
E na fé d'esta cerimonia
Caminharam para o templo.
Na face de Jesus Christo
O temerario mancebo
(Pode ser que lhe convenha
Mais o nome de perverso)
Então reiterando o voto
Malicioso ou sincero,
Faz ao Senhor testemunha
Da obrigação e protesto.
D'este modo os despozarios
Celebraram: passou tempo,
Até que a simples Pastorinha
O engano conhecendo,
Demanda o moço, e levado
Como he já costume velho
Ante o Vigario geral

Nega de plano o successo;
Mas a enganada pastora
Que só fiava em Deos mesmo,
D'este tribunal appella
Para tribunal supremo:
Diz-lhe que tem da verdade
Testimunha d'alto apreço,
Mas que ali se lhe não ha de
Tirar seu depoimento;
Que era o Senhor que na ermida
Do Monte Iraz o mancebo
Tomara por testimunha
Do seu alto juramento.
O Prelado commovido
De alta inspiração, querendo
Com toda a legalidade
Apurar um tal successo,
Com os seus officiaes,
E os contrahentes, vae mesmo
A' presença do Senhor,
Da innocencia amparo certo.
A Pastorinha banhada
Em lagrimas, de joelhos
Estas palavras sentidas
Arrancou do afflicto peito:
« Senhor vos que conheceis
Os mais occultos intentos,
Que penetraes corações
Que sois justo e pio a um tempo;
E que sabeis a promessa
Que me fez este mancebo;
Amparae tão justa causa
Com que aqui buscar vos venho:
Fui facil, mas simplesmente,
Cahi, meu erro confesso:

Patrocinae-me accudi-me,
Sou mulher, desculpa tenho.»
Então o Senhor, oh caso
Raro, novo e estupendo!
Despregando-se da Cruz
Quer reduzir o mancebo;
E como se não bastasse
A attrahir o mundo enfermo
Ser, por puro amor dos homens
Cravado em duro madeiro;
Bem que não desceu, comtudo
A mão e o braço estendendo,
Mostra sim querer tomar
N'elle o dito juramento:
Os circumstantes pasmaram,
Treme o confuso mancebo,
E adoram postos por terra
Todos, tão grande successo.
Uns para os outros olharam
Cheios d'assombro e respeito,
Gelada a voz na garganta,
Guardam profundo silencio,
Té que o delinquente o rompe
Com os olhos no chão, tremendo
Pois com troncadas palavras
Chora e confessa o seu erro.
Não o castiga o Senhor,
E oh quantas vezes o vemos
Para castigar remisso,
Para perdoar propenso!
Assim o entôa a egreja,
Que por fim em Deos eterno
Parece que este attributo
He mais proprio d'elle mesmo.
N'este e em outros prodigios

Oh quanto em todos os tempos
Vos tendes sido mimosos
Oh devotos Santarenos.

João Xavier de Mattos, *Dialogo entre quatro figuras*, (1787.)

MORTE DE MOỆMA

217

Dizendo assim, com calma vê luctando
Formosa Náo de gállica bandeira,
Que a terra ao parecer vinha buscando,
E a prôa mete sobre a propria esteira;
Vem seguindo a canôa, e signaes dando
Até que aborda a embarcação velleira;
E de paz dando a mostra conhecida,
A's praias da Bahia a Náo convida.

A Gupeva entretanto, e Taparica
Dava o ultimo abraço, e á forte esposa,
A intenção de leval-a significa
A vêr da Europa a região famosa:
Suspensa entre alvoroço e pena fica,
Paraguassu contente, mas saudosa;
E quando o pranto, na sentida fuga
Começava a saudade, amor lhe enchuga.

E' fama, então que a multidão formosa
Das damas que Diogo pertendiam
Vendo avançar-se a Náo na via undosa
E que a esperança de o alcançar perdiam;

Entre as ondas, com ancia furiosa
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta agua que fluctua vaga
O ardor que o peito tem banhando apaga.

Copiosa multidão da Náo franceza
Corre a vêr o espectaculo assombrada;
E ignorando a occasião da extranha empreza
Pasma da turba feminil que náda.
Uma, que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella do que irada;
Era Moêma, que de inveja geme,
E já visinha á Náo, se apega ao leme:

«Barbaro (a bella diz) tigre e não homem...
Porém no tigre por cruel, que brame,
Acha forças amor, que emfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame;
Furias, raios, coriscos que o ár consommem,
Como não consummis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio e asco...
Ah, que o corisco és tu, raio, e penhasco.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano,
Nem me offenderas a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano:
Porem deixando o coração cativo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e d'esta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

Tão dura ingratidão menos sentira,
E esse fado cruel doce me fôra,
Se a meu despeito triumphar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora.

Por serva, por escrava te seguira,
Se não temera de chamar senhora
A vil Paraguassu que, sem que o creia
Sobre ser-me inferior é nescia e feia.

Emfim, tens coração de vêr-me afflicta
Fluctuar moribunda entre estas ondas,
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai sómente, com que aos meus respondas?
Barbaro, si esta fé teu peito irrita,
(Disse, vendo-o fugir) oh! não te escondas,
Dispara sobre mim teu cruel raio!...»
E indo a dizer o mais, cae n'um desmaio.

Perde-o lume dos olhos, pasma e treme,
Pallida a côr, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo;
Mas na onda do mar que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo:
«Ah Diogo cruel!» disse com magoa,
E sem mais vista ser, sorveu-se n'agoa.

Choraram da Bahia as nymphas bellas,
Que nadando a Moêma acompanhavam;
E vendo que sem dor navegam d'ellas,
A' branca praia com furor tornavam:
Nem pode o claro heroe sem pena vêl-as,
Com tantas provas que d'amor lhe davam;
Nem mais lhe lembra o nome de Moêma,
Sem que ou amante a chore, ou grato a gema.

S. Rita Durão, *Caramuru,* canto VI, est. 34 a 43.

O EPISODIO DA APPELLAÇÃO

218 Já na rica liteira recostado
Da cidade saía o gordo Bispo,
Dous lacaios membrudos e possantes
Guiavam a compasso os grandes machos,
E dois do mesmo talhe na dianteira
A lenta e preguiçosa marcha abriam.
Nos altos campanarios os Donatos
E das freiras as moças, muito alegres
Davam, como costumam, aos badalos.
Quando o bom Escrivão, que prompto estava
Qual sagaz caçador, que alegre e fero
A' porta d'uma mancha a rez espera,
A' liteira se chega e respeitoso
Uma carta ao Prelado logo entrega,
Na qual a Appellação descomedida
Em letra garrafal ia traçada.
O innocente Pastor, que não suspeita
O veneno mortal que em si levava,
Depois de lhe lançar a santa benção,
Com risonho semblante, pega n'ella,
O sobrescripto rompe, e soletrando,
Entra a ler com trabalho; mas apenas
O sentido da astuta carta entende,
Começou a tremer; das mãos lhe cae
O atrevido papel. Não, se cem boccas
Cem linguas eu tivesse e a voz de ferro,
Poderia contar qual foi a raiva
Do gordo Bispo. A Ira, a Impaciencia
A Soberba, a Vingança e outras Furias
O rodeiam, o agitam e o transportam.
O rosto se lhe inflamma; os olhos tintos
D'um vivo e negro sangue lhe chammejam,
Escuma, geme e brama, range os dentes.
Tão cruel, tão feroz, tão espantoso

Não treme, não avança, não se rasga
O que mordido foi do cão danado,
Quando o triste veneno, que fervendo
Pelas veias lhe corre impetuoso,
Ao coração lhe chega e lh'o devora,
Como o grave Pastor! A vil Priguiça
Que a seu lado jazia recostada,
Ao vel-o d'alli foge espavorida.
Emfim, em raiva ardendo, grita e clama
Aos Lacaios, que logo sem piedade
Aquelle infame ousado lh'o castiguem.

Então os insolentes, vis Mochilas
Arrancam das espadas, que em desprezo
Das Leis e Magistrado á cinta trazem,
E cheios de grande ira, quaes raivosos
Arremessados cães que árdidos seguem
O fero javali que veloz foge
A emboscar-se na densa e vasta moita,
Correm sem tino apoz o bom Gonçalves,
Que em seguro, já posto ao pé da guarda
Os olha com desprezo e com insulto.
Não de outra sorte rubido podengo
Que seguindo fiel e lisongeiro
O rustico saloio, que á cidade
Vem dos seus campos a vender os fructos,
Se ao pé de alguma esquina se demora,
Preso da vista das formosas cores
Da galhofeira cidadã cadella,
E sobre elle caindo a roaz turba
Dos bairristas cachorros, que a namoram,
Entre as pernas metendo a longa cauda,
Corre, sem se deter, até que chega
Junto do seu senhor, a cujas abas

Seguro e confiado encréspa as ventas,
Contra elles se revira, então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

Diniz, *O Hyssope*, cant. VI.

SIM E NÃO

219 Sei de teus novos amores,
Tudo tim-tim por tim-tim;
Tu dizes que tal, que não,
Eu digo, que tal, que sim.
Sei que déste aos teus amores
Um raminho de jasmim;
Quem te viu dar as flores,
Te ouviu dizer que sim.
Esse sim, que tu lhe deste
Deve ser por algum fim;
Julgal-o mal, isso não,
Mas que é por bem, isso sim.
Tem meu bem uma certa teima
Quando eu choro ella se ri,
Quando eu me rio, ella chora,
Eu digo não e ella sim.
Hei-de mandar vir da India
Um boneco de marfim,
Que esteja dando á cabeça
Sempre dizendo que sim.

Bellarmann, *Portugiesische Volkslieder und Romanzen*, p. 206. Ed. 1864.

MODINHA DO *ABC* DE AMOR

220 Uma menina
Quer que lhe eu dê
Lições de amores
Por A B C:

A—é amante,
Não ardilosa.
B—é benigna
não boliçosa.
C—é constante
não curiosa.
  Tome menina,
  Lição gostosa

Uma menina, etc.

D—delicada
não desdenhosa.
E'—engraçada
não enganosa.
F—fiel
não furiosa.
  Tome menina
  Lição gostosa.

Uma menina, etc.

G—é galante
mas não gulosa,
J—é ser justa
não invejosa.
L—leal,
não lacrimosa.
  Tome menina
  Lição gostosa.

Uma menina, etc.

M—é ser meiga
não mentirosa,

*

N—andar nedia
não enojosa.
O—obediente
nunca orgulhosa.
  Tome, menina,
  Lição gostosa.

Uma menina, etc.

P—é prudente,
não priguiçosa:
Q—é quieta
nada queixosa.
R—risonha
não rigorosa.
  Tome, menina,
  Lição gostosa.

Uma menina, etc.

S—é sincera
não suspeitosa
T—é ser terna,
nunca teimosa.
V—verdadeira
nada vaidosa.
  Tome, menina,
  Lição gostosa.

Uma menina, etc.

X—xocarreira
pouco xorosa.
Z—zombeiteira,
pouco zelosa.

Tome, menina,
Lição gostosa.

Uma menina, etc.

Depois das letras
Bem decorar,
Quer que lhe ensine
A soletrar?
Tome sentido,
Vá de vagar:
A. M. A. R
Soletre *amar*.

Quero ensinal-a
Tim-tim por tim-tim;
E lições dar-lhe
Até ao fim.
Olhe, menina,
Bem para mim,
S. I. M
Diga-me *sim*.

Mas se lhe falla
Um maganão,
Então é outra
Nova lição:
A mão levante,
Dê bofetão
N. Ã. O
Diga-lhe *não*.

Viola de Lereno, (Folheto VIII.)

MARILIA DE DIRCEU

221 Acaso são estes
Os sitios formosos
Aonde passava
Os annos gostosos?
São estes os prados
Aonde brincava,
Emquanto pastava
O gordo rebanho
Que Alceo me deixou?
São estes os sitios,
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

D'aquelle penhasco
Um rio caía,
Ao som do enxurro,
Que vezes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas,
As pedras quebradas:
Parece que o rio
O curso voltou.
São estes os sitios,
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Meus versos, alegre,
Aqui repetia;
O Ecco ás palavras

Tres vezes dizia.
Se chamo por elle
Já não me responde;
Parece se esconde
Cansado de dar-me
Os ais que lhe dou.
São estes os sitios.
São estes; mas eu
O mesmo não sou...

Aqui um regato
Corria sereno
Por margens cobertas
De flores e feno.
A' esquerda se erguia
Um bosque fechado;
E o tempo apressado
Que nada respeita
Já tudo mudou.
São estes os sitios,
São estes; mas eu
O mesmo não sou...

Mas como discorro?
Acaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de um dia?
Existem as fontes,
E os freixos copados,
Dão flores os prados,
E corre a cascata
Que nunca seccou.
São estes os sitios
São estes; mas eu
O mesmo não sou...

Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor e saudade.
Os sitios formosos
Que já me agradaram,
Ah não se mudaram;
Mudaram-se os olhos,
De triste que estou.
São estes os sitios,
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Thomaz Antonio Gonzaga, *Lyra* VI.

CANTATA DE DIDO

222 Já no roxo Oriente branqueando
As prenhas velas da troyana fróta,
Entre as vagas azues do mar irado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ululando,
C'os turvos olhos inda em vão procura,
O fugitivo Eneas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta;
Com medonho fragor na praia núa.
Fremem da noite as solitarias ondas;
E nas douradas grimpas
Das cúpulas soberbas
Piam nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo sepulchro
Attonita imagina

Que mil vezes ouviu as frias cinzas
Do defunto Sichêo, com debeis vozes,
Suspirando chamar: Elysa! Elysa!
D'Orco aos tremendos numes
Sacrificios prepara;
Mas viu esmorecida
Em torno dos thurícremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças:
E o derramado vinho
Em pelagos de sangue converter-se.
Frenetica delira;
Pallido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada;
Já com tremulo pé entra sem tino
No ditoso aposento
Onde do infido amante
Ouviu enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Ali as crueis Parcas lhe mostraram
As iliacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado descobriam
O lustrozo pavêz, a teucra espada.
Com a convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro, crystalino peito:
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta;
De roxas espadanas rociadas
Tremem da sala as dóricas columnas.
Trez vezes tenta erguer-se,
Trez vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao céo levanta
Os macerados olhos.
Depois attenta na lustrosa malha
Do profugo Dardanio,

Estas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos, lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tempo depois gemer se ouviram:

Doces despojos
Tão bem guardados
Dos olhos meus,
Em quanto os Fados
Em quanto Deos
O consentiam!
Da triste Dido
A alma acceitae;
D'estes cuidados
Me libertae.

Dido infelice
Assás viveu;
D'alta Carthago
O muro ergueu.
Agora núa,
Já de Charonte
A sombra sua
Na barca feia
De Phlegetonte
A negra veia
Surcando vae.

Pedro Antonio Corrêa Garção, *Obras*, p. 259.

IDYLIO

223 Já la sinto rugir das avelleiras
As boliçosas folhas; já escuto
Um rumor leve de subtís pizadas;
Entre as confusas ramas já diviso
Mover-se um vulto... se virá Tircêa?

Por mais que affirmo a vista não distingo.
Ora lá se escondeu agora a lua.
Mas, oh quanto o desejo vão me engana!
Uma ovelha é, perdida da manada,
Lá vae balando pelo vale abaixo.
Mas eu deliro, ou sonho? Que pondero?
Oh quanto da saudade o golpe fero
Nos sentidos me opprime, e me confunde!
Eu não julgava agora que este valle
Era aquelle feliz e deleitoso,
Onde a minha Pastora sempre espero?
Que esta sonora fonte, que murmura,
Entre cheirosas flores e verdura,
Cuberta de sombrios arvoredos,
Era aquelle logar, aonde a calma
Costumamos passar da ardente sésta?
Quem viu já phantasia mais confusa?
Oh poderoso amor, quanto me enlêas.
Oh quem pizara agora os venturosos
Campos, que os resplendores luminosos
Dos olhos de Tircêa estão gosando!
Quem vira agora o seu formoso rosto!
Oh quem sequer ao menos escutara
Os conhecidos ladros, os balidos
De suas ovelhinhas e rafeiro!
Oh duras penhas, oh sombrios vales,
Que meus saudosos ais estaes ouvindo,
Se agora aquelles bellos olhos visseis
Por quem meu coração tanto suspira,
Vericis de repente a roxa Aurora
Verter o fresco orvalho sobre as flores,
Raiar o louro sol nos horisontes,
E enriquecer de luz os altos montes.
Parece-me, Tircêa, que te vejo
Deixar na fonte o cantaro vasio,
E na mais alta penha d'essa praia

Subida, estar os olhos estendendo,
Cheios de pranto para as altas serras
Onde tão larga ausencia estou chorando;
Que saudosa, d'ali estás chamando
Alcino, Alcino! quem de mim te aparta?
Parece-me que te ouço a voz magoada
Já de ingrato accusar-me, de esquecido;
Que vás depois ao vale suspirando,
E que ali muitas vezes estás lendo
Os amorosos versos, que nos troncos
Eu escrevi na amarga despedida.
Oh pastora mais firme do que os montes
Mais amante, mais terna do que as rôlas,
Mais perfeita, mais candida e formosa
Que a pura neve, que a vermelha rosa,
Só por ti, eu o juro a estas penhas,
Só por ti ha de Amor dentro em meu peito
Cravar as setas, accender as chammas;
Só por ti meus suspiros serão dados,
Só por ti chorarão d'amor meus olhos:
Meus olhos, que por esses tão formosos
Agora estão chorando tão saudosos.

Domingos dos Reis Quita, *Obras*, t. I, p. 151.

SONETOS

Á VIDA RUSTICA

224 Feliz o que da côrte retirado
Lá nos campos que herdou de seus maiores,
Imitando os singelos lavradores,
Volve os patrios torrões co' liso arado,
Não desperta jamais alvoraçado
Da rude chusma aos nauticos clamores;
Nem ao tom dos horrificos tambores,
Ou da estrondosa bomba ao ronco brado.

Sem de temor pender, nem de esperança,
Não vae co' a leve turba aduladora
Incensar os altares da privança.
Humilde emfim a Providencia adora,
No meio da tormenta ou da bonança:
Esta é a vida, oh céos, que me namora.

Domingos Maximiano Torres, *Versos*, p. 17.

---

225 Pelo campo cantando vae contente
O lavrador, seguindo o curvo arado;
E canta na prisão o desgraçado
Ao triste som de uma aspera corrente.
Aquelle, canta alegre e docemente
Nas suaves pensões de seu estado;
Este, só por vingar-se de seu fado,
Com o canto disfarça o mal que sente.
Eu tambem já em doces alegrias
Qual lavrador, cantei n'esta espessura,
Sem conhecer do Fado as tyrannias.
Porem hoje de Amor na prisão dura,
Com o canto disfarço as agonias
Por vingar-me de minha desventura.

Quita, *Obras*, t. I, p. 232.

---

226 Onde estou? Este sitio desconheço:
Quem fez tão differente aquelle prado?
Tudo outra natureza tem tomado
E em contemplal-a tímido esmoreço.
Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ella um dia reclinado;
Ali em valle o monte está mudado,
Quanto pode dos annos o progresso.
Arvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpetua a primavera;
Nem troncos vejo agora decadentes!

Eu me engano; a região esta não era:
Mas que venho a extranhar, si estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

Claudio Manoel da Costa, *Poesias.*

---

227 Eu não lastimo o proximo perigo,
Huma estreita prizão, estreita e forte,
Lastimo as caras filhas, a consorte,
A perda irreparavel de hum amigo.
A prizão não lastimo, outra vez digo,
Nem o ver imminente o duro córte;
Que he ventura tambem achar a morte
Quando a vida só serve de castigo.
Ah! quem ja bem depressa acabar vira
Este enredo, este sonho, esta quimera,
Que passa por verdade huma mentira.
Se filhas, se consorte não tivera,
E do amigo as virtudes possuira
Da vida hum só instante não quizera.

Alvarenga.

A CAMÕES

COMPARANDO COM OS D'ELLE, OS SEUS PROPRIOS INFORTUNIOS

229 Camões, grande Camões! quam similhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Egual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar co' fatidico Gigante.
Como tu, junto ao Gange sussurrante
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante.

Ludibrio, como tu, da sorte dura,
Meu fim demando ao céo, pela certeza
De que só terei paz na sepultura.
Modello meu tu és... Mas oh tristeza!
Se te imito nos transes da ventura,
Não te imito nos dons da natureza.

Bocage, *Soneto* 138. (Ed. da *Actualidade.*)

Á RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL EM 1640

230 Cesarões, Viriathos, Apimanos,
Vós, que brandindo a vingadora espada,
Tentastes sacudir da patria amada,
O vil, o ferreo jugo dos Romanos;
Surgi, vede-a no sangue de tyrannos
Inda peores outra vez banhada,
E a nossa liberdade edificada
No estrago dos intrusos Castelhanos.
Aos senhores do mundo armipotentes
Arrancastes em bellica porfia
Parte do louro que lhe honrava as frentes;
Porem com milagrosa valentia,
Os vossos memoraveis descendentes
Fizeram mais — livraram-se n'um dia!

Bocage, Son. 150. *Ibid.*

---

231 Meu sêr evaporei na lida insana
Do tropel das paixões que me arrastava;
Ah, cego, eu cria! ah, misero, eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana.
De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mais eis succumbe natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua orgia damna.

Prazeres, socios meus e meus tyranos,
Esta alma, que sedenta em si não coube
No abysmo vos sumiu dos desenganos!
Deos! oh Deos!... Quando a morte á luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

Bocage, Son. 307 (Ed. da *Actualidade.*)

232
Oh quanto vive alegre o que da aldêa
A' rustica vivenda se accommoda;
A donde os campos lavra, as vides póda,
E em santa paz o seu casal grangêa.
Veste o burel peludo e não receia
Que o culpe o mundo por faltar á moda;
E sem que tema da fortuna a róda,
Com gosto almoça e com socego cêa.
Teme a Deos, teme ao rey; e assim procura
Lograr dos annos seus o giro inteiro,
Sem que o fim lhe antecipe a parca dura.
Até que em braços de um fiel herdeiro,
Ouvindo o Credo velho ao Padre cura,
Morre feliz na fé do Carvoeiro.

Abb. de Jazende, *Poesias,* t. I, p. 8.

A UM ECCLESIASTICO,

TENDO UM CRAVO NO PEITO:

233 Tendes o cravo no peito,
O logar improprio é;
Pois se o tivesses no pé
Era o logar mais perfeito;
Não julgueis que o meu conceito
Vos faz a menor censura;

E' só com doce brandura
E sem vos fazer aggravo,
Dar-vos pancada no cravo
Sem tocar na ferradura.

Abb. de Jazende, *Poesias*, t. II, 201.

234 Consta que um medico fôra
Inventor da guilhotina;
Deu bem rapidez á morte!
Mostrou saber medicina.

Bocage, Obras, t. III, (Ed. da *Actualidade.)*

APOLOGOS

O CUCO E O ROUXINOL

235 Tendo o ninho seu provido
De mantimento diario,
Nobre canto ameno e vario
Um rouxinol entoôu.

Ocioso Cuco ouvindo-o
Resmunga: «Que mandrião!
«Com taes sons engordarão
«Os pobrinhos que gerou!»

No dia seguinte o meigo
Vigilante rouxinol,
Calado, de sol a sol
A buscar sustento andou.

O Cuco attento dizia:
«Que comilão! Nada o farta;
«Máo raio te apanhe e parta!
«Já de cantar se enjoou!»

Ora pois, digo eu agora,
Ouvi lá os taes damnados!
A commentos depravados
Nunca a virtude escapou.

J. V. Pimentel Maldonado, *Apologos*, p. 56.

O ELEPHANTE E O BURRO

236 No tempo em que inda fallavam
Os animaes com a gente,
E' tradição que tiveram
Conferencia em caso urgente.
O Burro, que não sei como
Se introduziu no conselho,
Quiz, fingindo-se estadista,
Tambem metter seu bedelho.
Eis, n'um tom que differia
Bem pouco do que hoje é zurro,
Foi revolvendo a questão,
Discreteou como um burro.
Depois de lhe ter ouvido
Alguns conceitos de arromba,
O carrancudo Elephante
Lhe disse, torcendo a tromba:
«Esse tempo que tens gasto
«Inutilmente em clamar,
«Insensato, não podias
«Aproveital-o em pastar?
«Vens affectar eloquencia,
«Animal servil e abjecto!
«Um tolo nunca é mais tolo
«Que quando quer ser discreto.»

Bocage, *Obras*, t. III. p. 255.

MOTTE

237 Pergunta certa senhora
Sem presumir mal algum,
Se um só beijo á sexta feira
Fará perder o jejum?

Glossa

«Padre Mestre aposentado,
Pergunto e saber desejo
Se perde o jejum um beijo
Sendo á sexta feira dado?
—Eu no Larrága encontrado
Não tenho o caso até 'gora;
Por isso alguma demora...
«Não, não, não se canse muito
Que eu cá por mim não pergunto;
Pergunta certa senhora.»

—Olhe! se ella o beijo deu
Simpliciter, não peccou,
Que a lei a ninguem tirou
Poder dar o que fôr seu;
Comtudo, se fôra eu,
Beijo não dera nenhum;
Porém como deu só um,
Não tem o jejum quebrado,
E muito mais sendo dado
Sem presumir mal algum.

«Porém, seu mestre Melgaço,
Que eu por cá seguido vejo,
Nos diz que o solido beijo
Sustenta mais que o abraço.

*

—Eu tal distincção não faço,
Nem distincção verdadeira
Acho, inda que dar-lh'a queira;
Nem eu sei qual mais seria,
Se um abraço em qualquer dia,
Se um só beijo á sexta feira.

«Logo, pode um beijo dar
Muito bem á sexta feira,
Qualquer secular ou freira
Sem n'isso o jejum quebrar?
—Pode, sim; mas sem formar
N'esse instante gosto algum;
Nem hade dar mais do que um,
Pois se deu mais ou fez gosto,
Como o beijo é já composto
Fará perder o jejum.

Nicoláo Tolentino, *Obras completas,* p. 387. Ed. 1861.

A ESPERANÇA

238

Vem, vem doce esperança, unico alivio
D'esta alma lastimada;
Mostra, na c'roa a flor da amendoeira,
Que ao lavrador previsto
Da primavera proxima dá novas.

Vem, vem doce esperança, tu que animas
Na escravidão pezada
O afflicto prisioneiro;—por ti canta
Condemnado ao trabalho
Ao som da braga que nos pés lhe sôa.

Por ti veleja o panno na tormenta,
O mareante affouto;
No mar largo, ao saudoso passageiro
Da esposa e dos filhinhos,
Tu lhe pintas a terra pelas nuvens.

Tu consolas no leito o lasso enfermo,
C'os áres da melhora;
Tu dás vivos clarões ao moribundo,
Nos já vidrados olhos,
Dos horisontes da celeste patria.

Eu já fui de teus dons tambem mimoso;
A vida, largos annos
Rebatida entre acerbos infortunios
A sustentei robusta
Com os pômos de teus vergeis viçosos.

Mas agora que Marcia vive ausente,
Que não me alenta esquiva,
C'o brando mimo de um de seus agrados,
Que farei, infelice,
Se tu, meiga esperança, não me accodes.

Ah, que um de seus agrados é mais doce
Que o nectar saboroso;
E mais doce que os beijos requintados
Da namorada Venus,
A que o grego põe preço tão subido.

Vem, vem doce esperança, que eu prometto
Ornar os teus altares
Co'a viçosa verbena, que te agrada,
Co'a linda flor, que agora
Enfeita os troncos que te são sagrados.

Filinto Elysio, *Choix des Odes*, p. 236.

LOA DE NATAL

239

PASTOR: Pois todos sômos chegados
A' cidade de Belem,
P'lo Anjo de Deus guiados
Onde todo o nosso bem
Nasceu p'ra remir peccados:
Vamos-lhe offerecer
E dar graças todos juntos,
Pois este par de presuntos
Lhe trago para comer
Atados com esse junço.

OUTRO: Só este par de tassalhos
Achei lá no meu fumeiro;
E este gordo carneiro,
Com doze cabeças de alhos,
Vos manda meu companheiro.
Não vos pude mais trazer
Por ser longe o caminho,
E mais este barril de vinho
E' para o velho beber,
Que está muito fraquinho;
Que hade-vos despertar
E fazer fallar francez,
Porem olhar não tombar,
Nem jogar Martim Cortez.
. . . .

OUTRO: A vós, senhoro Rainha
Mãe d'este lindo donzel
Esta infusa de mel
Para lhe fazer papinha,
Vos trago no meu fardel;
E' mui bom, de enxame novo,

Não dou outro, que faz fio,
E n'estas manhãs de frio
Misturado com um ovo
Não ha quem tenha fastio.

PASTORA: Eu esta pobre camisa
Vos offereço, Senhora,
Supposto que venha agora.
Trinqua forte, mala guisa,
Obra de mão de pastora.
Mas ainda que seja grossa,
E' feita de panno crú,
Vesti-a por vida nossa
Com o nome de Jesu.
. . . .

DESPEDIDA:

Senhor ficae-vos embora,
Querido, amado de vós;
Sim, estamos satisfeitos
Em que, morrendo por nós,
Pois sendo vós nosso bem,
O que tudo confessamos
Querendo-vos como firmes
Em que sempre vos amamos.

Ms. da Bibl. da Universidade (Ap. *Canc. popular*, p. 165.)

240

CRITICA DO THEATRO

VASCO: . . . . Mas aqui,
Em confiança, pode e faço gosto
De ouvir o seu juizo, a sua pratica...
EMPREZARIO: Eu não lhes acho graça, nem a tem,

E nem a podem ter. Como hãode tel-a
Se não tem *Graciosos?*

VASCO: Ah! são d'essas?

EMPREZARIO: Tenho ali dois fanhosos mais notaveis
Que aquelles que fallavam nos Bonecros:
Não me servem de nada: está perdida
Aquella graça n'elles. São Comedias
Que não tem um *A'parte;* ora, bem sabe
Que elles eram, senhor, os que faziam
Rir a gente.

VASCO: Sem duvida!

EMPREZ.: Bem sabe
Que era nos *soliloquios* que luzia
A dama que pizava bem as taboas
. . . .
Nem tem os Intermedios dos *graciosos*
(Que èra o sal da Comedia) arremedando
Os amores dos amos; e por fim
Casando-se tambem quando elles casam.
De mais...

VASCO: Que mais?

EMPREZ.: Dizem que são
Em verso...

VASCO: Mas não são?

EMPREZ.: Ao menos d'estes
Com que fômos criados certamente.
Eu conheço o que é *Romance* e *Redondilha,*
Endecha, Madrigal, Silva, Canção,
Decimas e *Quintilha, Outava rima.*

VASCO: E consoantes?

EMPREZ.: Nada, nada d'isso
Consoante?! Deos livre! A tal Arcadia
Lá terá de dar conta d'esses dannos
Que fez á Poesia, irreparavel!

VASCO: Mas que casta de verso?

EMPREZ.: Prosa escripta

A' maneira de verso...............
O melhor me esqueci.

VASCO: Diga lá...

EMPREZ.: Comedias sem amor...

Pois o amor
Cá no meu entender, e não tem duvida,
Não é carne de vaca dos Theatros?

Manoel de Figueiredo, *Poeta em annos de prosa,* (Theatro, t. IV, 288.)

SEXTA EPOCA

ESCHOLA ROMANTICA

(SECULO XIX)

Agora os sons do canto embravecidos
Co' as delicias de Paphos e Amathunta,
Por namorados bosques, aguas limpidas,
Fresquidões deleitosas vão soando.
—Eis vês a filha das cerúleas ondas,
A bella Venus, que repoiso amigo
Delicioso lhes traz; ilha divina
Onde quanto espalhou a natureza
Por mares, céos e terra em formosura
Tudo ajuntou ali: copados bosques,
Cantos d'amena sombra; vecejantes
Relvas em que o primor de seus matizes
Esmerou Flora, e lh'as bordou mais lindas
Que o proprio leito onde com doces beijos
Zephyro lhe mitiga o ardor da sésta;
Murmurantes arroios, mansamente
Em seu correr d'amores conversando
Co' as dryadas do bosque; os rubicundos
E dourados thesouros de Pomona.
Oh que scena de languidos prazeres.
Que paraiso de deleite, ó Venus!
Pelo travesso filho asseteadas
As esquivas Nereidas suspirando,
Seguem a bella deusa que promette
A suspirar tão doce um doce premio.

Mas em mar leite navegando alegres
Os esforçados nautas já descobrem
Entre a alva espuma das ambientes aguas
Viçar a Ilha formosa: qual no seio
Lacteo-termente da modesta noiva
Puro verdeja o sponsalicio ramo.

Já proa e rumo para ali apontam;
Eis chegam, eis do encanto e maravilha
Absortos pasmam.... pela sombra amena
Se embrenham, caça agreste procurando.
Mas ferida lh'a tinhas, Erycina,
Menos aspera já, mais doce e linda.
Correndo vão após as nymphas bellas,
Que fogem, que se escondem, mas fugindo
Nem tudo escondem; fogem, mas tão leve
Não corre o lindo pé que não tropece...
E cáem.... Certa amor canta a victoria,
Se lhe cae sobre a relva o fugitivo.
Oh! que famintos beijos na floresta!
E que mimoso chôro que soava!
Que afagos tão macios!... Breve e rapido
No seio do prazer se esvae o dia.

Garrett, *Camões*, cant. VIII, st. XII—XIII.

AS MINHAS AZAS

242 Eu tinha umas azas brancas
Azas que um anjo me deu,
Que em me eu cansando da terra
Batia-as, voava ao céo.
—Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que m'as deu;
Eu innocente como ellas
Por isso voava ao céo.

Vem a cobiça da terra,
Vinha para me tentar;
Por seus montes de thezouros
Minhas azas não quiz dar.
Veiu a ambição, co' as grandezas,
Vinham para m'as cortar,

Davam-me poder e gloria;
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra
Batia-as, voavas ao céo.

Mas uma noute sem lua,
Que eu contemplava as estrellas,
E já suspenso da terra
Ia voar para ellas,
—Deixei descair os olhos
Do céo alto e das estrellas....
Vi entre a nevoa da terra
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Já não se erguiam ao céo.

Cegou-me essa luz funesta
De infeitiçados amores....
Fatal amor, negra hora
Foi aquella hora de dores!
—Tudo perdi n'essa hora
Que provei nos seus amores
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Penna a penna me cahiram....
Nunca mais voei ao céo.

Garrett, *Flores sem fructo* n. XIX.

PARTIDA

243 Ai, adeus! acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado;
Sôa a hora, o momento fadado,
E' forçoso deixar-te e partir.
Quão formosos, quam breves que foram
Esses dias d'amor e ventura!
E quão cheios de longa amargura
Os da ausencia vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes:
Já o outono lhe despe os encantos;
Cêdo o inverno com gélidos mantos
Baixará das montanhas d'alem.
Tudo triste sombrio e gelado,
Ficará sem verdura nem flores;
Tal meu seio privado d'amores
Ficará de ti longe tambem.

Não sei mesmo, não sei se o destino
Me dará que eu te abrace na volta...
Ai quem sabe onde a vaga revolta
Levará meu perdido baixel?
Talvez longe de ti na tormenta,
Açoitado por ventos funestos,
Sumirá para sempre meus restos
Nas voragens d'ignoto parcel.

Mas, oh! longe esta ideia sombria!
Longe, longe o cruel desalento!
Após dias d'amargo tormento
Virão dias mais bellos talvez.
Dá-me ainda um sorriso em teus labios
Uma esp'rança que esta alma alimente,

E na volta da quadra florente
Eu co' as flores virei outra vez.

Mas se as flores dos campos voltarem
Sem que eu volte co' as flores da vida,
Chora aquelle que em tumba esquecida
Dorme ao longe seu longo dormir:
E cada anno que o sôpro do outono
Desfòlhar a verdura do olmeiro,
Lembra-te inda do adeus derradeiro,
D'este adeus que te disse ao partir.

Soares de Passos, *Poesias.*

SCENA DA TRAGEDIA *CATÃO*

244

MANLIO: E' Decio o embaixador.
CATÃO: Quem? Oh vergonha!
Decio, um equestre!... Vista indigna!
DECIO: A Catão saudar Cesar envia.
CATÃO: Catão não vejo aqui, vejo o Senado.
Eu Cesar não conheço.
DECIO: O invicto, o grande
Triumphador do mundo a ti me envia.
Suas hostes em frente d'estes muros
O signal só aguardam da peleja...
Antes o da victoria. Mas tal preço
Tem Catão a seus olhos, tanto adora
O Dictador magnanimo as virtudes
De seu grande inimigo, que estremece
Pela primeira vez, e mal se atreve
A seguir a fortuna que o precede.
Diante do teu seu genio acovardado
Vacilla: teme o vencedor da terra
De ficar vencedor! Tal é o zelo,

O empenho, com que á custa de seus louros
Quer salvar os teus dias preciosos.
No rendido universo tu sómente
Lhe resistes: e a grande alma de Julio
Com tal competidor se ensoberbece.
Virtuosa vaidade, ambição nobre!
Triumphar de Catão Cesar deseja,
Mas não co' a espada. Generoso outorga
Aos companheiros teus, por teu respeito
Amnistia geral: dadiva tanta
Por condições só tem—Catão amigo.

CATÃO: Disseste?
DECIO: Disse.
CATÃO: Julio nada envia
A dizer ao Senado?
DECIO: Nada.
CATÃO: Parte.
DECIO: Catão, ouve um momento. Os teus amigos
Queres sacrificar? Queres tu mesmo
Desafiar do vencedor as iras?
Quando elle generoso vem propôr-te
O sancto bem da paz, nem ouvir queres
As condições?
CATÃO: As condições são estas:
Desarme as legiões; deponha a purpura;
Abdique a dictadura; á classe torne
De simples cidadão; e humilde aguarde
A sentença de Roma! Então eu proprio
Quanto inimigo fui, cordeal amigo,
Seu defensor serei. Jamais no Fóro
No Senado se ergueu meu brado austero
Para defender crimes:—e a tal crime
Como o d'elle, Catão será patrono.
Sel-o-ha: por elle subirei aos Rostros,
E heide pedir, rogar, supplice, humilde

Empenhar quanto sou e valho em Roma,
E alcançar-lhe o perdão, volvel-o á patria.

DECIO: Vê que...

CATÃO: Nada vejo

DECIO: Acaso ignoras
Quem Cesar nomeou á dictadura?
Que o Senado de Roma?...

CATÃO: Esse Senado
E' vil rebanho dos mais vis escravos:
Nem ás margens do Tibre existe Roma.
Eu e os que vês, nos sômos o Senado:
E em nossos corações é que está Roma.

....

Garrett, *Catão,* acto II, scen. V.

FIM.

INDICES

POETICA HISTORICA PORTUGUEZA

PARTE I

DA METRIFICAÇÃO (*)

(*) Os numeros referem-se aos paragraphos da Poetica.

*

PARTE II

DA TAXONOMIA POETICA

Eschola franceza

Eschola bretã

II—Eschola hespanhola

Genero epico

B) IMITAÇÃO ITALIANA

Forma epica

Forma lyrica

Formas dramaticas

IV—Eschola seiscentista

V—Eschola arcádica

VI—Eschola romantica

ANTOLOGIA PORTUGUEZA

PRIMEIRA EPOCHA

ESCHOLA PROVENÇAL

(SECULOS XIII E XIV)

Secção 1.ª — Eschola gallega ou jogralesca

(*) Os numeros referem-se ás paginas da Antologia.

Secção 2.ª — Cyclo dionisio de imitação franceza

Secção 3.ª — Influencia das tradições bretãs

SEGUNDA EPOCHA

ESCHOLA HESPANHOLA

(SECULO XV)

TERCEIRA EPOCHA

ESCHOLA QUINHENTISTA

(SECULO XVI)

Secção 1.ª—Eschola hispano-italica

Secção 2.ª — Eschola italiana

Secção 3.ª — Eschola da medida velha

QUARTA EPOCHA

ESCHOLA SEISCENTISTA

(SECULO XVII)

QUINTA EPOCHA

ESCHOLA ARCÁDICA

(SECULO XVIII)

SEXTA EPOCHA

ESCHOLA ROMANTICA

(SECULO XIX)

